

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**OS CAIXEIROS NO CEARÁ: TRABALHO E
EDUCAÇÃO NA REVISTA PHENIX – 1891 – 1916.**

Francisco de Assis Santos de Oliveira

Fortaleza – Ce
Abril/2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**OS CAIXEIROS NO CEARÁ: TRABALHO E
EDUCAÇÃO NA REVISTA PHENIX – 1891 – 1916.**

Francisco de Assis Santos de Oliveira

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Ceará, para obtenção
do grau de mestre em História Social.

Fortaleza – Ce
Abril/2005

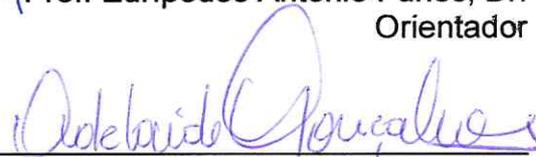
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

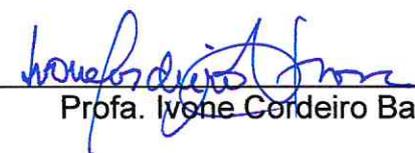
**OS CAIXEIROS NO CEARÁ: TRABALHO E
EDUCAÇÃO NA REVISTA PHENIX – 1891 – 1916.**

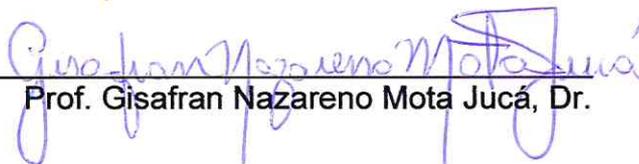
Francisco de Assis Santos de Oliveira

Esta dissertação foi julgada e aprovada, na forma final, pelo Orientador e
Membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:


Prof. Euripedes Antonio Funes, Dr.
Orientador


Adelaide Gonçalves, Dra.
Orientadora


Profa. Ivone Cordeiro Barbosa, Dra.


Prof. Gisafran Nazareno Mota Jucá, Dr.

Ficha catalográfica

048C Oliveira, Francisco de Assis Santos de.

Os Caixeiros no Ceará: Trabalho e Educação na Revista Phenix –
1891 – 1916/ Francisco de Assis Santos de Oliveira . – Fortaleza, 2005
N°. de páginas – 197 páginas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,
Departamento de História, Mestrado em História Social.

Orientador: Eurípedes Antônio Funes / Adelaide Gonçalves

1. Imprensa Operária 2. Trabalho – Ceará 3. Educação - Ceará
Oliveira, Francisco de Assis Santos de.

*À memória dos meus pais por tudo que sou hoje.
À Auxiliadora minha companheira de todas as horas.
Aos meus filhos – Sara e Leonardo – que ainda têm muito que caminhar pela
vida.
Uma gratidão toda especial pelo incentivo de minha grande amiga Cleide.
Ancilon que sempre acreditou no meu potencial e aguardava este momento
com expectativa e esperança.*

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de História por oportunizar o tempo para este trabalho.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro.

Aos colegas do Departamento de História pelas contribuições.

Aos colegas de mestrado, pelas discussões enriquecedoras.

Aos professores do mestrado pelos novos conhecimentos.

Aos professores Ivone Cordeiro Barbosa e Frederico de Castro Neves, pelas contribuições.

Agradecimento especial aos orientadores Professor Eurípedes Antônio Funes e Professora Adelaide Gonçalves, presentes em todos os momentos deste estudo.

A «Phenix Caixeiral» é uma nascente benfazeja de benefícios incalculáveis. Preparando moços para o comércio, aparelha homens para a sociedade. Dotando-os com ensinamentos indispensáveis á pratica da vida, forma-lhes os fundamentos seguros de futuras carreiras brilhantíssimas. Os caixeiros, hoje, graças a ela, já não estão, para sempre, condenados a ser os humildes instrumentos de um senhor, agrilhetados ás taboas bolorentas de um balcão. Soergue-os um ideal superior. Olham mais alto. De outros misteres mais honrosos e mais dignos podem fazer a sua profissão.

Dolor Barreira,

RESUMO

A temática do associativismo e experiências dos trabalhadores, compreendendo as relações sociais, no mundo do trabalho, tem se configurado como objeto significativo no campo da história social, no qual se insere o presente estudo sobre os caixeiros no Ceará, buscando discutir, com a leitura da Revista Phenix, o sentido da Instrução e da Educação para o Trabalho, os costumes, as leituras e as relações sociais constituídas pelos 'moços do comércio', nas primeiras décadas do século passado. Na primeira parte, trata-se de contextualizar a economia cearense e a inserção social dos caixeiros buscando relacioná-los com a sociedade e as outras categorias de trabalhadores, bem como com a estrutura de poder. Num segundo momento, é feita uma análise da apropriação pelos caixeiros do lema – Trabalho e Educação, como via de inserção e ascensão social no contexto local e como construíram, dentro dos limites permitidos, estratégias de lutas. Por fim foi feita uma leitura pormenorizada da Revista Phenix, no período de 1911 a 1914, como exercício educacional e literário dos estudantes da Escola de Comércio da Sociedade Phenix Caixerai. Neste momento, o foco incide sobre os escritos acerca dos temas trabalho e educação, associativismo, a inserção dos caixeiros no mundo das letras e da filosofia, bem como apresenta o índice analítico das temáticas abordadas na revista.

Palavras chaves: Educação, Instrução, Trabalho, Imprensa dos Trabalhadores.

ABSTRACT

The partnership thematic and the experiences of the workers, according to the social relations in the world of the work, has configured as significant object in the field of social history, in which the present study is inserted in Ceará, discussing, from the reading of the Phenix Magazine, the direction of the Instruction and the Education for the Work, the customs, the readings and the social relations consisting the ' young men of the commerce ' in the first decades of the past century. Firstly it contextualizes Ceará economy and the social insertion of the traveling searching to relate them with the society and the other categories of workers as well as with the power structure. Secondly as an analysis of the appropriation for the traveling of the theme - Work and Education, as way of insertion and social ascension in the local context and as they had constructed inside the limits allowed, their strategies of fights. Finally a detailed reading of the Phenix Magazine was done, according to issues from 1911 the 1914, as educational and literary exercise of the pupils of the School of Commerce of the Phenix Caixerel Society. At this moment the focus refers to the writings concerning the subjects work and education, partnership, the insertion of the travelling in the world of the languages and philosophy, as well as the analytical index of thematic in the magazine.

Words keys: Education, Instruction, Work, the Press of the Workers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	10
Os Caixeiros na historiografia -----	18
CAPÍTULO 1	
OS LABORIOSOS MOÇOS DO COMÉRCIO DE FORTALEZA: CONSTRUINDO O ASSOCIATIVISMO -----	25
1.1- Fortaleza em fins do Século XIX -----	25
1.2- Os Caixeiros -----	35
1.3- Os Caixeiros: práticas de sociabilidade -----	41
1.4- Ave Phenix: “a benemérita associação dos moços do comércio” ----	43
1.5- A Phenix Caixeiral na Esfera Pública: aproximações com o poder local -----	49
1.6- Os Caixeiros no Movimento Operário Cearense: divergências de estratégia e concepção -----	51
CAPÍTULO 2	
INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: “O LEMA DA MOCIDADE LABORIOSA DO COMÉRCIO -----	57
2.1- Educação e Integração Social -----	60
2.2- Educação e Ascensão Social -----	71
2.3- Outras Estratégias de Educação: a função pedagógica das romarias cívicas -----	81
2.4- Os Usos da Memória como Pedagogia pelo exemplo -----	84
CAPÍTULO 3	
A REVISTA PHENIX: “LETRAS IMPRESSAS POR MOÇOS QUE VIVEM NO TRABALHO E DO TRABALHO” -----	91
3.1- A Revista Phenix – “Arregimentadora de uma Plêiade de Novos” ----	92
3.2- Um Programa Phenixita: “Da métrica do balcão à métrica dos versos” -----	96
3.3- A Polifonia da Revista Phenix: literatura, doutrina, costumes e crítica social -----	100
3.4- Na vertente literária o discurso da reivindicação da crítica social ----	114
3.5- A Permanência da Revista no Tempo: os mecanismos de sustentação da revista -----	119
3.6- O Espaço dos Anúncios e Anunciantes na Revista -----	123
3.7- O Intercâmbio e Circulação das Idéias -----	124
3.8- Aniversário da Revista: Conteúdos de auto-celebração e de legitimação -----	125
3.9- A Revista Phenix e os Grêmios Literários: “pelo alevantamento moral da mocidade” -----	130
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	134

BIBLIOGRAFIA	136
ANEXOS	144
Anexo I	145
Anexo II	148
Anexo III	150
Anexo IV	158
Anexo V	172

INTRODUÇÃO

Ah! Como é difícil voltar ao passado, aliás, nem sei se é possível, mas vou, ao menos tentar, a aproximação da experiência contada porque a experiência vivida é hoje, o aqui e o agora com determinações e significações de cada momento e suas mudanças. Por isso que, nestes primeiros momentos, pretendo apresentar contextualização do objeto de estudo, a partir das fontes pesquisadas, repetindo o programa rankeano de fazer história: "A História se faz com documentos". O problema está na interpretação e apropriação da assertiva que, com mais precisão, é que o verdadeiro mister do historiador não consiste, como outros presumem, no querer erigir-se em juiz supremo do passado, a fim de instruir os contemporâneos em benefício das vindouras gerações. O que ele se propõe é apenas mostrar os fatos como efetivamente ocorreram.

Depois de reler a citação, não me soou bem aos ouvidos, parece mesmo contradizer o que tinha dito acima, mas vamos adiante, talvez tenha que dizer de outra forma para evitar mal-entendidos. Aliás, acho que necessário se faz dosar a teorização em benefício do empírico em que acredito. As ações humanas, a experiência, a cultura, no mais alargado significado, é que dimensionam a História Social como abordagem das ações humanas, quer dos sujeitos da história, quer das várias instâncias da sociedade.

Afinal, onde estão os fatos que caracterizam o objeto em sua contextualização? É o que segue: o desafio a enfrentar.

Na busca de nexos de referências com o passado para, de alguma forma, entender o presente, apontam-se vários conceitos da História Social como a tradição, as identidades culturais, manutenção da memória (resgates para quê?). Talvez o simples registro das experiências dos trabalhadores seja já razão suficiente para que a temática em estudo se torne relevante para a historiografia cearense, como a história e memória dos caixeiros do Ceará.

Desde a primeira metade do século XIX, o Brasil subsumido pelo processo colonial, no sistema capitalista, assume diferentes formas de inserção, mediante incipiente industrialização de manufaturados ou do comércio exportador e importador, como é o caso do Ceará. Nesse contexto, surgiram os "Cai-

xeiros”, de forma mais expressiva, nos finais do século XIX e toda primeira metade do século XX, como categoria de trabalhadores do comércio.

A essa categoria de trabalhadores, dedico este estudo, tendo-a como objeto de pesquisa sob a ótica da História Social, com o título “Os Caixeiros do Ceará – trabalho e Educação – 1891 – 1920, buscando contemplar a imprensa dos caixeiros e, em particular, a Revista Phenix (1911– 1914), possibilitando, assim, ampliar o conhecimento histórico da palavra impressa dos “jovens moços do comércio” no Ceará.

As fontes compulsadas são variadas. Começo pela leitura de memoria-listas, de artigos da revista do Instituto do Ceará e dos jornais da época, chegando estudos realizados em outros estados, sobre os “Caixeiros”, mas a Revista Phenix do período de 1912 – 1916 é analisada para aprofundamento da compreensão dos “Caixeiros do Ceará: Trabalho e Educação” (1891 – 1920).

A produção historiográfica contemporânea enfrenta dilemas e desafios da história contada e o registro dos fatos. O conhecimento, patrimônio de todos, a quem serve hoje? A temática relevante e eficácia reduzem-se ao simples registro dos fatos marcados pelo relativismo e pluralismo de interpretação.

Tem a história algo a nos ensinar? O reconhecimento e a continuidade dos antepassados satisfazem o sentido da história? Consensos e dissensos da historiografia moderna, segundo os tempos diferenciados, dão significados à história?

Considero que a discussão epistemológica em alguns momentos, é importante, nunca de forma solipsista. Aliás, sinto uma necessidade permanente de explicitar a razão suficiente da ciência histórica, incluindo o estudo de categorias de análise como experiência, cultura, resistência e identidades. Neste sentido, vai além da visão do classicismo cientificista da história, do programa positivista, do idealismo ou da história política ou do economicismo marxista.

A evolução das Ciências Sociais, em geral, de forma mais específica, da ciência histórica tem assumido cada vez mais as dimensões mais variadas, dando à história social conotações enriquecedoras e heterogêneas, antes improváveis de imaginação.

Não é sem razão que as teorias da Ciência, quase de forma consensual, afirmam a provisoriedade do conhecimento. O processo de produção do conhecimento se, por um lado, é praticado pela instantaneidade como, por

exemplo, no campo da ciência das comunicações, por outro, há também justaposição de experiências, principalmente o acréscimo, em ritmo célere e cumulativo, do saber científico, tornando-o cada vez mais complexo, quer do ponto de vista metodológico, quer quanto à abrangência de sua compreensão.

A perspectiva da História Social como análise da sociedade assume também as várias abordagens dos sujeitos históricos, no processo de compreensão da realidade, daí a necessidade permanente da reinvenção ou recriação de novos conceitos e categorias para análises das mudanças.

Sem querer deter na abordagem da teoria do conhecimento, sinto a necessidade de explicitar alguns princípios da teoria da história contemporânea que apontam, necessariamente, as tendências e os supostos da historiografia, sob a ótica da História Social.

Aliás, para fins de discussão posterior, o que constitui dilema ou desafio, mesmo pesquisando no campo da história, não vejo como não refletir as relações entre Filosofia e História. Talvez isso se deve à minha formação histórico-filosófica, mais uma questão a ser levada em conta na elaboração da dissertação.

Assim, julgo imprescindível o uso das categorias anteriormente mencionadas como: hegemonia, experiência, cultura, resistência, as relações na sociedade, nas estruturas de poder mediatizadas pelo Estado, concretizadas em várias formas de constituição de poder, norma e controle.

Como último ponto dessas reflexões, inclui-se o conceito de cultura, no significado mais abrangente das várias conexões, no âmbito da política, antropologia, sociologia e da história, o que a produção historiográfica atual traduz como campo de atuação da "experiência humana".

Tomando, como ponto de partida, Raymond Willians, em "Marxismo e Literatura", destaco a importância central do conceito de cultura, na formação do pensamento contemporâneo, no sentido teórico e prático a que ele se refere. Isso se justifica por incorporar não só as questões, mas também as contradições do processo.

Por isso o autor afirma que esse conceito funde e confunde as experiências e tendências radicalmente diferentes de sua formação, destaca o movimento permanente de suas significações. Outra característica relevante, na

obra, é a compreensão histórica do conceito de cultura. Não podemos fazer análise cultural sem consciência do próprio conceito.

A afirmação do autor ilustra o que se vem desenvolvendo com relação ao conceito de cultura:

“quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos – os conceitos como se diz dos quais partimos – não são conceitos mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não desenvolvidos. Não há sentido em se dar ouvidos aos seus apelos ou seus entrecosques ressonantes. Resta-nos apenas, se o pudermos, recuperar a substância de que suas formas foram separadas”¹.

Analisando a evolução e formação do conceito de cultura, Raymond Williams parte da densidade e compreensão do conceito na contemporaneidade e estuda e descreve o processo histórico das significações e dos sentidos que assumiu em situações históricas determinadas. Articulando os conceitos sociedade, economia, cultura, dentro da formulação histórica, sintetiza-os como unidade de experiências constitutivas do social, reconceitua cultura, atribuindo-lhe significação enriquecida e ampliada.

Como quase exegese, afirma a limitação de outros conceitos em relação ao de cultura, pelo mesmo, apresenta várias facetas, como o natural e o histórico, o construído, por exemplo, quando se refere à sociedade burguesa ou ao paradigma de análise do mundo iluminista.

A cultura até o século XVIII constituía crescimento, cuidado de colheitas e animais e, por extensão, crescimento e cuidado das faculdades humanas. Na compreensão moderna, os três conceitos, embora de ritmos diferenciados, em algum momento, se articulam e se completam afetado um pelo movimento dos outros.

Essa articulação com novas modificações, no processo, traz novas idéias tornando a experiência cada vez mais rica e complexa, procedendo, assim, à análise cultural, no desenvolvimento histórico mais amplo, demonstrando os limites dos outros conceitos.

No entanto, para se compreender a historicidade do conceito de cultura, faz-se necessário relacioná-lo com o de civilização.

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p.18.

A noção de civilização, vista sob o prisma da organização social, via o homem como ordem estabelecida, visão essencialista, religiosa e metafísica. Todavia, na medida que o pensamento moderno estabelece relação com o conceito de cultura, pode-se pensar em outro nível de compreensão que desmistifica o instituído, o teleológico, para se tornar o homem civilizado, criativo, imaginativo, estético. É o que o autor chama de processo de secularização e liberalização da Cultura.

Decorrente do processo de formação do pensamento moderno, que busca compreender o homem na historicidade, têm-se as relações sociais e culturais como expressão da revolução industrial e seus antagonismos. E o processo civilizatório vai se tornando ambíguo, denotando dois níveis da Cultura e Civilização: o universalismo de enfoque do mundo como realizado, e o mundo da Cultura construído pelas novas idéias e conquistas, inclusive com os antagonismos, as diferenças e exclusões. A esse processo, o autor chama "uma nova bateria de forças foi estruturada contra a cultura e a civilização", nas formas pensadas como materialismo, comercialismo, democracia e socialismo.

Outro aspecto importante do conceito de cultura é a dimensão social que o autor destaca a partir de novas condições dadas que vão além das artes e do processo que constitui a civilização.

Outro ponto fundamental é a complexidade do conceito de cultura, relacionando-o com a evolução das ciências, que cada vez mais se desenvolvem de forma plural assumindo várias configurações no campo das ciências humanas e sociais, daí as múltiplas possibilidades de leitura e interpretação da realidade.

Os vários aspectos da história do trabalho favorecem o estabelecimento de múltiplas relações com outros campos de conhecimento desde as relações com a estrutura de poder, o sistema econômico, bem como a relação entre as classes, e, principalmente, com o conceito de cultura, na amplitude possível em que é concebido na contemporaneidade.

Aliás, mais que antes, a ciência contemporânea encara a heterogeneidade como uma de suas principais características, o que se traduz pela interdisciplinaridade, constituindo quase consenso entre os epistemólogos e os que estudam o método científico em geral, ao menos, no campo das ciências humanas.

Neste contexto, analisam-se algumas categorias abordadas pelos autores, ao considerar o trabalho campo específico da História Social.

A perspectiva mais abrangente com relação a este estudo é a categoria trabalho, no processo de expressão da formação social do capitalismo, desde as relações com o agrarismo, bem como na constituição urbana e industrial, estabelecendo ligações com o todo social. Como conseqüência, a análise da dominação com relevância da abordagem da hegemonia como correlação de forças entre dominantes e dominados, nas várias instâncias da estrutura de poder.

Para fins de substancialidade que justifique algumas elaborações teóricas da moderna historiografia que fundam a temática do movimento operário, e que se refere, de forma mais específica, ao tema da dissertação "Os Caixeiros", outra categoria de análise de fundamental importância é o conceito de experiência na visão thompsoniana².

Nessas reflexões, com a retomada de algumas considerações sobre as categorias que conformam a história social do trabalho, não podemos deixar de incluir o polissêmico conceito de cultura como tradução da transdisciplinaridade, na produção do conhecimento, como explicitação e descrição dos processos sociais, como escrita da história.

Em conclusão à parte de tentativa de identificação e caracterização, de forma sintética de alguns conceitos que fundamentam a categoria trabalho, na Formação Social Capitalista, não podemos deixar de nos referir ao conceito de resistência, ou às formas de atuação das classes subalternas diante do instituído, das imposições das formas de submissão nas relações estabelecidas com as estruturas de poder, nas mais variadas formas.

Em que medida o estudo dessas categorias pode estar relacionado com a temática desta pesquisa? Como a análise e reflexões, sobre as mesmas, favorecem o aprofundamento e a compreensão da história dos Caixeiros no Ceará? Como dizem os epistemólogos, "pesquisar é antes de tudo perguntar, inquirir, procurar a respeito do objeto de estudo".

² THOMPSON, Eduard P. *A Formação da Classe Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
– Para Thompson a experiência é um conceito chave para o sujeito atuar e assumir uma Consciência Social. Projeto PUC. P. 309/Joan Scott – Uma experiência invisível.

Para responder, ainda que provisoriamente, a essas questões, sirvo-me de algumas passagens de textos, sobre as categorias indicadas para fins de explicitar o uso como fundamentação teórica da temática em estudo.

Comentando a contemporaneidade do Marxismo com relação ao conceito de “Experiência”, Célia Paoli³ ressalta a reinterpretação de classe a partir da história “Vista de baixo”, fundada não apenas na estrutura, mas que leva em conta a historicidade dos sujeitos abordados, a partir da cotidianidade, em relação com outros conceitos: estrutura de poder, cultura, as formas engendradas de resistência. Na perspectiva da história vista de baixo, a historiografia tem aprofundado os estudos sobre a categoria da resistência, vislumbrando outros vieses que fogem aos padrões clássicos.

Com relação aos Caixeiros, por exemplo, o movimento “Fechem as portas para descansar”, de 1879, traduz a luta das oito horas de trabalho, e constitui o uso de estratégias não convencionais de reivindicação, na busca de melhores condições de trabalho e direitos sociais.

Sem a pretensão de fazer a exegese do surgimento da categoria experiência, empreendem-se algumas reflexões do seu significado, na perspectiva da produção historiográfica, atentando sempre à possibilidade de relacioná-la com a temática da pesquisa.

Para situar historicamente o aparecimento do conceito na conotação atual de podemos dizer que surge com a ciência moderna, mas, como disse anteriormente, não me preocupa a arqueologia do conceito, é apenas um marco de referência. Afinal, a experiência como dado do saber remonta à tradição filosófica desde a antiguidade.

Dentro dos limites de análise do conceito, a partir da leitura de Joan W. Scott - “A Invisibilidade da Experiência”, tecem-se algumas considerações. Segundo a autora, “O conhecimento é adquirido através da visão; a visão é uma apreensão direta de um mundo de objetos transparentes. Nesta conceitualização o visível é privilegiado; o escrever é, portanto, colocado a seu serviço”.

³ PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na fala dos Outros. In. *Cultura e Identidade. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora* org. José Sérgio Leite Lopes. p. 57.

Olhar é origem do saber. Escrever é representação, transmissão – a comunicação do conhecimento adquirido através de experiência visceral ⁴.

Sem a preocupação de abordar todos os aspectos levantados pela autora, destacam-se alguns pontos necessários, neste trabalho. Scott demonstra profundidade e complexidade dos diferentes prismas de abordagem conceitual da experiência, denota os vários significados possíveis do conceito, realizando verdadeira ação de garimpagem com os autores que tratam dele nas várias dimensões, como filósofos, antropólogos e outros, aos historiadores, porém a autora dá atenção especial. Por essa razão é interessante examinar os usos da “experiência” por historiadores.

Com esse exame, pergunta-se se a história pode existir sem fundamentos, e, no caso, como seria. A própria autora continua argumentação e responde:

... “Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. Esse tipo de historicização representa uma resposta aos historiadores contemporâneos que argumentaram que a “experiência” desproblematizada é o fundamento de suas práticas; é uma historicização que implica exame crítico de todas as categorias explicativas tomadas normalmente como óbvias, incluindo a categoria de “experiência” ⁵.

Analisando algumas questões da categoria da “experiência”, Scott comenta a posição de alguns historiadores diante do conceito.

Na leitura que Scott faz de Thompson, concorda e releva a dupla dimensão do conceito com a explicação do sujeito como ser social e consciência social que lhe favorece o fazer-se no processo histórico. Contudo, segundo Scott, ele acentua a dimensão ôntica da experiência porque não releva aspectos referidos à diversidade múltipla do homem sujeito circunscrito à formação social do modo de produção capitalista ⁶.

Para Raymond Williams, a experiência adquiriu outra conotação, no século XX, em contraponto às idéias de testemunho subjetivo, imediato, verdadeiro e autêntico. Neste sentido, refere-se a influências externas aos indivíduos

⁴ SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência trabalhadora. In. *Projeto História*, nº 16, São Paulo: PUC-SP. fev. 1998, p.306.

⁵ Idem. pg. 304.

⁶ Idem pg. 311.

– condições sociais, instituições, formas de crenças ou de percepção – coisas “reais” fora deles as quais reagem, e não incluem seus pensamentos ou considerações.

Os Caixeiros na historiografia

Vários autores que estudam Fortaleza no século XIX, cronistas, memorialistas, ou mesmo, historiadores de época e pesquisadores contemporâneos chegam a um consenso: a evolução urbana e o crescimento de Fortaleza devem-se ao aparecimento e desenvolvimento das atividades comerciais.

A produção historiográfica de Fortaleza é considerável e, na medida da oportunidade com relação à temática desenvolvida, citem-se alguns autores, em particular, os que tratam das atividades comerciais, sabendo dos Caixeiros.

A história dos Caixeiros, no Ceará, vem sendo pouco a pouco escrita. Daí o objeto desta pesquisa, se tornar desafio, pois com relação ao tema, em outros estados, existe uma bibliografia sobre os Caixeiros, em livros, teses, trabalhos apresentados em Simpósios, revistas, etc.

Falar da memória e atuação dos Comerciantes do Ceará, em outros tempos, Caixeiros, não é que a historiografia tenha sido omissa, ao se dizer desafio, senão a forma de abordar a questão. O tema enquanto se dilui nos temas maiores e a sua história não despertou, de forma pontual, a abordagem. Daí, a importância e relevância de seu estudo, aliás, essas exigências se explicam pelas novas significações das categorias trabalho, movimento operário, sindicalismo e tantas outras que dizem respeito à própria redefinição do conceito de classe e ampliação do conceito de cultura.

Com isso, não queremos afirmar que os Caixeiros do Ceará não tenham história. Existe vasta documentação a ser conhecida e estudada, memorialistas, cronistas, bem como de escritores e romancistas da literatura Cearense. Não podemos deixar de registrar a fonte literária elaborada a partir dos que vivenciaram a atividade comercial, como trabalhadores⁷.

Até então os sujeitos sociais eram percebidos ou ocultados, na discussão mais ampla sobre o operariado. A produção historiográfica estava mais

⁷ THEOPHILO, Rodolpho; PAPI Jr.; LIMA Rocha; JUSTA, Antonio e outros. Citação Intelectuais que trataram a vivência da própria história dos Caixeiros.

preocupada em discutir a formação, as estruturadas e as matrizes ideológicas do movimento sindical, e, em alguns casos, tendência de entendimento do Brasil, no eixo Rio-São Paulo. Nesta perspectiva, podemos colocar os estudos de Leôncio Martins Rodrigues – “Conflito industrial e sindicalismo no Brasil”, de 1966, que deteve suas considerações sobre São Paulo pela “facilidade de acesso à documentação paulista”.

Luiz Werneck Viana aborda, em *Liberalismo e Sindicato no Brasil*, a questão do trabalho e do operariado, na visão clássica do processo de industrialização, propondo uma periodização paralela a evolução política – de forma geral, tenta ressaltar o papel do Estado como organizador do mundo do trabalho, sem, porém, esquecer o operariado como contraponto à estrutura de poder⁸.

Argumentos semelhantes aos de Leôncio Martins foram empregados por Sheldom Leslie Maram, em 1979, para justificar seu estudo “*Anarquistas, Imigrantes e Movimento Operário Brasileiro -1890-1920*” centrado em São Paulo e Rio de Janeiro. “Excluimos o nordeste por não ter ele vivido uma experiência significativa de sindicalização, embora tenham ali ocorrido greves notáveis.”

Também foi o acesso a poucos documentos, fora de São Paulo, que levou Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall, em sua obra “*A classe operária no Brasil – documentos 1889-1930*”, fazer uma leitura do operariado brasileiro, nos estados do sudeste, em particular, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos modelos explicativos do movimento operário, o trabalho de Francisco Foot Hardman e Victor Leonardi, *História da indústria e do trabalho no Brasil*, 1982, é exceção à produção acadêmica, abordando as expressões regionais do movimento operário brasileiro: o proletariado nas regiões Norte, Nordeste, Sul e interior do Sudeste.

Mesmo os estudos que têm como objeto movimentos fora do eixo Rio-São Paulo, na década de 1970, acabaram por tomar como referência a produção das regiões, política e economicamente, hegemônica, o que acabou por empobrecer a história local. Paradigma unitário com base restrita não passa de “efeito de poder” face à incontestável heterogeneidade da sociedade brasileira.

⁸ VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

preocupada em discutir a formação, as estruturas e as matrizes ideológicas do movimento sindical, e, em alguns casos, tendência de entendimento do Brasil, no eixo Rio-São Paulo. Nesta perspectiva, podemos colocar os estudos de Leôncio Martins Rodrigues – “Conflito industrial e sindicalismo no Brasil”, de 1966, que deteve suas considerações sobre São Paulo pela “facilidade de acesso à documentação paulista”.

Luiz Werneck Viana aborda, em *Liberalismo e Sindicato no Brasil*, a questão do trabalho e do operariado, na visão clássica do processo de industrialização, propondo uma periodização paralela a evolução política – de forma geral, tenta ressaltar o papel do Estado como organizador do mundo do trabalho, sem, porém, esquecer o operariado como contraponto à estrutura de poder⁸.

Argumentos semelhantes aos de Leôncio Martins foram empregados por Sheldon Leslie Maram, em 1979, para justificar seu estudo “*Anarquistas, Imigrantes e Movimento Operário Brasileiro -1890-1920*” centrado em São Paulo e Rio de Janeiro. “Excluimos o nordeste por não ter ele vivido uma experiência significativa de sindicalização, embora tenham ali ocorrido greves notáveis.”

Também foi o acesso a poucos documentos, fora de São Paulo, que levou Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall, em sua obra “*A classe operária no Brasil – documentos 1889-1930*”, fazer uma leitura do operariado brasileiro, nos estados do sudeste, em particular, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos modelos explicativos do movimento operário, o trabalho de Francisco Foot Hardman e Victor Leonardi, *História da indústria e do trabalho no Brasil*, 1982, é exceção à produção acadêmica, abordando as expressões regionais do movimento operário brasileiro: o proletariado nas regiões Norte, Nordeste, Sul e interior do Sudeste.

Mesmo os estudos que têm como objeto movimentos fora do eixo Rio-São Paulo, na década de 1970, acabaram por tomar como referência a produção das regiões, política e economicamente, hegemônica, o que acabou por empobrecer a história local. Paradigma unitário com base restrita não passa de “efeito de poder” face à incontestável heterogeneidade da sociedade brasileira.

⁸ VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

A prática da história regional pode conduzir mais longe, servir para construir concepções gerais que parecem definitivas, incorporadas a tantos livros, artigos e conferências. Tem-se claro que o movimento operário, literalmente, atravessava as fronteiras estaduais⁹.

A produção historiográfica que tem os caixeiros como categoria social, no cerne das reflexões, começa a ganhar visibilidade nos fins da década de 1980. Entre as obras historiográficas que tomaram os caixeiros como sujeitos centrais para estudo, podemos apontar:

- *Trabalhadores e Patuscos. Os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas, no Rio de Janeiro (1850-1912)*, de Fabiane Popinigi. Trata dos caixeiros, no Rio de Janeiro, e o foco da abordagem é a luta pela regulamentação do trabalho, no comércio do Rio de Janeiro, no período de 1850 a 1912, com destaque da luta pelo “fechamento das portas”, ou seja, pela diminuição da jornada de trabalho e o direito ao descanso semanal. Pontua determinadas questões, nas relações de trabalho, as estratégias em busca da ascensão social da categoria e o campo de disputas à medida que a lógica do capitalismo se exacerba. E assim apresenta o cenário das lutas, a agenda de reivindicações, a prática associativa e as discussões jurídicas e parlamentares sobre a regulamentação do fechamento de portas¹⁰.

- *Comerciários Fechem as Portas Para Descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal*, de João Batista Marçal. Apresenta síntese cronológica da luta dos caixeiros pelo descanso semanal, nos vários estados do Brasil, em destaque o Rio Grande do Sul. Destaca a luta dos trabalhadores do comércio em várias localidades do Estado, pela criação de associações, na fase de assistência e mutual ou nas de caráter marcadamente reivindicativas. De igual modo, apresenta o tema da educação e trabalho como consigna central dos caixeiros e a imprensa como instrumento de doutrina e difusão de suas idéias, por um lado, e, por outro, como exercício literário.

Trata-se de estudo feito para o Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, cuja hipótese central é a de que os caixeiros do Rio Grande do

⁹ PETERSEN, Sílvia Regina F. *Que a União Operária Seja Nossa Pátria*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2001. Ver BATALHA, Cláudio. *Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências*.

Sul foram dos primeiros militantes do movimento operário gaúcho. Os clubes, caracterizados como associações mutuais, tinham sido, segundo o autor, a primeira forma de organização do operariado. Segundo Paulo Cesar Borges Duarte, “esta hipótese fundamenta-se numa periodização tradicional, usada na história do movimento operário, de superação de etapas. Cada etapa equivale, segundo esse modelo, à hegemonia de uma determinada corrente ideológica. Primeiro os mutualistas, depois os socialistas, os anarquistas e por fim os comunistas”¹¹.

- *A Fundação e os Objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul – 1879 a 1890*, de Paulo César Borges Duarte, é parte da dissertação “Clube Caixeiral: o movimento pelo fechamento de portas e a construção de uma identidade coletiva”. O artigo trata da constituição dos clubes caixeirais, no Rio Grande do Sul, e procura discutir se havia definição identitária dos caixeiros no século XIX, que os aproximasse da classe operária.

Segundo o autor, “As lideranças caixeirais militavam em prol dos interesses específicos da categoria. Os discursos visavam ao descanso dominical e à constituição de entidades de caráter mutual, para o engrandecimento da categoria e o bem-estar de seus membros. Em momento algum, nos jornais pesquisados, encontramos matérias genéricas sobre a situação operária ou assunto que ligassem os caixeiros ao movimento operário. As lideranças operárias não ocupavam espaços nos jornais dos caixeiros. Sua linha editorial, portanto, era pautada por interesses da categoria específica. (...) A aproximação dos caixeiros aos comerciantes foi relevante para este distanciamento entre suas lideranças e as lideranças operárias. Isso se devia, principalmente, a que os caixeiros se entendiam como pertencentes ao setor comercial”¹².

Tinham, no entanto, consciência de que eram empregados e assim deviam unir-se. Este é o sentido da frase “*um por todos e todos por um*”. Porém, como membros do corpo comercial, dividiam interesses comuns com os patrões. Ou seja, “as ações das lideranças caixeirais eram pautadas não pelo

¹⁰ POPINIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e Patuscos. Os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado, 1998.

¹¹ DUARTE, Paulo César Borges. *A Fundação e os Objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul – 1879 a 1890*. In. *História em Revista – Vol. 6*. Pelotas: UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica, dez. 2000.

embate em torno de questões de interesse do operariado, mas sim pela busca da ascensão socioprofissional desses trabalhadores em atividades comerciais e mercantis”¹³.

- *Etnia e classe no Mutualismo do Rio Grande do Sul (1854-1889)*, de Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Segundo esse autor, escrevendo sobre as associações mutuais, no Rio Grande do Sul, o fenômeno não é raro pensando como efeito de construção de identidades, étnicas ou de classe. De forma inversa a essa análise, o autor indagou “Sobre a intencionalidade dos agentes sociais que buscam formas de previdência na Província do RS”. Concluindo que, nessa abordagem, há necessidade de “Analisar o mutualismo não como simples efeito da constituição de identidades, mas também como um dos condicionantes no mercado previdenciário local e, em certa medida, também no mercado identitário”¹⁴.

- *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas - .1888-1937*, de Beatriz Loner, que exclui da análise da classe operária os trabalhadores caixeiros, com os seguintes argumentos:

“Obviamente, nestes 49 anos considerados pela pesquisa, a classe operária brasileira foi definindo e delimitando-se, num processo contínuo. Inicialmente, pode-se considerar que ela era formada por todo o trabalhador, cuja sobrevivência dependesse, de forma majoritária, de seu próprio trabalho, (...) mas exclui donos de empresas de oficinas maiores. Nessa classificação devem entrar também os trabalhadores dedicados ao transporte e ao setor de serviços, excluindo-se apenas os trabalhadores empregados do comércio e serviços domésticos. (...) nem eles próprios se consideram – ou se comportam – como operário, tendo, pela sua própria experiência e aspirações, um comportamento mais ligado ao seu patrão, por numerosas relações desde o auxílio a conterrâneo e/ou laços familiares, até eventual parceria em negócios”¹⁵.

Além dessas breves considerações a respeito da produção historiográfica sobre os Caixeiros, há, ainda, duas observações. A primeira se refere à

¹² Idem p. 112

¹³ Idem.

¹⁴ Etnia e classe no Mutualismo do Rio Grande do Sul (1854-1889), de Adhemar Lourenço da Silva Jr. In. *Revista Estudos Ibero-Americanos* V. XXV, n. 2, Porto Alegre: PUC/RS, dez. 1999, p. 147-174.

¹⁵ LORNER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas, 1888-1937*. Porto Alegre: UFGS, tese de doutoramento em sociologia, 1999. P. 74-75.

produção historiográfica ora apresentada que permite perceber questões comuns aos vários autores, em relação à construção identitária por parte dos Caixeiros, na sociedade e no movimento operário. A segunda é que o estudo de Adelaide Gonçalves¹⁶, sobre a imprensa dos trabalhadores no Ceará, 1862 a 1920, contém tópicos específicos sobre a imprensa dos caixeiros, assim como estudo pontual em torno do lema: Educação e Trabalho. Obra de valor inestimável para quem estuda o mundo do trabalho no Ceará e fonte de consulta para outras temáticas relacionadas aos trabalhadores, seu movimento associativo, projetos político-pedagógicos, imprensa e as variadas estratégias de sociabilidade.

Onde, como e quando os Caixeiros no Ceará surgem e passam a fazer parte da memória Cearense e se constituem em elementos de registro da historiografia do mundo trabalho no Brasil? Como se colocam no contexto social de Fortaleza, na virada do século XIX para o XX? Quais as formas de luta na busca de ascensão social e de inserção nos movimentos sociais da época? Qual o sentido e a relação entre educação e trabalho? É este o objetivo desta dissertação.

No primeiro capítulo, trata-se de contextualizar a economia cearense e o comércio exportador e importador, destacando os capitalistas do comércio, termo usado na época, e o aparecimento dos Caixeiros, como categoria específica dos trabalhadores do comércio.

Aborda a inserção social dos caixeiros buscando relacioná-los com a sociedade e outras categorias de trabalhadores, bem como com a estrutura de poder. Destaque-se para as formas do associativismo, reivindicações e formas de superação das contingências da condição de trabalhadores.

O segundo capítulo trata da apropriação pelos caixeiros do lema – Trabalho e Educação, como via de inserção e ascensão social, no contexto local, e como construíram, dentro dos limites permitidos, estratégias de lutas. O tema Educação e Trabalho é abordado em dois eixos, observadas as articulações entre os campos: - Educação e Integração Social, - Educação e Ascensão So-

¹⁶ PEREIRA, Adelaide Gonçalves. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará de 1862 aos anos de 1920*. Florianópolis: UFSC, tese de doutorado, 2001. GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará – histórias e memórias*. In. SOUSA, Simone (org) *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.) *A imprensa Libertária do Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

cial. Procurando ainda situar as práticas instrucionais dos caixeiros, na perspectiva de Escola útil para o trabalho, são abordadas algumas dimensões da Escola de Comércio Phenix Caixeiral – métodos de ensino, professores, etc. Alargando os conceitos operativos de Educação e Instrução, abordamos ainda, neste capítulo, a operação da memória em sua dimensão de educação pelo exemplo, bem como alguns elementos que nos ajudam a pensar a Educação pelos ritos de celebração ou memória cívica. O capítulo trata ainda das relações com o poder local e aborda os aspectos ético-morais da ‘cruzada’ caixeiral, em favor do livro e do saber, como combate ao ócio e aos vícios, numa linha de prescrição de condutas e normatização de atitudes, destacando alguns tópicos acerca do lazer ‘saudável’.

O terceiro capítulo implica a análise pormenorizada da Revista Phenix, que circula em Fortaleza, no período de 1911 a 1914, como exercício educacional e literário dos estudantes da Escola de Comércio da Sociedade Phenix Caixeiral. Nesse capítulo, o foco incide sobre os escritos acerca dos temas trabalho e educação, a inserção dos caixeiros no mundo das letras e da filosofia, bem como apresenta o índice analítico das temáticas da revista. Procuramos esquadriñar as possibilidades de leitura e análise da Revista, trazendo ao leitor de hoje, o panorama das várias seções e temas veiculados. Do título aos anúncios, tudo foi matéria de nossa atenta observação. Procuramos também observar as mudanças no conteúdo, de essencialmente literária, incorporando elementos de filosofia, política e alguma reflexão, desde a conjuntura local, nacional e internacional, bem como a crítica social. Procuramos, ainda, perceber as diferenças internas entre o grupo redatorial, as formas de sustentação material da Revista, suas diferenças em relação à Imprensa Operária, as formas de intercâmbio e sua relação com os Grêmios Literários em Fortaleza.

CAPÍTULO 1- OS LABORIOSOS MOÇOS DO COMÉRCIO DE FORTALEZA: CONSTRUINDO O ASSOCIATIVISMO.

1.1 - Fortaleza em fins do século XIX

Daniel P. Kidder, quando de sua estadia no Ceará, em 1841, ao desembarcar em Fortaleza, disse que:

“do mar, pouca cousa se avista da cidade além do forte e algumas choupanas que flanqueiam, de ambos os lados”. Uma cidade “inteiramente construída sobre areia. Desde a praia até o bairro mais distante, só se vê areia” (...) Contudo, suas ruas são largas, as praças bem amplas. A única igreja terminada que existe é a de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros”.

A igreja matriz estava em reconstrução. Segundo esse viajante inglês, os edifícios públicos não eram suntuosos, não chamavam muito a atenção¹⁸. Por certo o espaço urbanizado, naquele momento, compreendia área composta de construções simples, choupanas, pontilhada aqui e ali por alguns sobrados.

Em 1859, Adolfo Herbster, “no exercício de suas funções como engenheiro municipal, projetou a primeira carta de Fortaleza que circunscrevia a pequena cidade projetada por Silva Paulet (1818), apresentando o novo contorno da cidade aos habitantes que, “computados os subúrbios” constituídos de casebres de palha, não excediam 16 mil pessoas, onde as casas eram de tijolos, sendo alinhadas apenas 690, das quais 80 eram sobrados”¹⁹. A cidade passava a ganhar ares de suposta modernidade.

Nas décadas de 1850 e 1860, ao mesmo tempo em que se dava a inserção do Ceará no tráfico interprovincial, consolidou-se o vínculo com o mercado externo proporcionado pela lavoura do algodão. Mesmo não sendo um crescimento contínuo, pois estava sujeito ao contexto externo e aos fatores climáticos da região, nota-se que houve impulso mercantil,

¹⁸ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p.151 a 153.

¹⁹ ALENCAR, Carlos Alênio N. *Nódoas da escravidão: senhores, escravos e libertados em Fortaleza (1850-1884)*. São Paulo: PUC-SP, dissertação de mestrado, 2004.

gerando novas demandas urbanas e sociais, em particular, por parte dos setores médios e abastados da capital. Fortaleza que já se afirmava como centro político tornava-se, cultural e comercialmente, centro de referência, lugar hegemônico na província. Novas casas de comércio abrem as portas na cidade, quebrando o monopólio da *Casa Inglesa*, da firma Singlehurst & Comp, filial de Liverpool, inaugurada em primeiro de setembro de 1835²⁰.

Em 1852 instalou-se na rua Pará, a *Casa Albano* pertencente à firma Albano Irmãos & Cia, que vendia miudezas, tecidos, vinho, colares, *Whisky "Old Smugler"*. Nos altos ficava o consulado da Alemanha do qual era cônsul José Albano. Em 1854, foi inaugurada a *Casa Vilar*, de João da Silva Vilar ocupando todo o quarteirão da São Paulo, entre as ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco.

Relata o Senador Pompeu, no Ensaio Estatístico de 1863, que em Fortaleza existiam:

*"oito extensas ruas, muito direitas, espaçosas e calçadas, e 960 são as casas de tijolos alinhadas, entre elas estão uns 80 sobrados, dando morada a uma população de 16.000 habitantes, contando a cidade com 357 estabelecimentos comerciais e industriais, sendo que no setor de negócios os com o mercado externo - armazéns e escritório de comércio - predominavam as firmas estrangeiras"*²¹.

Fortaleza: Estabelecimentos Comerciais – 1862

Estabelecimentos	Proprietários		Total
	Estrangeiros	Brasileiros	
Escritórios de Comércio	7	5	12
Lojas de fazenda	15	38	53
Tabernas	24	49	73
Quitandas	6	87	93
Boticas	1	3	4
Armazéns	12	4	16
Fábricas de sabão, seleiro, charutos, chapeos	2	2	4
Açougues	6	9	15
Oficinas: alfaiate, sapateiro, ourives, funileiro &c.	6	70	76
Casas de roupas e calçados	5	6	11
Total	84	273	357

Fonte: Brasil, Thomás Pompeu de Souza *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Fortaleza: Tip. B. de Mattos, 1997, p.414

²⁰ A *Casa Inglesa* em 1892 foi substituída pela Holderness & Salgado; em 1910 passa a ser Salgado Roger & Cia e em 1921, Salgado, Filho & Cia.

²¹ TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará: a expansão comercial francesa no Brasil e as casas comerciais*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1992.

A partir de meados da década de 1860, ampliam-se as relações comerciais entre Fortaleza e os mercados do sul do País, expande-se o pequeno comércio e os serviços públicos, aumenta o número de edificações privadas e públicas com o adensamento da população urbana. Acrescem-se a essas modificações no perfil socioeconômico e urbano: calçamento de ruas, reconstrução do Passeio Público, abastecimento d'água, iluminação a hidrogênio, construção da estrada de ferro de Baturité, e a expansão da faixa de consumidores e o surgimento de novos ofícios, estimulando a atividade comercial externa e interna.

“o que engorda o comércio, já bem favorecido com o melhor movimento das exportações marítimas, com os navios a vapor nela tocando regularmente. Primeiro, os das companhias maranhenses, e, depois os da Booth Steam Co. Ltda e da Red Cross Line of Mail Steamers, estas duas últimas fazendo o intercâmbio com as praças da Europa”²².

Nesse contexto se instalam casas de comércio voltadas mais para o comércio exterior, como a firma Machado Coelho & Cia, em 1868, casa importadora, localizada na Rua Major Facundo, na Praça do Ferreira, com frente correspondente também para a Rua Formosa (Barão do Rio Branco), e a Casa Boris, da firma Boris & Irmãos, depois Boris Féres & Cia Ltda, em 1869.

Na década de 1870, outras lojas de comércio se criaram na Capital. Em 1874 foi a Cruz & Irmãos, na rua Barão do Rio Branco, esquina com a Travessa das Trincheiras (Liberato Barroso), casa comercial e de importação de ferragens, comestíveis, fazendas e utensílios domésticos. Em 1877, instala-se em Fortaleza a firma J. Lopes & Cia (Casa J. Lopes) na Praça do Ferreira.

Com a ampliação da praça comercial do Ceará, e em particular, da capital, inaugura-se, em Fortaleza, como em outras províncias, no dia 9 de maio de 1877, a Junta Comercial do Ceará, tendo, entre os três primeiros diretores, Henrique Kalkmann e Ricardo Hughes, razão por que, como diz Thomas P. de Souza:

“em tudo, como se verifica, a participação direta do elemento estrangeiro, notadamente de origem britânica, quer através de sua presen-

²² GIRÃO, Raimundo. *Fortaleza e a Crônica Histórica*. Fortaleza: EdUFC, 2000, p. 27

ça pessoal, quer de seus capitais”²³. A expansão comercial, seguida da expansão da representação consular toma exemplar o caso do Ceará. De um único agente consular em 1876, no Aracati, em 1889 passa a contar com agentes consulares de vinte países²⁴.

As casas comerciais e outras, muitas constituídas por capital estrangeiro, ao mesmo tempo em que indicam a inserção do Ceará no mercado direto com a Europa, leva-nos a perceber a dinâmica que a cidade de Fortaleza passa a ter, a partir da década de 1860, com o surgimento da “*classe senhorial com seu conjunto de representações aristocráticas do urbano. Os homens de boa estirpe, tino comercial, e vantajosas relações financeiras passam a fazer presença com a integração do Ceará ao mercado internacional*”²⁵. A arquitetura e a estrutura urbana da capital começam a ser “remodeladas, senão fundadas.” Remodelação, em especial, nos aspectos de embelezamento das cidades, que provocava inquietações, como a de Rodolpho Theophilo, em sua vigilância crítica ao poder local.

“Este em sua habitual despreocupação esquece por completo o lado utilitário dos negócios públicos e cuida de embelezar a cidade, ornando-a de avenidas e de jardins. Quem nos visita sabe que temos bons logradouros, vê as nossas avenidas, mas não sabe de onde vem a água que bebemos. Quando será que os homens que nos governam tomarão mais a sério a saúde pública do que o embelezamento da cidade?”²⁶.

Em 1890, com o surto de desenvolvimento, em momento de retração, marcado pela ausência de capitais de vulto capazes de elevar a economia ao plano industrial, a população fortalezense era de 35.065 habitantes que viviam em 6.845 prédios de tijolos e cerca de 3.000 palhoças²⁷. Em 1872, o número de casebres era de 1.178 e a população chegava a 21.372. Veja que, enquanto houve aumento populacional de 60% , o número de moradias precárias foi mais de 100%.

²³ SOUZA, Thomas P. de. In TAKEYA, Denise Monteiro, op. cit.

²⁴ VIANA, Carlos Negreiros. *A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973)*. Uma experiência de industrialização fora do Centro-Sul. Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d., p. 34.

²⁵ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Urbanidade e Cultura Política*. Fortaleza: EdUFC, 1998, p.21.

²⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Ed. Fac-simile, Fortaleza: Fundação Valdemar Alcântara, 1997, p.118.

²⁷ Censo de 1890. Ver TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. p. 61

Antônio Bezerra de Menezes, em 1895, em “Descrição da Cidade de Fortaleza”, na Revista do Instituto do Ceará, afirma que:

“a área média da cidade até onde tem chegado a construção alinhada pela Câmara Municipal contém 5 Km² e 985.000 metros em 54 ruas, que se dirigem aproximadamente do norte a sul, e 27 de nascente a poente todas paralelas, bem alinhadas (...) cuja regularidade lhes imprime certo ar de elegância e harmonia. Além destas, tem ainda 3 boulevards (...) tem 14 praças, algumas delas arborizadas. (...) Conta a cidade com 6.154 prédios de tijolo alinhados, e entre estes poucos sobrados, pois que os habitantes preferem as casas assobradadas ou mais vulgarmente as casas de portas altas e rasgadas até o chão com parapeitos de grade de ferro em vez de janelas pesadas, antigas, sem graça, que embaraçam as correntes do ar e da luz nas habitações”²⁸.

Segundo ainda esse autor,

“as casas, em grande parte de agradável construção, tem as frentes elevadas sobre as quais coroam elegantes cimalthas, sendo todas bizarramente pintadas de cores alegres, que atraem a simpatia dos visitantes, e modificam a intensidade da luz do sol, deliciando a vista com a doçura de variegado cambiante”²⁹.

Cidade que, do ponto de vista urbanístico, pouco parecia com a “Cidade de Luz”, pouco apresentava de afrancesamento em equipamentos e em formas de sociabilidade.

No fim do século XIX, a capital cearense, além das várias oficinas e bodegas e pequeno arremedo de industrialização, possuía

“13 escritórios comerciais, 179 estabelecimentos em que vendem a grosso e a retalho fazendas, objetos de luxo, ferragens, mobílias, louças e quinquilharias, 174 tavernas, 54 armazéns de depósitos e 181 quitandas. A cidade da Fortaleza, no domínio republicano, tem tomado um incremento admirável; sua edificação cresce prodigiosamente e por toda parte a vida, o movimento, dão-lhe ar de grandeza e de prosperidade”³⁰.

Embora o autor seja transbordante na visão da pujança e prosperidade da cidade, retenha-se a adequada descrição dos variados tipos de estabeleci-

²⁸ MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da Cidade Fortaleza*, In Revista do Instituto do Ceará. V. 9, p.147/250.

²⁹ MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da Cidade Fortaleza*. Fortaleza: EdUFC, 1992, p.35/36

mentos comerciais, o que comprova a existência de novas camadas urbanas a exigir produtos e serviços em consonância com a introdução de novos hábitos e vivências urbanas.

Novos padrões alimentares e de consumo são incorporados à sociedade fortalezense e mesmo à sertaneja, que pode ter à mesa queijos, bacalhau e vinhos europeus, cerveja “Bass” dos Estados Unidos e carne do sul do Império, o *leite moça*, “o melhor para criança, e todos os usos domésticos”³¹. Nas lojas, os letreiros anunciavam novos produtos, as vitrinas e prateleiras expunham cortes de tecidos ingleses, rendas, *voiles*, cosméticos e perfumes franceses, como se depreende das páginas de anúncios dos almanaques e jornais em circulação.

A construção do porto, da Santa Casa de Misericórdia, do Passeio Público e de *boulevards* marca nova configuração urbana, que implicou o deslocamento de parcela dos moradores, para dar lugar às novas edificações. Nos cafés e agremiações literárias, circulam novas idéias cuja matriz são os signos do progresso, da ciência e da técnica, preconizando assim a modernidade. A cidade remodela-se e a sociedade se vê impelida a assumir comportamentos e atitudes ditos civilizados. Ao mesmo tempo, aguçam os olhares disciplinadores sobre a população pobre – trabalhadores livres e escravos, que pouco tiveram alteradas as formas de sujeição a que estavam submetidos.

Todavia, se por um lado há demanda de equipamentos que favoreciam o comércio externo, como a construção do porto de Fortaleza e, posteriormente, a estrada de ferro de Baturité, com investimento de capital e presença de técnicos ingleses, por outro, há exigência de mecanismos de controle e de disciplinarização dos sujeitos sociais que constituem as “classes perigosas”. Nesse contexto surgem a Cadeia Pública, a Santa Casa de Misericórdia, os Lazareto. Equipamentos que estão em consonância com a política de higienização e de controle social, de acordo com a norma culta de civilidade e de modernidade. A cidade vai ganhando contornos nítidos de dois mundos: o da “boa sociedade” e o das “classes perigosas”.

A expressão “boa sociedade”, no século XIX, era empregada como auto-reconhecimento e autodefinição do padrão civilizado.

³⁰ Idem p. 186.

³¹ Almanach do Ceará, para 1920.

“Ser membro da ‘boa sociedade’ não significava, porém, apenas posse de riqueza, consumo de bens e poder. Significava, sobretudo, boas maneiras, requinte, polimento dos costumes e apresentação social. Logo, a ‘boa sociedade’ de corte, por seu estilo de vida ‘civilizado’, passa a se diferenciar da velha elite colonial ainda muito presa a seus costumes tradicionais”³². A civilidade “começa pela regulação do corpo, se amplia para as regras do convívio social e define seus limites no âmbito político a partir da sujeição. É justamente entre esses dois horizontes – do controle do corpo e manutenção da hierarquia – que estende a civilidade”³³.

Segundo Pechman, “a necessidade de controlar a “seiva” da sociedade urbana que se formava, de separar a ordem da desordem tão presente ainda ao longo do século, faz dos manuais de civilidade uma verdadeira “cartilha de economia política”, onde até mesmo o trabalho é tomado como questão de civilidade”³⁴.

Num dos manuais de civilidade, é possível também encontrar o discurso de positividade do trabalho, como elemento de civilização e da dignificação do homem trabalhador.

“Só o homem trabalhador é útil a si a aos outros. De que serve um ocioso? [...] de peso para si mesmo, ou aos parentes, até estranhos. Nada custa tanto mal quanto a preguiça; ela é uma espécie de ferrugem que consome o corpo e embota o espírito. A ociosidade, diz o provérbio, é a mãe de todos os vícios. Com efeito, os homens viciosos e corrompidos, os criminosos, saem de entre a classe dos vadios e preguiçosos. O trabalho, ao contrário, é uma lei da natureza, porque é uma necessidade para o corpo e para a alma”...³⁵.

É nesse sentido que pensar a cidade de Fortaleza, em fins do século XIX, é ir ao encontro ao processo de modernização e o desejo de enquadrar e reformar os costumes da sociedade, o que a “empurrou na direção de uma referência civilizatória que funcionasse como parâmetro balizador dos novos costumes e comportamentos. Essa referência foi a Europa”. Concordamos com Pechman, para quem:

³² PECHMAN, Robert Moses. *Cidades Estreitamente Vigeadas – o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. P. 83

³³ Idem P. 85

³⁴ Idem P. 89

³⁵ NEVES, Guilhermina de Azambuja. *Entretenimentos sobre os deveres de civilidade colecionados para puerícia brasileira de ambos os sexos*. Rio de Janeiro: Typ. Cinco de Março, 2^a ed. 1875. P. 85-86. In. PECHMAN, op. cit, P. 89

“tomar a Europa como referência não significa mero mimetismo, processo de cópia ou “macaqueação”, onde o pólo que imita não estabelece nenhuma dinâmica com o modelo. Tomo aqui referência num sentido dinâmico, e não como simples importação. Com isso, quero dizer que o que houve na verdade foi um processo de adesão ao projeto civilizatório que ocorria na Europa, portanto, uma opção política e, também, cultural, e não uma simples importação de idéias. A circulação das idéias “civilizadas” era uma prática desde o período do Iluminismo, no século XVIII, e a adesão a essas idéias, longe de ser uma mera cópia de modelo faz parte de um conjunto de escolhas que aqueles países, à margem da “civilização”, fazem no sentido de dialogar com as idéias que melhor respondem à indagação que seus intelectuais fazem a respeito de seu destino”³⁶.

Apesar de Fortaleza não ter vivenciado o processo de modernização, de *belle époque*, como o Rio de Janeiro, capital do Império/República, e São Paulo que passa de cidade “comercial do tempo dos escravos para cidade/vanguarda da população industrial do país”³⁷, a sociedade fortalezense acolheu com vigor os ideais modernizantes e civilizatórios, à maneira européia, o que se comprova com as várias experiências de profilaxia social e de remodelação urbana.

Cidade onde o mundo do trabalho se vai (re)desenhando, notadamente após o marco legal da abolição da escravatura, em 1884, em que, ao trabalhador livre, juntam-se os libertos, constituindo “massa” heterogênea de trabalhadores, um contingente homogêneo aos olhos do Estado e das elites. Fato social de significação é a presença, junto ao fenômeno urbano, dos setores médios em formação.

Segundo June Hahner:

“num país como o Brasil, com uma estrutura de classe amplamente bifurcada, os setores médios ocupavam uma posição incerta, com cada setor separado aqueles acima ou abaixo deles. Os membros das mais prestigiosas profissões liberais, a medicina e o direito, que tinham salários fixos ou honorários como fonte de renda, poderiam ser considerados classe média alta.... pequenos burocratas, professores primários mal remunerados, contadores e balconistas que formavam o que se poderia chamar de classe média baixa. Estes elementos da classe média baixa, por sua vez, sentiam-se superiores aos operários qualificados, sem falar na grande massa de criados domésticos. O que mais diferenciava os elementos da camada inferior desta sociedade pré-industrial eram as profissões, conferindo a alguns uma

³⁶ PECHMAN, op. cit. P. 90.

³⁷ Rolnik, Raquel. São Paulo na Virada do Século: Territórios e Poder. In *Cadernos de História de São Paulo*. No. 2. São Paulo: Museu Paulista da USP. jan/dez. 1993. P. 39

*posição melhor do que a de outros, pelo menos de seu ponto de vista. A divisão principal era a que separava os pequenos comerciantes e profissionais qualificados dos trabalhadores que contavam apenas com o seu esforço físico*³⁸.

Em Fortaleza, têm-se várias ocupações no âmbito da atividade comercial: caixeiros de balcão, de armazém ou de escritórios, guarda-livros, agentes e representantes das casas de importação e exportação, empregados de atendimento das casas bancárias, despachantes e pessoal de escritório dos serviços alfandegários, agentes e pessoal de escritório da estrada de ferro, leiloeiros, corretores, representantes comerciais, cobradores de sociedades de direito privado, empregados de escritórios dos estabelecimentos industriais entre outros. Do período, há extenso registro de casas comerciais, em Raimundo de Menezes (Coisas Que o Tempo Levou, 1938)³⁹, em que é possível visualizar a expansão dos ofícios ligados ao ramo comercial em Fortaleza.

Os pobres urbanos, no Brasil, na década de 1870,

*“tinham pouca consciência de classe ou solidariedade. Eles formavam um todo incoerente e heterogêneo(..) Como observou H. Smith, os operários qualificados “esforçavam-se para se manter acima dos operários comuns, a quem desprezavam, ou melhor, ignoravam-nos, exceto quando precisavam de seus serviços”*⁴⁰.

Se as profissões serviam como “determinantes de prestígio e de posição social, outros indicadores chamavam mais a atenção de qualquer um que andasse pelas ruas nas cidades brasileiras. As roupas distinguiam enormemente a elite dos pobres urbanos”⁴¹.

Vejamos de perto exemplo de separação social, praticada pelos caixeiros que tentam se distanciar da imagem de criado, de *caixeiro-vassoura*. É o que se depreende do depoimento autobiográfico de Joaquim Pimenta:

Era a classe caixeiral que ditava a moda, e de onde saía, depois que se foram os cadetes, le jeunesse dorée, disputada pelas meninas casdoiras. Em um grupo de jovens bem vestido, cada qual com sua

³⁸ HAHNER, June. *Pobreza e Política – os pobres urbanos no Brasil (1870/1920)*. Brasília: EdUNB, 1993. P. 30 e 31

³⁹ ARARIPE, J. C. Alencar. *No país das utopias*. Fortaleza: Multigraf, 1993, p.42.

⁴⁰ SMITH, Herbert H. *Brazil. The Amazons and the Coast*. New York: Charles Scribner's Sons, 1879. APUD, HAHNER, June op. cit. p. 31.

⁴¹ HAHNER, June op. cit. p. 37

*bengalinha domingueira, avisou meu tio Aristides, seu parente afim, também do Tauá, empregado do comércio. Aproximamo-nos. Notei que me olhavam com certa surpresa e um risinho petulante. Observei a cara de constrangimento mal dissimulado do Aristides, quando meu tio lhe pediu que me aceitasse em sua companhia*⁴².

Fossem assalariados ou trabalhadores autônomos,

*“os setores médios aspiravam à fidalguia. Os integrantes dos níveis mais baixos dos setores médios não tinham as relações de parentesco e os laços de família que facilitavam o acesso aos empregos públicos, mas de todo modo tentavam copiar o estilo de vida e a aparência dos indivíduos das classes superiores, sempre que possível. Usando paletó e gravata, e não roupas gastas ou descuidadas dos operários, os homens passavam sua jornada mais curta de trabalho nos escritórios, de preferência nas oficinas, não sujando as mãos ou as roupas. Sua dependência econômica e profissional das elites governantes reforçava os laços sociais e ideológicos com as classes superiores*⁴³.

O crescimento urbano,

*“resultante de quase 80 anos de evolução de uma economia agropastoril havia matizado muito o quadro social de Fortaleza. Assim, a forma mais ostensiva pela qual se evidenciavam essas diferenciações de classe era através da criação de clubes, que indicavam claramente a categoria dos seus componentes”*⁴⁴.

Por contraste a períodos anteriores,

*“as diferenças de dinheiro ainda não se haviam definido, estratificando a hierarquia das “posições sociais”. A prova disso estava expressa nos estatutos da Recreação Familiar Cearense, destinada a promover festas mensais nos poucos sobrados das famílias da sociedade. Segundo um dos artigos, ficava proibido “todo luxo de sedas, filós e outras fazendas caras nos dias de partida”*⁴⁵.

De qualquer forma,

“a década que se abre com o ano de 1870, já ia indicar a presença de três grupos na formação da estrutura social do Ceará: o pequeno

⁴² PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do passado*. Rio de Janeiro: Dep. Imprensa Nacional, 1949, p. 60.

⁴³ HAHNER, June E. op. cit. p.30

⁴⁴ TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p 36

⁴⁵ Idem p. 26

número de fazendeiros e criadores, mediocrementemente educados, e considerados ricos (riqueza que nunca se igualou à dos senhores de engenho de Pernambuco ou dos fazendeiros de café de São Paulo); o grupo bem maior e mais heterogêneo dos funcionários públicos, profissionais liberais e empregados do alto comércio (que se reuniam, primeiro, no Reform Club e, depois, na Fênix Caixeiral) e, finalmente, a massa quase miserável dos artífices, trabalhadores braçais, biscateiros e escravos”⁴⁶.

Todavia, ao considerar que na cena urbana, há babel de vozes e ao reconhecer a legitimidade dessa polifonia, é compreender que “são essas vozes que têm o poder de tirar das sombras os novos sujeitos da história, os componentes da multidão que encontram acolhida no seio da cidade”⁴⁷.

É nesse cenário que vamos encontrar os Caixeiros.

1.2- Os Caixeiros

“Era em 1868. O caixeiro nesse tempo era um *creado de servir*”. Passados 58 anos, em 1926 Rodolpho Theophilo escreveu *O Caixeiro - reminiscências*. Texto autobiográfico, leve, diferente de seus romances históricos. Uma leitura agradável que delinea, em crônica do cotidiano, parte do tempo vivido que ficou obscuro, escapou aos olhares dos vários estudiosos acostumados do diálogo com esse intelectual sobre seca, controle social e higienização da Fortaleza que se moderniza. Narrativa biográfica de parte de sua vida, pouco conhecida, em que memória e história se fundem no ato de rememorar, sendo “*possível imputar aos retalhos da vivência suas conexões de significação que as convertem em experiências históricas*”⁴⁸.

Torna-se necessário desvendar o testemunho histórico do texto, perambular por ele, e sentir o movimento ali configurado. Num exercício de microstória, sem perder a visão do contexto maior, deve-se proceder a

“um deslocamento de foco da objetiva que aumenta o número e o tipo dos dados possíveis, de fazer emergir outras configurações onde aparecem, em toda a sua complexidade, concretamente, as relações sociais e as estratégias individuais e coletivas: considerar as condu-

⁴⁶ Idem p. 27

⁴⁷ PECHMAN, Robert Moses. *Cidades Estreitamente Vigeadas – o detetive e o urbanista*. op. cit. P. 189.

⁴⁸ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica – memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002, p.61.

*tas pessoais e os destinos familiares permite, melhor que agregados estatísticos, compreenderem-se as racionalidades específicas que informam os comportamentos de tal ou tal categoria social, muitas das vezes nos interstícios de sistemas normativos cuja coerência inexistente. A restrição do campo de observação não é nem o retorno à biografia, nem complacência com a monografia local: trata-se, ao contrário, mudando de escala, de fazer surgir modelos de compreensão mais operatórios, que restituem as margens de jogo deixadas aos atores pelas formas de dominação*⁴⁹.

É “nesse mundo que vamos encontrar o caixeiro-vassoura Rodolpho Theophilo, como tantos outros, que reclama das condições de trabalho e o tratamento diferenciado dispensado por seu patrão a ele e ao escravo com quem dividia o espaço de dormir. Na sua opinião, por ser uma peça de valor, o cativo não podia sofrer doenças, fugir ou morrer, já ele, um “creado” assalariado, poderia ser dispensado. Assim ele, caixeiro, estava sujeito a realizar trabalhos, que aos seus olhos, eram coisas de escravo. *“Eu era um escravo branco”*.⁵⁰

Sem dúvida, para pensar esses trabalhadores, é necessário entender, conforme E. P. Thompson, que:

*“as relações históricas são construídas num movimento constante tecidas através de lutas, conflitos, resistências e acomodações, cheias de ambigüidades. Através de relações de dominação e exploração que, de modo contraditório, unem horizontalmente e separavam verticalmente homens e mulheres que, através de suas praticas cotidianas, costumes, lutas, resistências, acomodações e solidariedades, de seus modos de ver, viver, pensar, agir construíram isso que hoje chamamos de “classe operária”*⁵¹.

Nas relações entre os caixeiros e a classe patronal são visíveis as diferentes formas de dominação e de resistência, permeadas por obrigações recíprocas, paternalismo e “lealdades verticais”, muitas vezes deixando entrever ambigüidade no comportamento dos caixeiros, *“não eram totalmente ascetas, nem totalmente “patuscos”, ou seja, nem passavam dias e noites a trabalhar pensando unicamente no progresso comercial do patrão, nem tampouco eram malandros e farristas, enganando sistematicamente os patrões em prol da di-*

⁴⁹ BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. Em Que Pensam os Historiadores? In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. *Passados Recompuestos – campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: EdURJ/EdFGV, 1998. p.48.

⁵⁰ GONÇALVES, Adelaide e FUNES, Eurípedes *No tempo em que Rodolpho Theophilo era caixeiro*. In THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002, p. 27

*versão e da libertinagem*⁵². Todavia afirma-se o lugar social dos caixeiros, definido com base nos padrões ou normas de comportamento que se espera de quem ocupa determinada posição na estrutura social. Uma categoria de trabalhadores, por seu fazer, acabava por ter maior domínio sobre os negócios da casa, já que nem sempre o patrão era letrado.

A profissão de caixeiro difere da dos trabalhadores escravos, embora ambos sejam cativos: um, de corpo e outro de salário, e diferencia dos trabalhadores livres cujas funções eram tidas como vis, sujas ou ilícitas. No entanto, há de se considerar que, nessa categoria de trabalhadores, havia distinção clara em relação aos mais inferiores, os caixeiros-vassoura, enfatizados no relato de Joaquim Pimenta. Situações interessantes foram vivenciadas por Rodolpho Theophilo, quando ainda caixeiro-vassoura, que *“às cinco horas da manhã estavam acordando-me aos gritos, aos empuxões, para às seis horas varrer a loja e também a rua”*⁵³.

Theophilo, nessa condição, morava num dos quatinhos do fundo da casa do senhorio, era também um “creado de servir”. Inúmeras vezes,

“depois de ferrar no sono era despertado por alguém que me batia a porta aos muros; era o patrão político que voltando do palácio do governo, acordava-me para selar a sua burra preta, que o conduziria a um dos subúrbios de Fortaleza, onde veraneava com a família. Estremunhado, metia os pés da rede e saía ao quintal a selar a alimária.

*O cativo, estando, podia sair e resfriar-se, ter uma pneumonia e morrer. Era um prejuízo de dois a três contos de réis, tanto valia um homem nos cafezais do sul. Eu morrendo, os patrões nada perdiam, viria outro criado substituir-me. Que importava a eles que minha família, composta só de mulheres, perdesse o único amparo. Eu era um escravo branco”*⁵⁴.

“Adaptando-me àquele meio eu estava completamente aniquilado”, afirma Theophilo. Para ele a possibilidade de se associar ao dono do estabelecimento estava descartada, pois *“os patrões tinham muitos filhos varões e assim não havia a possibilidade de ser um dia sócio da casa. Se ficasse ali, per-*

⁵¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁵² PROPINIGIS Fabiane. Op. Cit p. 3

⁵³ THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro: reminiscências* (edição fac-similar). Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2002. p.8

⁵⁴ idem p. 28

deria no correr do tempo até o nome de família e teria o sobrenome da casa em que estava alugado.” Outra possibilidade de ascender socialmente era casar com a filha do proprietário, o que para Theóphilo estava fora de cogitação.

“Casar-me-ia não com a filha do patrão, mas com uma desclassificada como eu, e hoje, vegetariana, talvez carregado de filhos, em uma humilde casinha!... Grandes seriam as revoltas que teria a minha ídole ativa mergulhada nesse triste anonimato!”⁵⁵

Todavia ascensão social, mediante constituição de sociedade com ex-patrão era possível como no caso do “esperançoso phenixta Leandro P. Lyra, antigo empregado do comércio desta”, admitido pelo capitalista Sr. Antônio Ferreira e Sá, “como sócio de sua casa comercial, a creditada Loja Sá, constituindo, por isso, a nova firma: Ferreira Sá e Cia”⁵⁶.

No caso de Rodolpho Theophilo a profissão de caixeiro se assemelha à de tantos outros quanto aos ganhos salariais de acordo com o posto ocupado na casa de comércio.

“Estive seis anos no comércio. O primeiro ano foi de aprendizagem, tendo somente casa e comida. No segundo duzentos mil réis. Foi subindo até que no sexto me deram quinhentos mil réis. Nesse último ano de caixeiro ganhei para a casa algumas dezenas de contos. Eu era empregado das compras de algodão. Fazia todo o serviço, desde a pesagem dos fardos até o pagamento aos matutos. Eu estava homem e ordenado não dava para as minhas despesas. Era preciso melhorar o meu estado financeiro; mas como? Desonestidade não era para o meu feitio moral. Assim resolvi montar uma pequena fábrica de tinta para marcar sacas de algodão. O êxito foi completo. Montei a fabrica do Oiteiro. (...). Eu fazia cinquenta e sessenta mil réis de saldo por me. Ganhava mais como industrial do que como empregado do comércio”⁵⁷.

Fabricar tinta, mesmo sem deixar de ser caixeiro, possibilitava a Theophilo ver-se como industrial. Deve ser ressaltado, é o que há de comum entre este rapaz do comércio e os colegas de ofício: o fato de serem trabalhadores letrados que tinham, no ato de ler e fazer conta, a saída para a afirmação profissional, diferenciando-se dos “matutos”.

⁵⁵ Idem p. 69 e 70.

⁵⁶ Revista Phenix, Ano I, No. 1, fevereiro de 1912.

⁵⁷ THEOPHILO, Rodolpho, *O Caixeiro: reminiscências*. p. 57 a 60

O desejo de aprender, cada vez mais, dos caixeiros não era compartilhado pela classe patronal. O próprio Theophilo tinha de estudar em altas horas da madrugada, sob a luz de lamparina. Mesmo assim se julgava um privilegiado.

“A casa comercial em que estava era uma exceção quanto ao tratamento que dava aos seus auxiliares. Não os pagava com generosidade mas também não fazia como outras, as portuguesas, que tratavam os caixeiros a ponta-pés, faziam deles carreteiros de mercadoria e muito mal os pagavam!”⁵⁸

Vejamos o caixeiro **Vicente** que, em 1913, denuncia à revista *Phênix*, sua situação.

“.... A vida material que ora levo, de caixeiro vassoura empoeirado, absorve-me o tempo por completo. Não posso mais investigar os livros para apreender as cousas que não sei ainda. (...) o patrão está sempre alerta, não posso ler na loja as muitas revistas aparecidas em nosso meio, até mesmo os jornais e “boletins” que têm vindo à tona da imprensa ultimamente. O patrão me adverte todo dia, que preste atenção ao “bons fregueses, que não saia do balcão, que é proibido ler na loja, que caixeiro não pode ser poeta e outras tantas cousas mais, que me fazem receio de perder o meu lugar”⁵⁹.

Ponto comum entre Vicente e Rodolpho: ambos estavam convencidos de que só os livros os libertariam. Que as oportunidades de trabalho para a classe de indivíduos mais alfabetizados eram uma realidade da qual não se podia furtar. Assim, ao sentido da educação, junta-se o significado do trabalho e o ideário de progresso, princípios basilares do contexto de fim de século, em que a ideologia positivista, tão cara aos republicanos, norteava a concepção de nova sociedade e nova ordem política e social.

O sentido de educação, como móvel de ascensão social e profissional, livramento de certos estigmas, abertura de portas à sociedade letrada, coadunava-se com o pensamento republicano, segundo o qual educação e profissionalização constituem binômio inseparável.

Quintino Bocaiúva afirma que:

⁵⁸ Idem p. 57

⁵⁹ Revista Phenix, Ano II, No. XVII, outubro de 1913. p 3

a “idéia social” do regime republicano é a da “emancipação dos proletariados [sic], tanto a daqueles que andam acorrentados pelas algemas da ignorância, como daquele que, vítima das desigualdades sociais e políticas, vive arrastando a calceta da miséria pelo trabalho mal remunerado”⁶⁰. Para que o proletariado “pudesse ser emancipado da ignorância, propõe a difusão do ensino, que norteado pela liberdade científica e administrativa, deveria: “desenvolver pela aprendizagem profissional a capacidade produtiva do operário”⁶¹.

Não se livrar da “calceta da miséria” e da ignorância significava acomodar-se, parar no tempo, arriscar a perder o “nome da família e ter o sobrenome da casa em que estava alugado”.⁶² Essa meta não estava posta para os caixeiros, que fizeram da Phenix Caixeiral entidade forte da categoria, que sintetiza na sua criação e no “renascer das cinzas”, a história dessa classe trabalhadora, “gente que cada vez mais se instruía nas apuradas normas da civilidade”. Trabalhadores que se inseriram nos diferentes movimentos socioculturais, criando os espaços e formas de sociabilidade e estratégias políticas e associativas que, às vezes, os distanciavam e os distinguiram de outros operários. Destas diferenciações internas ao mundo do trabalho trataremos mais adiante. O tópico seguinte apresenta os caixeiros em suas práticas associativas e experimentando a construção de solidariedades no mundo do trabalho.

1.3- Os Caixeiros: práticas de sociabilidade

“Era em 1868. O caixeiro nesse tempo era um creado de servir, como disse o Barão de Cotegipe, cheio da prosápia de titular e de mestiço, quando se tratou no Parlamento dos direitos políticos do empregado do comércio. O caixeiro não podia exercer o direito do voto porque era considerado praça de pret.

E assim era. Um dia tiveram a idéia de associar-se e se reuniram, em um domingo, nos baixos do sobrado do Cel. Justa, rua do Barão do Rio Branco, outrora Formosa.

Eram uns cinquenta. ... A sessão correu animada e foi nomeada uma comissão para organizar os estatutos. A sociedade chamaria Beneficente Caixeiral”⁶³.

Surgia assim, ou melhor, tentava nascer assim, a primeira associação dos “rapazes do comércio” da cidade de Fortaleza.

⁶⁰ Quintino Bocaiúva In. SALLES, Iraci. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. São Paulo: HUCITEC. s/d. p. 13

⁶¹ SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. Op. Cit. p. 14.

⁶² THEOPHILO, Rodolpho, *O Caixeiro: reminiscências*. p. 69.

⁶³ THEOPHILO, Rodolfo, op. cit. p. 5

Todavia, "sabendo os padrões do fato no dia seguinte, foi por ele considerado um acto de indisciplina e mandaram que se acabasse a sociedade, que morria ao nascer"⁶⁴.

A associação morria ao nascer, mas a idéia do associativismo ganhava vida.

Em verdade o que os caixeiros de Fortaleza buscaram constituir estava em consonância com o que vinha ocorrendo em outras cidades do país quando vários grupos de trabalhadores qualificados, a partir de meados do século XIX,

"começaram a se organizar em sociedade de auxílio mútuo nas cidades em crescimento, para ajudar-se e proteger-se num ambiente muitas vezes hostil. Na década de 1870, alguns destes trabalhadores orgulhavam-se de sua capacidade, ressentindo-se com sua posição econômica desfavorável e com o desprezo mostrado pela elite. Por volta de 1875, havia uma grande quantidade de instituições de bem-estar social nas cidades brasileiras."⁶⁵

Deve-se ressaltar que, em 22 de outubro de 1876, foi fundada, na capital da província, a "Fraternidade e Trabalho", entidade associativa de trabalhadores, de caráter mutualista, uma das primeiras no gênero em Fortaleza, onde por certo estavam muitos dos trabalhadores do comércio.

No mesmo ano de 1876, os caixeiros, consoante as idéias de participação social gestadas, iniciam também as lutas abolicionista e republicana, como se observa na fundação do Reform Club, vendido, em 1884, "a elementos de novas camadas da alta classe média: o Reform Club passava a Clube Iracema, onde comerciário não entrava"⁶⁶

Nem só de associações mutualistas viviam os caixeiros, no que se refere à organização da categoria e inserção na sociedade e nos movimentos sociais, a exemplo da campanha abolicionista e do seu *Reform Club*. Na mesma direção, em 1883, os sócios da Beneficente Caixeiral e do Grêmio Caixeiral constituem uma diretoria provisória do Clube Abolicionista Caixeiral, indicando a diretriz de "promover em primeiro lugar a liberdade dos escravos da rua Formosa, nesta capital do Ceará"⁶⁷.

⁶⁴ Iden p. 6 e 7

⁶⁵ HAHNER, June. Op. cit. p. 95 e 98.

⁶⁶ TINHORÃO, José Ramos. Op. cit. p. 43

⁶⁷ O Cearense, 10 de jan. 1883.

Os caixeiros seguem o exemplo da Sociedade Perseverança e Porvir, fundada em 28 de setembro de 1879, por ocasião do oitavo aniversário da lei do Ventre Livre. Tal sociedade fundada por negociantes com objetivos comerciais visava à emancipação dos escravos constituindo fundos para alforrias de escravos e alimentava o objetivo de fundar outra entidade, que tomasse para si a empresa de arrebentar o ferro das algemas.

Ao lado das lutas

“gerais do seu tempo – abolicionismo, republicanismo, o programa de reivindicações específicas: melhores condições de trabalho; direito a descanso semanal; fechamento de portas; jornada de oito horas de trabalho; constituíam sua pauta associativa”⁶⁸.

Nos anos de 1860, os caixeiros do Rio de Janeiro, tendo já uma história construída como associação em busca de direitos sociais, realizam a primeira greve cuja pauta central era a folga semanal e o fechamento de portas; construções similares se dão em outras grandes cidades do país, e, em Porto Alegre, amplia-se o debate sobre os direitos sociais propagando a luta pelo descanso semanal e diminuição da jornada de trabalho como “lei áurea do balcão”. Em Fortaleza, em 1870, vamos encontrar os caixeiros definindo as primeiras pautas de luta, a exemplo do restante do país.

Somente duas décadas depois, nos marcos da nascente República, faz-se a regulamentação do fechamento das portas, pelo intendente Guilherme Rocha. Todavia as freqüentes burlas patronais demandam a luta continuada nas décadas seguintes, ampliadas pelo peso de representação social da Phoenix Caixeril e repercutidas pela imprensa da categoria⁶⁹.

É preciso atentar para o fato de que a nova conjuntura atravessada pelos ecos do republicanismo amplia as justificativas das lutas corporativas. No caso do fechamento de portas, antes circunscrito ao tema da jornada de trabalho, agora invoca o tempo livre como tempo para a instrução e educação, consoante, portanto, com as promessas do ideário republicano. O jornal “A Centelha”, de 1909, enfatiza o desrespeito patronal no descumprimento da lei municipal de fechamento das portas, gerando contra argumentação fenixita em favor

⁶⁸ GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará*. Op. cit. p. 145.

⁶⁹ Idem p. 143 a 166

das horas “livres” para a freqüência escolar. Observem-se aqui as permanências no tempo acerca das ambigüidades entre trabalho livre e trabalho escravo já no século XX, quando a própria Phenix Caixeiral pede aos comerciantes que se dê liberdade aos empregados.

É com grande pesar que registramos a obstinação de alguns comerciantes desta praça, quanto ao fechamento de portas.

Alguns desses senhores há que, sem a mínima necessidade, conservam seus estabelecimentos abertos até oito e meia e nove horas da noite, roubando deste modo, ao pobres empregado, as poucas horas de que dispõe para descansar de sua luta, assaz extenuante, de doze e mais horas de fatigante trabalho.

Muitos dos nossos colegas que freqüentavam as aulas da Phenix foram obrigados a abandona-las.

Para evitar uma deserção quase completa dos bancos escolares, a diretoria da Phenix, dirigiu, por intermédio de uma comissão especial, um pedido a muitos comerciantes para darem liberdade a seus empregados ao menos às sete e meia da noite, quando eles ainda poderiam alcançar as aulas; infelizmente, porém, o pedido foi indeferido pela maioria e alguns que o satisfizeram foi somente por alguns das, voltando depois à faina costumeira ⁷⁰.

1.4– Ave Phenix: “a benemérita associação dos moços do comércio”

Assim vai se constituindo a vida associativa dos caixeiros e as formas como eles tecem o projeto de inserção diferenciada de outras categorias no meio social. Sem dúvida o grande orgulho dos rapazes do comércio de Fortaleza era a sua Phenix, como bem expressam os sentimentos de Rodolpho Theophilo.

“O que é hoje a Phenix Caixerai, surgida das cinzas de Beneficente Caixerai, nascida e morta no mesmo dia em 1868?! Uma associação que impõem leis querendo. O caixeiro, hoje, o antigo criado de servir, com as mesmas regalias e direitos das praças de pret do nosso glorioso exército, faz parte do governo da cidade, tem o seu dia de feriado nacional. Tem férias marcadas por lei. O dia em que nasceu a Phenix também é feriado. Tem um banco comercial e funciona a sociedade em um palácio. Além disto, recebe uma subvenção do Governo Federal, que é muito bem aplicada, mantendo para os seus associados aulas de preparatórios e uma escola de comércio, que dá anualmente alguns guarda-livros. A Phenix é hoje uma potencia! Os seus sócios, mais de mil, sabem manejar as armas e quem seria capaz de faze-los passar pelas humilhações que nós passamos! São os tempos que se vingam uns dos outros” ⁷¹.

⁷⁰ A Centelha. Fortaleza: 21 de agosto de 1909.

A Phenix Caixeiral, associação dos empregados do comércio de Fortaleza, foi fundada em 24 de maio de 1891, instalada em 24 de junho de 1891, na rua Guilherme Rocha, esquina com 24 de maio. Tinha uma biblioteca, com três mil volumes, franqueada ao público, das 19 às 21 horas.

A 24 de maio de 1891,

“seis moços que hoje ainda distintamente veneramos, meia dúzia de apóstolos devotados, sonharam com o advento glorioso de nossa liberdade e independência e, este sonho, sublime em sua concepção, trinta dias depois, a 24 de junho teve a maravilhosa coroação de mais brilhante realidade – a criação da Phenix Caixerai.

Foi o sonho de Jacob dos tempos bíblicos e remotos, com a luminosidade de suas escadarias deitando para o futuro e por onde, até hoje, havíamos de subir, subir até galgarmos a derradeira instância, o último degrau que dá ingresso ao céu de nossa suprema glória, de nossa imortalidade suprema.

Salve paladinos eméritos da gloriosa cruzada de 91!”⁷²

A criação da Phênix Caixerai,

“nos moldes do benefício mútuo, incluía o socorro na doença e no desemprego, auxílio funeral e acentuava a necessidade de criar uma escola própria. Sua ata de fundação e sua lista de sócios e diretores, admitindo proprietários de estabelecimentos comerciais e figuras de relevo na burocracia do Estado, denotam a aspiração de mobilidade social. De caixeiro-vassoura a primeiro-caixeiro, de balconista a empregado do escritório, de caixa a guarda-livros, de assistente a gerente. Essa é a escala de mobilidade, para o salto a proprietário de seu próprio estabelecimento. Tomada essa esfera da subjetividade, pode-se compreender a internalização da disciplina do trabalho e os códigos de deferência diante dos patrões ou seus representantes.”
(...) “Já na inauguração da Phênix Caixerai, 1891, é anunciada a abertura da Escola da Phenix, com matrícula prevista para mais de duzentos alunos. Para o Cearense, com a abertura das aulas, o comércio deveria fechar as portas depois das seis da tarde, “indo o caixeiro com o corpo fortalecido pelo trabalho, preparar o espírito para os fecundos combates da inteligência”⁷³.

Observe-se que orgulho e reverência da Sociedade Phenix Caixeiral têm larga continuidade no tempo. O depoimento de seu jubileu é marcado por esse sentimento e recupera as palavras e a destinação de sua origem. Para os dirigentes da Sociedade, tratava de cultivá-la como instituição modelar que fin-

⁷¹ THEOPHILO, Rodolpho. Op. cit. p.68.

⁷² Revista Phenix, Ano I, No. 1 fevereiro de 1912.

⁷³ GONÇALVES, Adelaide. Op. Cit. p. 143 a 166

casasse raízes em Fortaleza e realizasse ações de instrução, assistência e sociabilidade para além do estrito alcance dos caixeiros, do seu corpo de sócios, de alunos e professores.

A benemérita associação dos moços do comércio, esse núcleo de trabalhadores abnegados e perseverantes agrupados em torno de um mesmo ideal, viu completar-se a 24 do corrente o primeiro quartel uma vida cheia de heroísmo, de lutas, de vitórias e de serviços á terra do nosso berço. No Ceará é fora dele a Phenix Caixeiral é um título de orgulho para os nossos patrícios; é uma instituição modelar que não só com os seus consócios, por serem todos os cidadãos criteriosos admiram e amam. E assim, é que essa admiração unânime se patenteou do modo mais inequívoco por ocasião da velha sociedade comemorar o seu 25º aniversário.

A grande festa dos vinte e cinco anos da Sociedade Phenix reveste-se de grande aparato e é sobretudo um momento de autocelebração da forma como a sociedade vem se consolidando, na duas primeiras décadas do século XX, cada vez mais próxima do mundo oficial e dos gabinetes parlamentares. A sessão solene e a mesa de honra estão significativamente presididas pelo presidente do Estado, que com outras autoridades, é brindado com *profusa taça de champagne*, não sem antes ouvirem o longo discurso laudatório do orador oficial. Bem ao estilo da época, segue festiva *soirée* dançante, que começava uma hora da tarde e entrava pela madrugada, em atitude de conagração com as elites locais.

À uma hora da tarde, presente o Exmo. Snr. Presidente do Estado, autoridades estaduais e federais, representantes da imprensa e de várias associações, foi aberta a sessão, presidida pelo Exmo. Snr. Coronel Benjamim Liberato Barroso; dada a palavra ao orador oficial, o nosso colega Snr. Carlos Pinho, Produziu este longa e substancial oração análoga ao ato, sendo ao terminar muito aplaudido pela numerosa e seleta assistência.

Depois de encerrada a sessão, o Snr. Presidente da Phenix Caixeiral fez servir aos convidados profusa taça de champagne, trocando-se, nessas ocasião, vários brindes, dentre os quais o do Snr. Coronel Francisco da Costa Freire ao Exmo. Snr. Presidente do Estado, e deste á Phenix Caixeiral.

*Às 9 horas da noite teve inicio a *soirée* dançante promovida por um grupo de sócios em homenagem á data festiva, a qual se prolongou até pela madrugada, reinando sempre entre os convivas a mais íntima cordialidade.*

O principal marco, nesse momento de autocelebração, é a inauguração do Palacete da Phenix, realçado por todos os que o descrevem como suntuoso, vasto e prova indelével do prestígio social que a Phenix Caixeiral vai tratando de angariar desde o nascimento.

Assim foram lançados os fundamentos deste importantíssimo edifício social que é atualmente uma força, uma potência que impera, que manda. Hoje 24 de junho de 1915, vinte e quatro anos depois e incrustada mais uma página, marco indelével numa história brilhante – a inauguração do seu segundo, vasto e suntuoso prédio que por si mostra o quanto pode a vontade tenaz do nortista, o quanto vale o caixeiro cearense, guiado e encorajado por timoneiros da infirmitude moral de José Bastos, João Araripe, que já desapareceram na voragem do tumulto, mas suas obras perduram e servem de luzeiro para os que continuam na luta; de Joaquim Magalhães, a encarnação palpitante do prestígio da classe, o querido dos phenixtas, e tantos outros heróis dessa gloriosa cruzada⁷⁴.

O prestígio social dos dirigentes da Sociedade Phenix Caixeiral tem na construção do Palacete, a mais completa concretização. Inaugurado em 1915, com muita pompa e circunstância, teve a pedra fundamental lançada em 24 de junho de 1913, coincidindo com a data aniversário da Sociedade. A Construção data de agosto do mesmo ano, acompanhada por diligente comissão⁷⁵ que tratará de todos assuntos relativos à imponente edificação em área de 1163 metros quadrados.

O Palacete, assim chamado pelos phenixtas, é projetado por J. de Paula Barros, construído pelo arquiteto Augusto Lopes, sob a direção técnica do engenheiro Antero Freitas do Amaral. Ao custo aproximado de trezentos e cinquenta contos, o prédio é projetado para albergar as dependências administrativas da Sociedade, Escola de Comércio, Biblioteca, gabinetes de assistência de saúde, arquivo, e outras nove dependências (vestíbulo, saleta de estar, mictórios) e outras, sem esquecer o grande salão *majestoso para a realização das festas comemorativas das suas datas grandiosas e das sessões do Conselho Administrativo*. Segundo a rica e minuciosa descrição da Revista Phenix (Anexo desta dissertação), o Palacete da Phenix é o *mais importante edifício*

⁷⁴ Revista Phenix, Ano IV, No. XXXI – XXXII, maio e junho 1915

⁷⁵ Antonio Nunes Valente, presidente, Joaquim Jorge Vieira, tesoureiro, Arthur de Moura Ramos, secretário, Joaquim Sá, administrador e João de Alencar Araripe, diretor financeiro, o qual, tendo falecido, foi substituído por Álvaro Nunes Weyne.

desta Capital, quer sob o ponto de vista de suas ornamentações, quer sob o ponto de vista de suas dimensões.

A descrição do edifício em dois pavimentos (com nove compartimentos no primeiro e seis dependências no segundo) ressalta os estilos da construção, à maneira eclética do período – colunatas jônicas e coríntias, Luiz XVI – e os detalhes que fazem dele o imponente prédio que *orgulha a mocidade e toda a cidade*. Da rica escadaria, com elegante balaustrada de pau cetim, do pavimento em madeiras nobres, do ladrilho em mosaico alemão, dos forros de cedro, das finíssimas pinturas no teto, das longarinas de ferro, tudo conduz o leitor a chegar ao grande salão, com os quatro painéis representando as divindades protetoras do comércio, da agricultura, da indústria e da música.

É apropriado afirmar que a construção do prédio imponente significa para eles, o coroamento da fase de consolidação Sociedade Phenix Caixeiral, dentro e fora da categoria que representa, alargando o raio de atuação em direção ao ensino formal e cumprindo ampla função de acolhimento dos propósitos associativos de vários Grêmios Literários, ligas contra o analfabetismo entre outros, bem como lugar que se prestava a diversos momentos de realização do comemoracionismo das efemérides oficiais e do calendário cívico dos arranjos do poder republicano local: homenagens aos representantes do Ceará na Câmara Federal, visitas oficiais de membros destacados do Governo Federal, entrega de medalhas e outros títulos honoríficos.

Quer-se chamar a atenção do leitor, à altura de nossa argumentação, para a permanência e ecos no tempo, do prestígio social da Phenix. Assim, os depoimentos dos memorialistas, nas décadas de 1970 e 1980, são ricos na descrição das ações instrutivas e de benefício da Phenix. Tal é o caso do poeta e escritor Otacílio Colares,

“a Fênix Caixeiral, de nome tão cheio de simbologia, foi, desde sua fundação, de finais do passado século até a quarta década desta centúria, um viveiro de grande atividade sócio-cultural na capital cearense, podendo-se dizer-se que a agremiação, dedicada em princípio à defesa dos postergados interesses de uma classe até então marginalizada, que era a do auxiliar do comércio, está intimamente ligada aos fatos da cidade de Martim Soares Moreno, sobretudo no campo das letras e das artes, bastando se diga ter sido um dos seus fundadores o escritor Papi Júnior. [...] Foi pois dos quadros dessa Fênix Caixeiral que saiu, para fazer a entrada no mundo das letras de sua terra, a figura do escritor Edigar de Alencar, cujos primeiros passos,

*como tal, tiveram por caminho as lides do jornalismo, sábio que sua sensibilidade do futuro exímio cronista tornou-se patente e admirada por meio de intensa e permanente colaboração em quase todos os periódicos de sua cidade, incluída, entre esses, a revista Fênix, órgão dos estudantes da entidade por cuja escola sairia contabilista*⁷⁶.

Observe-se que Otacílio Colares realça a importância da Phenix, com exemplos de escritores e jornalistas de êxito na profissão, cujo aprendizado tinha iniciado nos bancos da Escola de Comércio, nos periódicos caixeirais ou ainda nos animados prélios eleitorais para definição das diretorias da Sociedade Phenix.

Segundo Edigar de Alencar, que evoca o que para ele representa a magnitude da Phenix Caixeiral, em Fortaleza, da primeira metade do século XX,

*a "Sociedade Fênix Caixeiral rapidamente se tornou a mais aguerrida e realizadora associação de classe do Brasil. Em poucos anos, os caixeiros da capital cearense davam exemplos destacáveis pela pobreza do meio solidificado a novel associação, dando-lhes não apenas a consciência de classe mas objetivando seus ideais numa biblioteca e numa escola de comércio. Daí por diante a valorosa agremiação dos fenixtas esteve sempre à frente das campanhas e iniciativas que se entendessem como progresso da terra cearense. A história do Ceará, a partir daquele fim de século, teve que se irmanar à história da Fênix Caixeiral*⁷⁷.

É preciso atentar aos exageros e à eloquência do depoimento acima como testemunho de memória de destacado fenixta, mas o que é de destaque, em sua evocação, é a tentativa de periodizar a história local adotando a história social dos caixeiros como marco a ser devidamente considerado.

1.5– A Phenix Caixeiral na Esfera Pública: aproximações com o poder local.

Como vista nesta pesquisa, a Sociedade Phenix Caixeiral realiza um associativismo em que se combinam as práticas do mutualismo e beneficência e as ações nos campos instrutivo, educacional e literário. Tais práticas incluem a aproximação do poder local e da esfera política, em busca de apoio à construção e manutenção de equipamentos sociais. Também a demanda por distin-

⁷⁶ COLARES, Otacílio. Edigar Alencar e a cidade de Fortaleza. In. ALENCAR, E. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: EdUFC, 1980, p. 9 e 10.

⁷⁷ ALENCAR, E. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. p. 165.

ção social, no meio, cria sensíveis diferenças com a atuação de outras categorias no mundo do trabalho. Neste ponto, quer-se demonstrar algumas evidências que denotam a relação fenixita com o poder local e elites, assim como com figuras proeminentes da burocracia de Estado e da política partidária.

A Sociedade Phenix Caixeiral mantém junto à Diretoria, uma Comissão de Representação, com poder de delegação, cuja função é, entre outras, a visita mensal às chamadas *figuras gradas* - Deputados, Presidente do Estado, Intendente, Secretário de Fazenda, profissionais destacados. É o que se pode ver em duas visitas da Comissão:

A Comissão de Representação da Phenix Caxeiral foi à residência do SR. Coronel Carvalho Mota cumprimentar S. Exc. Por ter assumido a suprema administração do Estado.

Esta digna autoridade, agradecendo a prova de consideração que recebia, referiu-se em termos honrosos à nossa Sociedade.

A mesma Comissão felicitou, também, o nosso querido Presidente Joaquim Magalhães por sua acertada e necessária nomeação para Secretário da Fazenda.⁷⁸ A comissão de representação da "Phenix Caixeiral" visitou durante o mês de Julho corrente: O Sr. coronel Franco Rabello, Presidente do Estado do Ceará; O distinto phenista coronel Idelfonso Albano, Intendente Municipal; Sr. coronel Costa Souza, Secretário da Fazenda e nosso Consorcio. Também retribuiu a visita do deputado federal Dr. Gentil Falcão⁷⁹.

A Comissão também representa Sociedade, nos espaços públicos, onde se dão as celebrações do mundo oficial ou, mesmo, nas festas de caráter privado. Um dos costumes, na provinciana cidade, é o comparecimento ao porto ao desembarque de políticos e autoridades:

A Phenix Caixeiral fez-se representar no desembarque do coronel Agapito Jorge dos Santos ilustre representante do Ceará, na Câmara dos Deputados, o qual sempre se revelou grande amigo do caixeiro cearense.

A mesma Sociedade compareceu por sua Comissão Representativa ao desembarque do talentoso deputado federal Dr. Gentil Falcão, que muito tem trabalhado pelo progredimento da nossa Escola de Comércio⁸⁰.

⁷⁸ Revista Phenix. Ano I, No. 1, fevereiro de 1912 p. 10

⁷⁹ Revista Phenix. Ano I, No 6 agosto 1912 p.

⁸⁰ Revista Phenix. Ano I, No. 11, Janeiro 1913 p. 12

ção social, no meio, cria sensíveis diferenças com a atuação de outras categorias no mundo do trabalho. Neste ponto, quer-se demonstrar algumas evidências que denotam a relação fenixita com o poder local e elites, assim como com figuras proeminentes da burocracia de Estado e da política partidária.

A Sociedade Phenix Caixeiral mantém junto à Diretoria, uma Comissão de Representação, com poder de delegação, cuja função é, entre outras, a visita mensal às chamadas *figuras gradas* - Deputados, Presidente do Estado, Intendente, Secretário de Fazenda, profissionais destacados. É o que se pode ver em duas visitas da Comissão:

A Comissão de Representação da Phenix Caixeiral foi à residência do SR. Coronel Carvalho Mota cumprimentar S. Exc. Por ter assumido a suprema administração do Estado.

Esta digna autoridade, agradecendo a prova de consideração que recebia, referiu-se em termos honrosos à nossa Sociedade.

A mesma Comissão felicitou, também, o nosso querido Presidente Joaquim Magalhães por sua acertada e necessária nomeação para Secretário da Fazenda.⁷⁸ A comissão de representação da "Phenix Caixeiral" visitou durante o mês de Julho corrente: O Sr. coronel Franco Rabello, Presidente do Estado do Ceará; O distinto phenista coronel Idelfonso Albano, Intendente Municipal; Sr. coronel Costa Souza, Secretário da Fazenda e nosso Consorcio. Também retribuiu a visita do deputado federal Dr. Gentil Falcão⁷⁹.

A Comissão também representa Sociedade, nos espaços públicos, onde se dão as celebrações do mundo oficial ou, mesmo, nas festas de caráter privado. Um dos costumes, na provinciana cidade, é o comparecimento ao porto ao desembarque de políticos e autoridades:

A Phenix Caixeiral fez-se representar no desembarque do coronel Agapito Jorge dos Santos ilustre representante do Ceará, na Câmara dos Deputados, o qual sempre se revelou grande amigo do caixeiro cearense.

A mesma Sociedade compareceu por sua Comissão Representativa ao desembarque do talentoso deputado federal Dr. Gentil Falcão, que muito tem trabalhado pelo progredimento da nossa Escola de Comércio⁸⁰.

⁷⁸ Revista Phenix. Ano I, No. 1, fevereiro de 1912 p. 10

⁷⁹ Revista Phenix. Ano I, No 6 agosto 1912 p.

⁸⁰ Revista Phenix. Ano I, No. 11, Janeiro 1913 p. 12

A proximidade com o poder local e, em alguns aspectos, colaboração incluem os já citados rituais de visitas e outras formalidades sociais. Nessa mesma linha, programam a recepção de visitas ilustres, momentos qualificados como Ação Honrosa na celebração fenixta. Bom exemplo da *Honrosa Visita* do deputado federal Gentil Falcão e da troca de gentilezas (algumas materiais) entre as duas partes:

Recebido pelo benemérito Presidente do Conselho Administrativo, Joaquim Magalhães, diretores e outros phenistas, S. Ex. percorreu os diversos compartimentos da sede provisória da nossa sociedade, tendo ocasião de assistir a aula pratica de aritmética no salão do 2º ano regida pelo competente professor Dr. Henrique Autran, ficando muitíssimo satisfeito com o método didático e natural com que o digno mestre ensinava a calcular os valores dos números.

O ilustrado membro do poder legislativo percorreu também o salão da biblioteca indagando interessadamente sobre alguns volumes que a compõem. Em seguida manifestou vontade de presenciar ao ensaio da nossa orquestra o que só foi realizado no dia seguinte, quando, reunidas as diversas figuras musicais, executaram perfeitamente alguns trechos do escolhido repertório.

Tão agradavelmente impressionado ficou aquela autoridade, que instituiu o premio de 100\$000 para o aluno que melhor se distinguisse durante o ano letivo.

É uma ação digna dos maiores encômios por isso que constitui um incitamento extraordinário aos alunos da nossa Escola de Música. Agradecendo em nome da "Phenix Caixeiral" a honra suprema da visita fazemos votos para que a permanência do Dr. Gentil Falcão entre nós, seja uma série progressiva de benefícios ao Ceará⁸¹.

A culminância das atitudes fenixtas de fortalecimento de elos com os representantes do poder público e com as elites, em geral, se dá pela incorporação dos nomes que consideram dignos de *justa homenagem*, compondo a galeria dos beneméritos da Sociedade Pehnix Caixeiral. O exemplo apresentado diz respeito à justificativa de escolha para a galeria, de Agapito dos Santos, Antero Freitas do Amaral, Franco Rabelo e Francisco Gonçalves, como se observa neste registro:

Mais bem inspirados não podiam ter andado os membros do Conselho diretor daquela sociedade que tiveram a idéia de subscrever tal proposta, por isso que ela, além de merecer em toda a sua integridade o apoio incondicional dos phenixtas, veio exprimir um preito de

⁸¹ Revista Phenix. Ano I, No. 5, julho de 1912 p. 8

sincero reconhecimento, de justa gratidão que, de outra forma, a Phenix Caixeiral melhor não poderia traduzir.

A Agapito Jorge dos Santos deve ela o desprendimento espontâneo que, na Câmara Federal, há patenteado em prol de uma subvenção a ela concebida pelo governo da União, cujo pagamento conseguiu pelos seus esforços, na crise financeira que assoberba o País, se tornasse efetivo.

O Dr. Antero Freitas do Amaral se tomou credor de seu reconhecimento pelos serviços valiosos que lhe há prestado, dirigindo tecnicamente a construção do seu novo palacete, sem outra remuneração que o seu esforço e a sua boa vontade, sem outro interesse que o seu devotado á causa nobilitante do caixeiro, de cujo alevantamento se fez ele ardoroso paladino.

O Cel. Franco Rabello é outro vulto que, na sua curta passagem pelo governo do Ceará, deixou de sua generosidade atos, indelevelmente gravados no coração da Phenix.

Afora os projetos de subvenção em seu benefício, por ele apresentados á Assembléia Legislativa e por esta aprovados, ainda ultimamente a isentou do pagamento do imposto de transmissão relativo á compra do terreno, onde erige ela hoje a sua futura sede.

O Dr. Francisco Gonçalves faz jus, pelo merecido título que acaba de receber, a mui particular menção, especialmente como preceptor e como amigo⁸².

1.6– Os Caixeiros no Movimento Operário Cearense: divergências de estratégia e concepção

Os caixeiros constituíam parte significativa do trabalho fortalezense. Além das diferenças internas entre as diversas categorias de caixeiros, há uma distancia relativa entre estes os trabalhadores não qualificados, mesmo em relação a outros operários letrados, como os gráficos e tipógrafos. Tais diferenças se agudizam, em determinadas conjunturas, com o recurso ao instrumento da greve, assim como na adoção de modelos associativos, nos câmbios com as ideologias que informam o movimento operário e nas atitudes de confronto ou conciliação, na relação patrão X trabalhadores.

No tópico discursivo de greve, é esta a percepção dos caixeiros, na revista Phenix:

“A greve é, talvez, o único meio de reivindicar os direitos espesinhados de uma corporação.

É a greve pacífica, a única que mostra a nobre e justa reclamação sobre direitos menosprezados ou atassalhados.

⁸² Revista Phenix Ano III, NO. XXIII, Abril de 1914. p. 9 e 10

Para que haja inteligência ou harmonia entre patrão e operário, entre senhor e subordinado, é necessário que esta seja calculada e precisa.

Desde que a retribuição ou salário é empregado de um modo anormal. Desde que há fraude há recompensa de trabalho, isto é, quando em vez da justiça e do direito surge o interesse mesquinho do capitalista ou do patrão, roubando a trabalhadores honestos e honrados o que lhes é devido, forçosamente há de surgir o descontentamento, e a reclamação far-se-á, ativa e imparcial, dos direitos sonogados e ultrajados. Dai a coação que se manifesta pela greve – único meio, talvez, de reivindicar os direitos espesinhados de uma corporação⁸³.

No plano das diferenças, é interessante perceber o fundamento associativo dos caixeiros ao fundarem a Phenix Caixeiral e a posição dos gráficos e tipógrafos expressa no jornal a “Voz do Graphico”, em especial o entendimento destes sobre o lugar e função organizativa do sindicato, na vida dos trabalhadores, especialmente, via sindicatos de resistências.

Desse período pelos anos 1920, são os embates internos do movimento operário no Ceará, onde visualizamos distintos projetos em disputa: da União Artística Cearense, dos Círculos Operários Católicos, da Phenix Caixeiral, do Núcleo organizador do Partido socialista Cearense, dos núcleos que se afirmam no campo do anarcossindicalismo, e dos primeiros sinais organizativos do ideário do Partido Comunista do Brasil.

Volte-se o leitor aos estudos que tratam dessas e outras dimensões organizativas do operariado, no Ceará, pois trazemos, à tona, apenas alguns embates registrados na imprensa, de corte libertário, no que se evidencia em confronto com os caixeiros e suas formas associativas, bem como sua intervenção político-prática⁸⁴.

No artigo “O Nosso Programa”, o gráfico Pedro Augusto Motta apresenta teses centrais acerca da ação direta e do sindicalismo de resistência, com base em suas estreitas vinculações com o jornal anarquista “A Plebe”, de São Paulo, chamando a atenção para os *inconfessáveis estranhos à classe*, clara alusão aos propósitos ou adesões político partidárias de alguns dirigentes

⁸³ Revista Phenix Ano I, No. 1, março de 1912. p. 9

⁸⁴ Ver neste sentido, os trabalhos de GONÇALVES, Adelaide. A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará de 1862 aos anos de 1920, op. cit. SANTOS, Carlos Augusto P. dos. Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE (1927 – 1950). Rio de Janeiro: UFRJ/UFC, 2000. Dissertação de Mestrado. SANTOS Jovelina Silva. Círculos Operários no Ceará: instruindo, educando, orientando, moralizando. 1915 –1963. Fortaleza: UFC, 2004. Dissertação de Mestrado.

operários no Ceará. Sem citar diretamente nomes de pessoas ou entidades, não deve ser difícil, para os leitores do período, enxergar críticas que alcançam também as formas de atuação da Phenix Caixeiral.

“Precisamos nos organizar, definir a nossa política e chamá-los à vida associativa das classes obreiras como necessidade espontânea de luta pela vida.

Na longa prática dos grandes centros operários do sul do país e da Europa, tem se constatado que só o sindicato de resistência merece o apoio franco do operário como único sistema de associação capaz de não adulterar a política de ação além de manter a dignidade honesta e altiva do operário, faz sentir com presteza os benefícios de seu valor.

No sindicato de resistência só se trata do interesse lídimo do operário em geral sem a permissão de ignorância, de outros negócios, de pessoas que, sendo ou não operários, queiram se utilizar de seu prestígio para fins inconfessáveis que não sejam diretamente os da classe.”

Na mesma linha de argumentação da Associação Graphica do Ceará, busca-se de forma sintética, conceitualizar o entendimento da exigência educativa, como premissa de organização e luta do operariado cuja pedagogia de ação direta transmuta o Sindicato em Escola, lugar de estima, de afirmação de laços, de construção de solidariedade, de auto-educação, com fins emancipatórios. Outra vez, a distância entre o projeto educacional da Phenix Caixeiral, é um dos propósitos deste enunciado:

o sindicato é a Escola e o recreio do operário e de sua família; ali ele aprende a ler e ensina aos companheiros que desejam aprender; ali ele aprende a estimar o seu semelhante e seu irmão, dando assim um passo em prol do sentimento de igualdade; ali ele conhece que o interesse do trabalhador é um só em toda parte; ali ele aprende a ser homem de vontade e que é perigoso delegar seus direitos a estranhos [...] agir por conta própria, em prol dos mesmos; enfim, ali ele aprende a organizar, a produzir e distribuir eqüitativamente o bem comum segundo as necessidades de cada um”⁸⁵.

Em artigo seguinte, o tom é de aberto confronto. O diagnóstico da situação de *letargia* do operariado, no Ceará, é justificado como decorrente da ação de dirigentes que se instalam em associações de classes para promoção de alianças com patrões. O tom cáustico do artigo nomeia as sociedades ditas

⁸⁵ Voz do Graphico, Ano I, no.1 25/12/20 Fac-símile. In GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.) *A imprensa Libertária do Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

de beneficência como *caducas*, os dirigentes, como *exploradores modernos*, seus métodos como causa do *esfacelamento* associativo e concitam o operariado a *desapearem* os dirigentes *crônicos* e a desmontarem as *gaiolinhas* dos presidentes. Nesse artigo, observa-se que os gráficos parecem mandar recado direto, inclusive os dirigentes da Sociedade Phenix, e o esforço de conclamação parece almejar os caixeiros, que buscam alcançar, no suposto topo da carreira, o lugar do patrão.

(...)

Isto é revoltante e mais revoltante ainda é testemunhar-se barbeiros, alfaiates, sapateiros, marceneiros, chauffeurs e outras classes continuarem de braços cruzados e olhos fechados sem enxergarem que certos indivíduos (infelizmente operários) se aliam aos capitalistas, adquirindo destes materiais, oficinas, autos e instruções, para, pela extorsão, passarem a patrão e entrarem no regime suave dos que vivem sem trabalhar a custa dos outros, explorando e afalfadamente, ganham dinheiro que chega para dois patrões; um capitalista, e outro artista, guia da exploração, ficando o operário que trabalhou com a menor parte, porque no Ceará os operários se deixam explorar duplamente.

(...)

Enquanto os exploradores se aliam e inventam planos de explorações cruelmente extorsivos que lhes assegurem o bem estar, o gozo para si e todos os seus, os operários se lembram de preparar uma esmola, apesar de arrebatada de si próprio, para o seu enterro, sem se lembrar que deixa mulher e filhos em vias do crime e da prostituição para não morrer à fome. E o que é mais lastimável em tudo isto, é estes mesmos operários inconscientes escolherem para presidentes (crônicos) de suas caducas beneficentes os próprios indivíduos que já se julgam patrões e vivem a explora-los a todo o transe.

Fora com esses exploradores modernos que sonham com riquezas, roubando dos pobres camaradas e vivendo nas associações presos às gaiolinhas de presidente como ostras em rochedos e, deste modo, levando as organizações ao esfacelamento, contanto que elas não prejudiquem os seus próprios interesses!

O que os operários devem fazer é, com um gesto soberano de uma assembléia, desapearem das presidências esses intrusos que fazem das suas sociedades uma feitoria!⁸⁶

Ainda no plano das divergências estratégicas ou de concepção organizativa, o artigo seguinte desfere abertas críticas a Sociedade Phenix Caixeiral e mesmo ao que consideram espírito acomodado dos moços do comércio. O mote para expressar o embate é dado pela promulgação de lei municipal de

⁸⁶ Voz do Graphico, Ano I, no.6 6/03/21 Fac- símile. In GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.) *A imprensa Libertária do Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

efeito contrário aos interesses dos merceeiros, os pequenos comerciantes, (fechamento das mercearias a partir das sete horas da noite, nos dias úteis e às onze horas da manhã, aos domingos, feriados e dias santificados). A regulamentação circunstancialmente favoreceria os interesses dos caixeiros. Ora, o *Jornal a Voz do Graphico* aproveita a deixa para proclamar a distância da *classe caixeiral* e, nomeadamente, de sua Sociedade das lutas históricas da classe, ou seja, pela jornada de oito horas e aplicação de direito e justiça, conquista universal da luta operária. O discurso é até irônico ao chamar a atenção dos caixeiros para se perceberem trabalhadores como outras categorias e empreenderem um projeto organizativo pautado pela agenda comum de luta. O efeito do discurso, como é de esperar, é verberar contra o que consideram espírito desmobilizador da *Phenix Caixeiral* e falta de autonomia quanto às reivindicações da categoria, conclamando, outra vez para a resistência, apelando à criação do *Sindicato Caixeiral*.

“ (...)

Há quem diga, porém, que a criação destas leis teve por fim beneficiar a classe caixeiral que, coitada, trabalha 10 a 12 horas por dia!

Sim é penoso, é triste!...

Mas que culpa temos nós! Nenhuma. A culpa é toda dela, a culpa é dos caixeiros que sabendo existir uma lei universalmente adotada e que regula 8 horas de trabalho para todos os trabalhadores, não a fazem pôr em execução já que aqueles a quem compete não fazem ou não querem fazer.

É preciso que os camaradas caixeiros compreendam que dita lei não os excluiu não os pôs à margem das demais classes laboriosas do universo. Ela se referiu tanto aos caixeiros como aos garçons, tanto aos barbeiros como aos trabalhadores de rua e aos catraeiros.

Por esta razão é que estão no direito de desfrutar este direito.

Devem, portanto, pleitearem-no enquanto é tempo, porque como as coisas vão havemos de chegar a trabalhar não 8 mas 4 horas por dia (Não se assustem os srs. burgueses, é ironia).

*Para isso é que os camaradas têm uma sociedade - A *Phenix Caixeiral* - que deve se esforçar por acabar com esses abusos dos srs. patrões. Se, porém, a *Phenix Caixeiral* não tem poderes para defender a classe, ou autonomia para lutar em prol das reivindicações caixerais, que feche as suas portas, que desapareça enfim, e atrás de si, grandiosa e triunfante, surja de resistência - **O Sindicato Caixeiral**.*

E este, pois, o caminho que devem seguir e não esperarem por leis beneficiárias de quem nunca soube o que é trabalho”⁸⁷.

⁸⁷ *Voz do Graphico* Ano I No. 7 12/03/21 Fac- símile. In GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.) *A imprensa Libertária do Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

Em meio às diferenças tópicas ou gerais, havia, no entanto, espaço possível de convergências entre duas categorias de trabalhadores, notadamente na elaboração dos meios para atingir maior nível de participação e organização, assim como na definição tática com vistas à superação do que diagnosticavam como apatia e indiferença dos trabalhadores para com suas associações de classe. Das convergências, a que ressalta com maior vigor e continuidade, no tempo, é o destaque dado ao lugar da educação.

Na “experiência dos caixeiros, a imprensa e a escola se completam, dando suporte à ação dirigida preferencialmente ao campo da educação e da instrução da classe caixeiral, reforçando o lema que atravessa décadas: trabalho e educação. Nesse momento a formação da opinião pública e de identificação dos signos da modernidade, os caixeiros fazem do jornal, da palavra impressa, lugar onde combinam crítica social e aspirações literárias”⁸⁸.

⁸⁸ GONÇALVES, Adelaide e FUNES, Eurípedes. No Tempo em que Rodolpho Theóphilo era caixeiro. In. THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro (reminiscências)*. Op. cit. P. 25 e 26.

CAPÍTULO 2- INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: “O LEMA DA MOCIDADE LABORIOSA DO COMÉRCIO.”

O fenixta Paula Vianna, em longo artigo na Revista Phenix, em 1913, tece considerações acerca do associativismo como a grande força do mundo civilizado. Para ele o Ceará devia se espelhar nos *centros mais adiantados* criando também associações.

“Existe no Estado de São Paulo a associação dos empregados do Comércio, que é a mais importante de suas congêneres, a qual mantém uma Escola de Comércio que honra o país. No nosso Estado há, atualmente uma verdadeira febre das ligas em formação, demonstrando assim o grau de adiantamento pelo qual vamos trilhando.”

No panorama local Paula Vianna considera a Phenix Caixeiral fruto de *“uma plêiade de moços empreendedores, de idéias alevantadas, os quais tiveram a felicidade de justificar o provérbio: L’union fait la force”*.

É do esforço dos pioneiros do progresso que vinha o fruto da boa semente que semearam. A boa semente é referência clara aos relevantes serviços que a Sociedade Phenix Caixeiral presta, segundo ele, de ordem material e de ordem moral. No plano da moral, o discurso é sintonizado com a demanda por Instrução e Educação, mecanismos de redenção e melhoria social. Neste sentido a consolidação da escola de Comércio é requerida como imperativo do papel desempenhado em Fortaleza. Para ele *esta Escola, onde lecionam professores competentíssimos, tem prestado inestimáveis benefícios á instrução da mocidade laboriosa do comércio*⁸⁹.

Nessa linha e em continuidade ao ideário iluminista do século XIX, as páginas da Revista Phenix acolhem o pensamento de Dolor Barreira, apresentado como reforço ao entendimento dos mecanismos de Instrução e Educação como possibilidade de regeneração social. Em longo artigo, o então professor da Escola de Comércio tece considerações acerca do espírito dissolvente e corruptor do tempo, que, segundo ele, privilegia as dimensões mundanas da

vida em sociedade, amesquinhando os valores da civilização. Sob o título **Tudo é Ignorância**, o autor conclui que é esta a causa do descalabro, da subversão e da ruína:

Satisfazer ás exigências do corpo e saciar os apetites da matéria: eis o supremo trabalho da nossa época (...)

O livro, em nossos dias, é o espectro, o fantasma e o duende de uma raça de degenerados... é o desmancha-prazeres, o eterno constritor e sugador dos cérebros, a algema irresistível das liberdades mundanas (...)

Fala mais a essas almas corrompidas e uma taça espumante de licor que uma pagina sadia da ciência... Tem-lhes mais atração uma surpresa trêmula de roleta, nas bancas úmidas das tavolagens que toda a robusta dialética de Cícero, toda a moral estóica de Sócrates e todas as filosofias idealistas do Platão (...)

Pouco importa que a mocidade se imbecilize, se desclassifique, se amesquinde, cada vez mais, ao contato diário dos vícios apodrecedores e dos gozos aviltantes e passem-lhe desapercibidas às conquistas do espírito, lentamente acumuladas pelo esforço nobre ao altruísmo das gerações, no vagaroso perpassar dos séculos.

Pouco importa tudo isto!... pouco importa... contanto que canalize dinheiro para as algibeiras insaciáveis e estadeie-se a bilontrice das roupas escovadas e haja romances piegas para acalentar os mórbidos sentimentalismos...

E, assim, a sociedade dissolve-se...⁹⁰

Com argumentação ético-moral, o artigo de Garcia Guedes parte do vulgarizado dito de Victor Hugo, para apresentar as apregoadas virtudes da Educação em seu propósito regenerador, espécie de projeto idealizado e salvífico, e a Escola, como lugar por excelência para a concretização do ideal republicano de progresso e culto às noções de Pátria e Nação. Ainda que longa, a transcrição do artigo se impõe para possibilitar a leitura do discurso em seu tempo, qualificando a Educação/Instrução *não um adorno á vaidade do rico, mas um recurso à necessidade do pobre*, como ainda concluindo pela positividade da Instrução, posto que é caminho luminoso para *dignificar-se, elevar-se, engrandecer-se, cooperar pela felicidade própria, da Pátria, da família e da raça*.

Victor Hugo, o sublime e incomparável poeta francês, disse que "uma escola que se abre é um cárcere que se fecha". (...)

⁸⁹ Revista Phenix. Ano I No. 11, janeiro 1913. p. 4 e 5.

⁹⁰ Revista Phenix. Ano II, No. XVIII, Novembro 1913. p.1 e 2.

Abramos escolas! Devia ser um brado que partindo uníssono do peito de cada homem, se transformasse imediatamente em sublime realidade.(...)

É na escola que se adquire a instrução, passaporte seguro para todos os grandiosos atos da vida, e, como disse Sólon, a melhor provisão de viagem para as paragens da velhice.(...)

Somos uma nação democrata e o ideal da democracia deve ser a instrução do povo em todas as suas modalidades, porque só com o concurso de todos poderá manter-se essa forma de governo. (...)

Cuidemos, por isso, em instruir o nosso povo, para que a pátria, unida e forte, voe nas asas do progresso até o lugar que lhe é destinado no meio das grandes potências. Alguém já disse que “um povo para ser grande deve ser instruído”.

Consideramos o livro um amigo fiel e dedicado, um conselho infalível em todas as suas palavras, um guia certo em todas as estradas da vida, um farol a guiar-nos nos mais arriscados cometimentos⁹¹.

No esforço de reflexão filosófica sobre os temas do associativismo, da Instrução e Educação, filiam-se as idéias do tempo e elaboram, como tantos outros, o pensamento eclético. Sobre as teses do progresso, redenção social e evolução recorrem a Spencer e Haeckel, pois:

Si sábios defensores do sistema materialista, como, sustentam que tudo no mundo obedece à lei da evolução, não de convir, além de desenvolver, é retrogradar, pois pela chamada lei da evolução, chegou a ser retrógrada parte da sociedade contemporânea, se bem que nos ensina o erudito Thomaz Pompeu que desenvolver a obra do mal, não é progredir.

Para compreender a natureza humana e a possibilidade de instinto gregário, recorrem aos filósofos antigos e da modernidade para concluir que a corrosão do tempo sobre o ser social não deve impedir o florescimento do grande e do belo, como produção do espírito humano. E tudo isso para tecer o discurso laudatório da ação instrutiva e educacional da Sociedade Phenix; é o caso de Paula Vianna, com referência e gratidão:

“Já Aristóteles e depois Hobbes opinavam que o homem era um animal naturalmente nocivo e os sociólogos afirmam “que não foi por instinto senão pelo temor que ele se associou aos seus semelhantes”. Radicada, pois, a sociedade nestes princípios, fácil é admitir o seu retomo às idades primevas, quando a pureza era ditada pelo instinto do viver, hoje quase sempre inspirada no orgulho e na ambição.

⁹¹ Revista Phenix. Ano III, No. XXIV, Maio de 1914. p. 6.

Felizmente para a felicidade dos povos que ainda porfiam no caminho do dever, trabalhando pelo engrandecimento material e moral da comunhão, nem tudo se perde no turbilhão das massas corruptoras. Surgem aqui e acolá, destacando-se do meio da confusão e do erro, obreiros do grande e do belo que de humildes que eram se tornam credores da estima e admiração de um povo, tais são os paladinos desta Phenix, grandiosa sociedade benemérita, que pelos valiosos serviços prestados à coletividade, ao nosso Estado, mesmo ao País, é credora das simpatias do Brasil inteiro.

(...)

Eu, o mais humilde dos phenixtas, que bebi no seu templo as luzes da instrução, inclino-me agradecido e respeitoso diante do augusto símbolo de uma phenix, que representa uma agremiação florescente, que tem por lema o desvelo, o carinho, o amor pelos seus associados, que são outros cidadãos probos, cheios de fé na grandeza da pátria⁹².

2.1- Educação e Integração Social

A perspectiva dos dirigentes caixeirais era de integrar os trabalhadores na sociedade capitalista, em formação, pelo trabalho e educação. Assim, o tempo “livre”, progressivamente conquistado nos movimentos, pelo repouso dominical, devia ser utilizado em prol de atividades engrandecedoras e dignificadoras, que permitissem não só o crescimento intelectual individual, mas igualmente o status a ser usufruído pelo caixeiro, na sociedade fortalezense.

De um lado, pela educação, os trabalhadores não se deixariam levar ao vício e ao alcoolismo, ocupando a mente com idéias e conhecimentos úteis. De fato, a própria idéia de “utilidade” parecia ser o elemento integrativo, ao reforçar simbolicamente a predominância do pensamento utilitarista e da prática com efeitos imediatos na sociedade. Desta forma, os trabalhadores se viam enredados na teia discursiva da sociedade burguesa em ascensão, que valoriza o pragmatismo e visão “concreta” do estar no mundo. Conhecimentos úteis, portanto, eram os que possibilitassem, ao trabalhador, ser reconhecido como participante ativo, mesmo que em situação de subordinação da sociedade de classes. Temendo ser equiparados a outros trabalhadores que não possuíam direitos a bens e serviços do Estado, ou a pobres que dependiam da assistência pública, os caixeiros desenvolviam uma política de aproximação com os patrões, procurando não enfrentá-los ou desagradá-los para que pudessem ter acesso à dignidade de “trabalhadores”.

Desnecessário dizer que parcela significativa dos trabalhadores cearenses, especialmente os do campo, viviam em situação precária, alijados dos benefícios do “progresso” e periodicamente (com as secas) dependentes da benevolência do Estado e de seus agentes.

Ao mesmo tempo, o conceito de “utilidade” permitia a criminalização do “ócio”, ou seja, do tempo em que o trabalhador não está no espaço do trabalho, submetido às suas leis – está, portanto, “livre”. A lógica do trabalho, pela da educação, se estende ao tempo livre e o domina, estreitando os laços que prendem o trabalhador ao universo da produção e do consumo. Para os caixeiros, vivendo o cotidiano do consumo de pequenas mercadorias, nas lojas, e experimentando o crescimento das atividades comerciais, com o aumento de empregos e a possibilidade de ganhos salariais, a educação aparecia como alternativa concreta de inserção nas redes econômicas e sociais de pertencimento a um padrão de consumo e status, não acessível a outras categorias de trabalhadores.

A ascensão do comércio, na capital, desde os anos finais do século XIX, parecia alcançar também os trabalhadores diretamente vinculados a essa atividade. A “onda” do crescimento econômico, de certa forma, era percebida pelos caixeiros como possibilidade concreta de melhoria de vida.

Ao introjetar categorias como “tempo útil” e “ócio”, os caixeiros faziam da educação meio de ocultar a desigualdade de classes, e apresentam o trabalho como mecanismo de aproximação entre patrões e empregados, encontrando momentos de confluência de interesses e de confraternização. Até mesmo com relação às reivindicações dos caixeiros, os valores burgueses são reforçados, como afirmou a revista *Phenix Caixeiral* (ano III, nº 8, 24/12/1893), em artigo citado: a lei de fechamento das portas aos domingos beneficiaria tanto patrões quanto caixeiros, que, descansados, trabalhariam mais ainda durante a semana. Mesmo assim, o órgão dos caixeiros faz um alerta aos colegas para que aproveitem “o dia que lhes é concedido para o descanso em coisas úteis, uma vez que é prejudicial tudo que não for útil”.

Neste sentido, a construção identitária dos caixeiros adota como base o recurso às virtudes da temperança, comedimento nas ações, civilidade e boa

¹² Revista *Phenix*. Ano IV, No. XXXI – XXXII, maio e junho 1915. p. 17 e 18.

conduta. Aqui e ali, quando ocorrência policial alcança um dos sócios, de pronto os dirigentes acorrem à autoridade judiciária para resolver o que apresentam como arbitrariedade e injustiça. Em fato relatado na Revista Phenix, em que um caixeiro tinha sido injustamente espancado e preso em praça pública, a ação diligente da Sociedade encontra eco junto ao chefe de polícia, que apresenta desculpas pelo suposto equívoco. Logo se vê que tão amável disposição da autoridade policial é justificada porque o arbítrio tinha alcançado *um jovem distinto e estimável não só por ser sócio da Phenix Caixeiral, mas ainda por ser pessoa laboriosa, ordeira e conceituada, como guarda-livros e filho dileto de uma família respeitável, que muito merece pela sua educação, virtudes e tradições honrosas*, nas palavras de Álvaro Teixeira de Souza Mendes, Chefe de Polícia⁹³.

Quanto ao lazer “saudável”, o cinema e o teatro são temas largamente registrados na Revista Phenix. Ao pesquisador dos modos de vida e dos novos hábitos que se vão configurando na cidade, há rico material: descrição das casas de cinema e teatro, orquestras, as películas projetadas, as peças encenadas e até as toaletes usadas indicam os novos usos na cena urbana e as formas de lazer no estrito círculo das elites. Os cinemas são Rio Branco, Júlio Pinto, Polytheama, Kinema, Cassino Cearense, American Kinema, todos apresentados como tendo “enchentes bem regulares”, o que confirma a afluência do público.

Do Rio Branco se diz que freqüência é sempre a mais seleta e a orquestra, uma das mais bem organizadas, exibindo a deslumbrante fita de arte Spartacus, inaugurando uma época de repetidos e triunfantes sucessos.

Atente-se para o fato de que as recomendações a esse tipo de lazer chamam a atenção para o *rigor e capricho* na escolha das fitas, para que as famílias possam freqüentá-las sem assombro, pois a seleção *escrupulosa e exigente das películas* é condição também do acolhimento seletivo de público. Veja-se que a revista destaca quase sempre essa prática de lazer associada ao aspecto *chic* das casas de cinema, como uso da *alta sociedade*. Ilustrativas são as duas notas sociais seguintes:

⁹³ Revista Phenix, Ano I, No. 11, janeiro de 1913. p. 11 e 12

Politheama é incontestavelmente o Cinema chic de Fortaleza. A alta sociedade procura-o nas horas de spleen e sai de lá saturada de alegria e prazer por que é uma verdadeira delícia assistir à exibição dos filmes ali apresentados ao som mavioso da excelente e magistral orquestra.

Kinema é outra casa de cinema que tem merecido a preferência do público cearense; os seus salões estão sempre repletos pela elite da nossa sociedade.

É uma casa que as famílias podem freqüentar desassombradamente, pois a empresa é rigorosa na escolha das fitas a serem exibidas. A orquestra como sempre agrada bastante ⁹⁴.

Observe-se que os rápidos e pedantes comentários sobre os filmes exibidos contêm algum “francesismo” na linguagem, o que deve agradar os leitores da revista e freqüentadores do cinema pelo efeito de ilusão que o texto carrega:

Os grandes nomes da Arte Modernos no teatro europeus vêm prestando o concurso inigualado de seu talento e de sua glória ao Cinema.

É assim que Suzana Grandais se contrata para uma serie de «films» onde desempenha e cria excelentes papeis, e Robinne, a encantadora Mlle Robine, a deusa da beleza pelas elegâncias de tout Paris, com o mesmo aplomb e impecabilidade de gestos e de mímicas com que delicia os habitués da Opera ou do Odeon, com a mesma graça, exhibe-se diante dos projetores poderosos que fixam todos os seus movimentos em filmes de subido valor, que mundo afora vão confirmando a glória de que se acham aureolados os seus nomes de artistas.

No «Cassino» ou no «Rio Branco», dois estabelecimentos que ligam importância á escolha das fitas a serem exibidas, não é raro admirar-se na tela o trabalho impecável dos grandes artistas modernos, dando até a ilusão de que estão em pessoa, a fazer uma tournée artística pelo nosso Brasil ⁹⁵.

Registre-se que as notas da Revista Phenix não se restringem aos comentários sobre o teor da fitas ou da seleta assistência, mas buscam também dizer das reformas feitas em alguns Cinemas, sugerindo ao leitor que tais marcas urbanas, com os distintivos de luxo e elegância, são a expressão da suposta modernidade que se vai construindo em Fortaleza. Note-se também o argumento da distinção de classe associada à prática do lazer como exigência de também suposta *fidalgua e aristocracia* saindo dos salões privados para as

⁹⁴ Revista Phenix. Ano IV, No. XXXVII. Novembro de 1915 p. 16

⁹⁵ Revista Phenix.. Ano III, No. XXVI, julho de 1914 p. 12

soirées elegantes do espaço público. Sugestivas são as notas sociais do Cine Polytheama:

A Empresa Rola & Irmão, proprietária dessa casa de diversões, acaba de fazer grandes reformas no Polytheama, dotando-o de inúmeros e confortáveis melhoramentos. Empreendedores e ativos, os Irmãos Rola não encararam despesas e sacrifícios para enriquecer a nossa linda capital com um Cinema-Theatro luxuoso e elegante como se fazia mister á aristocracia fidalguia da nossa urbs⁹⁶.

Na tela desse luxuoso e confortável Theatro-Cinema tem passado ultimamente uma serie de empolgantes e maravilhosas fitas de arte, verdadeiros primores da Cinematografia moderna.

Amanhã, na Soirée Chic, será levada á cena a vibrante criação cinematográfica de Shakespeare – Othelo.

Ainda que o mais espaço do noticiário comentado de filmes afirme o aspecto *soberbo* dos cineteatros, espaços de culto da elegância, arte e cavalheirismo, faça-se algum comentário ao Cassino Cearense, posta em destaque sua apreciada característica de *popular e simpatizado, de continuar na exibição de escolhidas fitas, atraindo á casa verdadeiras enchentes. Filmes emocionantes e dramáticos, ao lado de outros irresistivelmente cômicos, de fazer rir a bandeiras despregadas.*

Na continuada ação de busca de maior inserção social, mesmo, de cercar sua presença, na cidade, com os símbolos da distinção social, a Sociedade Phenix caixeiral, no propósito pedagógico de normatividade e prescrição de condutas dos sócios, não se furta à proposição de determinadas formas de lazer, em direção às práticas sociais que combinam saudáveis usos do "tempo livre" e o correto uso dos equipamentos sociais, na cidade. O destaque é dado aos cineteatros com orquestras, trupes e boas fitas.

A revista recomenda vivamente a ida ao teatro e faz pequenos comentários críticos às peças teatrais encenadas em Fortaleza. Aplaudida e festejada é, por exemplo, *O casamento da Moqueca* de Carlos Severo, continuação da consagrada a *Chegada do General*. Dramaturgo de dotes geniais, Severo retrata os costumes da vida cearense, escreve dramas e revistas, compõe e pinta cenários para as peças, misto de dramaturgo, maestro e cenógrafo. Comentários elogiosos, com variado repertório, recebe a mimosa troupe das

⁹⁶ Revista Phenix. Ano IV, No. XXVII e XXVIII, janeiro e fevereiro, 1915. p. 20.

Irmãs Pombo, que tantos e merecidos aplausos tem arrancado da platéia cearense, aos acordes da orquestra do Rio Branco, sob a direção do Maestro Ciro Ciarlini.

A provinciana cidade e caixeiros usam o espaço dos cineteatros para Festivais, onde a exibição das fitas é pretexto para a circulação nos salões, ao som da banda de música, por vezes, seguidas de danças de salão. Em destaque o Festival dedicado à Sociedade Phenix Caixeiral, no Polytheama e Kinema, cujo texto, embora longo, segue na íntegra pela profusão de detalhes descritos e apreciação da fita:

Domingo, 29 de Agosto, a Companhia Cinematográfica Brasileira, cuja agência neste Estado está sob a direção ativíssima e inteligente do distinto cavalheiro Sr. Raul de Freitas Walker dedicou no Polytheama e Kinema um esplêndido festival á benemérita associação dos empregados no Comércio, a "Phenix Caixeiral".

Esse festival foi o mais brilhante possível, tendo a ele comparecido, encorporada, a diretoria da sociedade homenageada; os salões estavam repletos do que de mais chique e seleto que conta à sociedade cearense; o prédio dos cinemas, festivamente embandeirado e profusamente iluminado.

A banda de musica da Phenix Caixeiral executou vários e harmoniosos trechos de seu escolhido repertório.

O filme escolhido foi um portento da cinematografia moderna: "Sua Majestade o Dólar", surpreendente e arrebatadora concepção da vida real, onde tão bem se aprecia a ambição desmedida do yankee, o seu culto apaixonado pelo dinheiro, a sua doutrina utilitária e os meios que põe em pratica para vencer nas empresas a que se dispõe.

Filmes como esse deixam imorredoura impressão, não só pela fiel e impecável execução que os artistas conseguiram dar aos seus papéis, como pela sutileza do enredo admirável interessante que de começo ao fim prende a atenção do espectador.

Inúmeros têm sido os sucessos da Companhia Cinematográfica entre nós, o que em grande parte se deve á direção criteriosa e empreendedora do Sr. Walker, nada poupando para que a nossa urbs se possa deliciar com o que de melhor e de mais atraente produzem as grandes fábricas e os grandes artistas⁹⁷.

O que pode fazer o caixeiro, no tempo livre, tão relaxante quanto útil? Educar-se, instruir-se e obter conhecimentos, para ter acesso a fatia do desenvolvimento intelectual das classes mais abastadas da sociedade local. A educação era a chave de acesso a um mundo melhor para todos os que se empenhassem no trabalho. Trabalho educação utilidade – tríade de elementos simbólicos de grande força na sociedade burguesa em que os caixeiros procura-

vam se inserir. Assim, a educação proposta pelas lideranças dos caixeiros, no Ceará, tinha caráter moralizante, isto é, introduzir no cotidiano dos caixeiros, valores e comportamentos revestidos de eficácia prática indiscutível, compatíveis com as expectativas da sociedade que se pretendia aburguesada, em Fortaleza, em inícios do século XX. Ao introjetar em valores e comportamentos, os caixeiros passavam a fazer parte da mesma sociedade que os tinha como subalternos.

De outro lado, o combate ao ócio, pelas próprias lideranças caixeirais, por meio, especialmente, do jornal Phenix Caixeiral, terminava por desqualificar os elementos da cultura popular desenvolvidos pelos trabalhadores em Fortaleza. Os momentos de “liberdade”, aos domingos, não podiam, segundo lideranças, ser desperdiçados em atividades inúteis: jogos, bebedeiras, diversões. O lazer “operário”, por assim dizer, aparecia, aos olhos de patrões e lideranças caixeirais, como celeiro de vícios e doenças, levando o trabalhador ao descrédito e à decadência moral. O controle dos espaços “fora da loja”, assim, podia ser efetivado com a introjeção de valores negativos com relação ao ócio e aos costumes de diversão nas ruas e praças da cidade.

A crônica de Clóvis Monteiro sobre o tipo popular, o Jeronymo, vate original da cidade, é marcada pela condenação de vícios e condutas reprováveis. Embora se refira ao gosto de Jeronymo pelos livros e pelos lugares de celebração da prosa ou da poesia de Guerra Junqueiro, Victor Hugo, Dante, Bocage ou Tolentino, o foco é o aspecto transgressor de Jerônimo, sujo e embriagado, em busca da improvável imortalidade pela publicação *post mortem* de inéditos; é o que se observa deste excerto da crônica moralizadora:

Toda gente, na cidade, conhecia o Jeronymo – moço de 20 anos, mais ou menos, cor bronzeada, alto e musculoso.

Nos cafés, nas casas de diversões nas rodas literárias das avenidas, e, em suma, era toda parte onde se falasse em Guerra Junqueira, Hugo ou Dante, a sua presença era infalível.

Conservava sempre na mão, a todo instante e em todo lugar, um livro de autor estrangeiro.

Era tratado como um idiota, desses espíritos inferiores que, deixando-se influenciar, dos muitos que ocupam os lugares mais visíveis nas vitrinas das nossas livrarias, ou mesmo por ouvir as narrações de anedotas de escritores degenerados, entendem que a superioridade do homem de talento consiste em não assear-se, em entregar-

⁹⁷ Revista Phenix Ano IV, No. XXXIV, agosto, 1915, p. 09.

*se completa e exclusivamente á embriaguez, tendo como único afa-
zer durante o dia – parolar nas tabernas fumando um cigarro ordiná-
rio e conservando sempre não muito longe da mão e sob a vista, um
copo com aguardente...*

*E á noite, quando se cerram todas as portas, os transeuntes já não
atravessam mais as ruas silenciosas, e somente a luz muito tênue e
quase bruxuleante dos combustores estende-se palidamente pelas
calçadas, subindo até os parapeitos das casas, os seus corpos con-
fundem-se com os enxurros das sarjetas empoeiradas ou lodosas.*

Assim, era o Jeronymo.

*Num ponto, porém, diferenciava dos homens superiores comuns.
Quando se embriagava, em vez de recitar os versos de Bocage ou
Nicolau Tolentino, os dois boêmios portugueses mais preferidos,
fantasiava um suicídio original – como ele costumava expressar-se –
par que o seu nome, escrito em letras de fôrma, nas gazetas da ter-
ra, e pronunciando por todas as bocas, não mais fosse esquecido.*

*“Então, depois, - acrescentava ele aos camaradas que o procuravam
ridicularizar – será publicado um livro de poesias que guardo inédito...*

Aí, a imortalidade!”⁹⁸

Ao contrário, as lideranças incentivam o gosto pela leitura como forma de integrar os trabalhadores do comércio ao universo intelectual pactuado com os patrões e com outros setores médios da sociedade local. A literatura, em particular, podia fornecer meios de pertencimento a círculos e grêmios literários em comum com comerciantes e outros profissionais liberais, derrubando as barreiras de classe que a cultura, quase sempre, reforçava. No esforço de integração dos trabalhadores, a cultura e a educação apareciam como mecanismos privilegiados de ascensão social, assegurando aos caixeiros “superiores, condições de existência”⁹⁹.

Este texto abaixo, bilhete do caixeiro Vicente, leitor da Revista, em resposta ao redator, é documento de relevo aos olhos do pesquisador. Revela a vigilância patronal sobre o tempo do trabalho, que não pode ser *desperdiçado* com leitura, posto que lugar de caixeiro é no balcão, com olho no freguês e não com o pensamento de ser poeta.

Em resposta ao pedido que me fizeste para a revista Phenix, que te darei eu, bom amigo? A vida material que ora levo, de caixeiro vassoura empoeirada, absorve-me o tempo por completo. Não posso mais investigar os livros para aprender as muitas cousas que não sei ainda. Mas dar-me-ás razão, meu bom Gustavo, o patrão está sempre alerta, não posso ler na loja, as muitas revistas aparecidas em

⁹⁸ Revista Phenix. Ano IV, No. XXIX – XXX, março e abril de 1915 p. 13

⁹⁹ ARARIPE, J. C. Alencar. *No País das Utopias*. Op. Cit., p. 42.

nosso meio, até mesmo os jornais e «boletins» que têm vindo á tona da Imprensa ultimamente. O patrão me adverte todo dia, que preste mais atenção aos «bons» fregueses, que não saia do balcão, que é proibido ler na loja que caixeiro não pode ser «poeta» e outras tantas cousas mais, que fazem receio de perder o meu lugar.

O bilhete evidencia o exercício de autocensura pois, ao concluir que é *burro porque quer*, atribui ao mau uso do tempo 'livre', empregado em ócio e em pequenos prazeres, a causa de sua pobreza intelectual, para concluir com o compromisso com o tempo do patrão e com o tempo da Instrução:

Refletia seriamente nisto (como as causas se transformam!) sentado com pachorra na «7 de Setembro», vendo passar as «pequenas», ansioso da passagem da minha «maior» predileta...quando veio-me à idéia o seguinte: eu sou «burro» porque mesmo quero. Ora eu que fecho a loja ás 6 da tarde (a loja do patrão fica entendido), que janto em 10 minutos e saio apressadamente contra a vontade de minha santa mãe, e vou passear nas avenidas e vou ao teatro (nas torri-nhas), ao «Brocoió» tomar caldo... gelado; decidir cerveja na «Maison», assistir as fitas dos cinemas e vou... á tanta cousa mais, sou mesmo «burro» porque mesmo quero. Em vez destes prazeres, algumas vezes ao menos, deveria ir á «Phenix Caixeiral» quando não cursasse as aulas, aproveitaria ao menos a «Biblioteca» cujos 3.000 volumes lá me esperam, deveria ilustrar o intelecto, iluminar minhas idéias, aquecer as tendências naturais, no braseiro vigorosa da instrução.

Quanto tempo perdido e quanto desperdício, nas vantagens que me oferece a Phenix Caixeiral! Tornaria ciente o meu patrão que as letras não me fazem mal. Ah! É verdade eu sou mesmo «burro» porque mesmo quero.

Não precisava ler jornais na loja, esconder revistas nas peças de fazendas, não precisava e não preciso disto absolutamente.

Se o dia pertence de direito ao meu patrão a noite é muito minha e a noite é tão comprida... Já estou te maçando (a ti que não precisas de massagens). Hoje já sabes, não irei ao «José de Alencar», tomei um compromisso sério...

Ah! Se todos os caixeiros fizessem como eu digo, que irei fazer d'ora em diante: incendiar este cérebro no braseiro da Instrução¹⁰⁰.

O tema da Instrução é, por vezes, entoado como hino de *emancipação da inteligência*. Que não se veja apenas exagero de estilo e retórica rebuscada. É o espírito do tempo, creditando ao livro e à Instrução, o caminho harmonioso da redenção social. Observe-se este artigo do jornal caixeiral a Centelha, de 1909, repercutido, anos depois, na Revista Phenix:

¹⁰⁰ Revista Phenix. Ano II, No. XVII, outubro de 1913. p.3

(...)

Entoado o hino entusiástico da liberdade individual, falta, agora, o da emancipação luminosa da inteligência.

O livro é uma escada de ascensão triunfal (...)

A instrução é a luz, o facho aclarante que há de acender a aurora esplêndida da regeneração social de todos os povos civilizados.

(...)

A história moderna mostra o brilho da inteligência vencendo os lampejos metálicos da lâmina rude e fria dos punhais e das lanças.

O Livro e a Pena serão, pois, as duas invencíveis armas do encarniçado conflito das civilizações.

O articulista, caixeiro demitido, faz crítica aos patrões do comércio que criam dificuldades aos trabalhadores que, como ele, demonstram gosto pelas letras. Supõe-se que o artigo é espécie de resposta a certo patrão que o tinha despedido sob a alegação de que *poeta ou escritor nem para comprar em seu balcão*. Contra o ato do patrão, o caixeiro Climério trata de argumentar literariamente que a instrução é indissociável da boa prática do comércio, visto que, para ele, ambas são propulsoras do Progresso.

Pelo que se observa, a matriz de contra argumentação da perda do emprego não o leva ao protesto nas formas clássicas, mas opera no campo da ordem, aludindo à força moral da instrução e ao papel progressista da atividade comercial, indutora da evolução do meio:

Só a estultícia de espíritos disparatados e retrógrados, - almas das trevas, cujas pálpebras se conservam sempre cerradas ás chispas vivificantes da Luz, pode lavrar este conceito infundado e banal: A instrução e o comércio são forças diametralmente opostas.

Infelizmente, seja dito a bem da verdade, embora para vergonha do meio, o nosso círculo mercantil possui individualidades "burguesas" que taram o merecimento do seu empregado na ordem inversa de seu real valor.

Não sindicam dos seus maus costumes e hábitos, indagam unicamente de sua inteligência, alegando peremptoriamente não querer "poeta ou escritor nem para comprar em seu balcão". Pelo crime de amar ás letras o autor destas linhas foi vítima do que acaba de expender. Num trabalho, que, para futuro, deseja atirar a luz, trará esses fatos convenientemente documentados.

Como se a inteligência em vez de luz fosse mancha, uma parcela da nossa atmosfera social, julga o exercício espiritual um desvio para o dever, uma profissão humilhante, pior que um vício secreto.

O comércio é um dos impulsores fortes da evolução e do progresso.

(...)

A observação tem demonstrado também que por toda parte onde o comércio prosperou, as letras e artes floresceram. (...)

*A instrução e o comércio são duas ondas de luz, dois seres corporificados pelo mesmo alento e pela mesma força*¹⁰¹.

Com relação aos costumes “populares”, é lícito afirmar que as lideranças caixeirais temiam a aproximação com grupos sociais excluídos, em cujo meio grassavam o alcoolismo e a prostituição. Os vícios (jogo e álcool) e as diversões “libidinosas” pareciam incompatíveis, aos olhos integradores dos jornalistas da Phenix Caixeiral, com o projeto político, cujo elemento central era a melhoria das condições de existência dos trabalhadores, pela integração subordinada, na sociedade burguesa. O “engrandecimento moral” da entidade caixeiral aproximava-se da visão puritana do comedimento dos hábitos, da poupança nos gastos, da sobriedade nos costumes e da valorização da privacidade do lar. Assim, a produtividade, no trabalho, estava garantida, como salários e os meios de ascensão funcional.

De certa forma, as lideranças dos caixeiros corroboravam com o projeto desenvolvido, nas primeiras décadas do século XX, pelo Intendente Guilherme Rocha o seu Chefe de Polícia, Dr. Torres Câmara, para quem o melhor meio de combater a criminalidade é antever gestação, essas manifestações “bárbaras” da cultura dos populares – jogos, bebidas, disputas, mulheres etc. Além de “inúteis”, tais manifestações não só prejudicam a produtividade dos trabalhadores, na semana, mas também subvertem a lógica do trabalho constituinte das relações sociais capitalistas.

A campanha de Torres Câmara, que toma corpo na década de 1920, fora, de certa forma, precedida pela ação preventiva dos próprios caixeiros, que, ansiosos por pertencerem à sociedade moderna, buscaram, nas próprias fileiras, estabelecer o controle sobre comportamentos pouco compatíveis com os preceitos civilizados. Ao lutarem por “tempo livre”, procuravam, no mesmo movimento, evitar que essa “liberdade” pudesse ser exercida autonomamente pelos trabalhadores; desta forma, atividades “úteis” ou “educativas” passaram a ser incentivadas pelas lideranças caixeirais, pretendendo que o tempo fora da loja fosse também incorporado aos preceitos da lógica do trabalho assalariado, em que o tempo deve estar submetido às regras do mercado, aos lucros e ao interesse patronal.

¹⁰¹ Revista Phenix. Ano I, No. XIV, abril e maio de 1913. p.8 a 10

A folga pretendida pelos caixeiros, segundo lideranças, devia ser preenchida com elementos “úteis” e “produtivos”, gerando trabalhadores saudáveis e cultos, capazes de se integrar, por meio do trabalho, na sociedade de classes. Não havia lugar, portanto, para os divertimentos tradicionais dos trabalhadores, substituídos pela sobriedade da leitura e da educação. As campanhas em defesa da lei do fechamento das portas, aos domingos possuíam, assim, caráter de confraternização, mais que de conflito, contribuindo, ao mesmo tempo, para a formação da identidade de grupo entre os caixeiros e para sua integração pacífica às normas sociais vigentes, vinculando as lideranças caixeiras aos grupos sociais encastelados na Intendência Municipal de Fortaleza: “À ilustre intendência municipal vimos trazer a nossa homenagem e gratidão”

A luta dos caixeiros expressa em publicações orientava-se pela política de cooperação de classes, de tal forma que as conquistas eram ser alcançadas, “sem faltar ao respeito com os poderes constituídos” (Phenix Caixeiral, Edição Especial, 24/06/1894). A educação, no projeto, representava elemento central na divulgação de novos valores e novos hábitos, introjetados na cultura dos trabalhadores por meio da valorização da leitura e das atividades intelectuais dos próprios caixeiros. Assim, o incentivo à produção literária e artística, em geral, visava inserir os caixeiros no universo da cultura letrada, dominado pelos setores mais abastados da sociedade; a inserção social dos trabalhadores era, portanto, entendida como forma de valorização do trabalho e seus agentes fundamentais. Participar desse universo, mesmo de maneira subordinada, talvez como vítima do preconceito e da discriminação, fazia com que os trabalhadores pudessem sentir-se parte ativa de um mundo em construção, cujas bases, em Fortaleza, estavam fincadas no comércio.

2.2- Educação e Ascensão Social

Ao tempo em que permitiam o combate aos hábitos e comportamentos irregulares, incompatíveis com o mundo moderno, as mensagens das lideranças caixeiras procuravam definir a educação como possibilidade concreta de ascensão social dos caixeiros. Não se tratava apenas da formação geral, tampouco de meio de obter status social, mas mecanismo de obtenção de melhorias imediatas nas condições de vida dos trabalhadores. Se, de um lado, o estí-

mulo ao “pendor literário” permitia a participação dos caixeiros em agremiações culturais de caráter geral ou “interclassista”, a educação específica favorecia, de outro lado, a incorporação de saberes práticos utilizados na elaboração de critérios de ascensão funcional nas lojas.

Assim, a educação não era apenas instrumento de divulgação de conceitos básicos, como “utilitarismo”, mas aparecia como “utilitária”, instrumentalizada pela concepção que a vinculava à solução de necessidades imediatas ou de problemas práticos cotidianos.

Deste modo compreende-se o esforço material e a participação aberta nos arranjos do poder local, em busca de recursos para a construção da Escola e sua manutenção, o que implicava a contratação de destacado quadro de docentes e exigência de equipamentos instrucionais e educativos (biblioteca, escola de música, banda, espaço para prática desportiva e de lazer *saudável*), bem como o estímulo à atualização dos métodos pedagógicos e a reforma do currículo escolar, como meio de equiparação aos modelos de Escolas de Comércio em outras regiões do país. O conceito de Educação/Instrução atravessava pelo senso pragmático e utilitário orienta os dirigentes da Escola Phenix que nela vêm *um estabelecimento de ensino verdadeiramente modelar, uma perfeita e organizada academia de comércio.*

(....) Depois da reforma da Escola de Comercio da Phenix Caixeiral cujo regulamento acaba de ser aprovado, trazendo para este instituto importantes melhoramentos, e para o ensino que nele se ministra tão criteriosamente, vantagens consideráveis, a manutenção da nossa revista tornou-se de maior necessidade e conseqüentemente não pouparemos esforços, nem sacrifícios no intuito de mantê-la e sustentá-la na altura do conceituado estabelecimento de educação, de cujos alunos é órgão.

A reforma em execução tendo atendido as mais importantes necessidades de ensino, tendo satisfeito todas as exigências por uma perfeita aprendizagem comercial, dotou a Escola de Comércio da Phenix dos mais eficientes meios para a consecução dos seus fins, assim tomando efetiva uma inspiração dos que como nós se interessam realmente pela educação comercial dos nossos colegas.

A Escola de Comércio Phenix Caixieral é projetada para ministrar Curso Comercial, com duração de seis anos, sendo o primeiro de instrução primária, sob a denominação de Curso Anexo, espécie de preparatório ou admissão aos cinco anos seguintes, dedicados à Instrução Profissional. No Curso Prepa-

ratório de um ano, o programa de ensino consta dos rudimentos de português, história do Brasil, geografia, desenho linear, exercícios de leitura, ditado e caligrafia. A instrução profissional é realizada com a integralização do currículo do ensino de português, francês, inglês, aritmética, geografia, escrituração mercantil, direito comercial e noções de economia política.

Inestimáveis têm sido os benefícios que vêm prestando á causa comercial a Escola de Comércio Phenix Caixeiral, elevando o caixeiro cearense, por uma acurada e sólida instrução, á altura dos elevados misteres de sua profissão.

Dispondo de uma organização vazada nos melhores métodos pedagógicos, têm sido, há muitos anos, o Tabernáculo onde se bebe a luz de ensinamentos bons e proveitosos.

Para que se julgue, com exatidão, do valioso papel dessa instituição, basta dizer que, dos 175 alunos matriculados nos diversos anos do curso, 135, na média, comparecem regularmente às aulas¹⁰².

Aqui a Escola de Comércio é outra vez apresentada como símbolo da conquista pela razão, por oposição ao uso da força das reivindicações como instrumento de mudança. No entanto, a retórica transbordante do valor sagrado da escola, não obscurece o fato de qualificar a educação escolar, como praticada, entre o agradável convívio com os mestres e o aborrecimento do *bulício das ruas* em troca da atenção para as preleções de sala de aula.

(...)

Mas lancemos a vista para as nossas esperanças mais fagueiras, simbolizadas em nossa "Escola", onde não se cogita das reivindica-

¹⁰² Curso Anexo - Professor – Daniel Augusto Lopes; 1º. Ano Francisco Gonçalves – Português; Dr. Henrique Autran – Aritmética; Dolor Barreira Cravo – Francês; 2º. Ano - Francisco Gonçalves – Português; Dr. Henrique Autran – Aritmética; Dolor Barreira Cravo – Francês; 3º. Ano - Francisco Gonçalves – Português; Dr. Henrique Autran – Aritmética; Dr. Francisco Prado – Francês; Dr. José C. de M. Peixoto – Inglês; 4º. Ano - Francisco Gonçalves – Português; José Firmiano (interino) – Escrituração; Dr. Francisco Prado – Francês; Dr. José C. de M. Peixoto – Inglês; 5º. Ano - José Firmiano (interino) – Escrituração; Dr. José C. de M. Peixoto – Inglês; Dr. Henrique Girão – Direito Comercial e Economia Política; Música - Professor Américo Lima, Banda de Música - 30 Figuras. Revista Phenix. Ano I No. 13 março 1913. Português – 1º e 3º anos Dr. Francisco Gonçalves; 2º e 4º anos Dr. Raymundo de Aruda; Aritmética – 1º, 2º e 3º anos Dr. Henrique Autran; E. Mercantil – 1º, 2º e 3º anos Hermenegildo Firmesa; Francês – Dr. Dolor Barreira; Inglês – Dr. Andrade Furtado e Samuel Cysne; Direito Commercial e Economia Política – Dr. Eduardo Girão; Geografia – Dr. Vicente Gondim; Diretor do Mês – José Memezes; Adjunto – Manoel Soares. Escola de Música Regente – Américo Lima. Serviço Médico Dr. Abnegado da Rocha Lima – Consulta todos os dias de 1 às 2 horas da tarde no consultório do edificio social. Satyro Cunha, Bibliotecário e Cobrador; Domingos Ribeiro, zelador e auxiliar da administração. Ano IV Revista. Ano IV No. XXIX – XXX - março e abril 1915.

ções pela força material e sim pela luz que deslumbra a natureza, conseguindo apanhá-la em quase todas as posições.

Já nos chega ao espírito desacostumado dos métodos pedagógicos, a lembrança entre agradável e aborrecida do comparecimento diário e obrigatório às lições: agradável, porque nos impõe benignamente a presença dos lentes que, com a paternidade de sua ilustração, nos vão infiltrando pouco a pouco a percepção indispensável do conhecimento, tão naturalmente como o fio de água cristalina que desliza suavemente pela superfície da terra, fecundando os prados; e aborrecida porque nos obriga a desprezar a alegria e o bulício das avenidas em troca da atenção com que devemos escutar as preleções dos mestres¹⁰³.

A Escola de Comércio, com o quadro dirigente correspondente ao da Sociedade mantenedora, recruta os alunos nas casas comerciais e estabelecimentos vários da cidade e, pelo que se observa dos programas de ensino, realiza função propedêutica inteiramente voltada aos aspectos utilitários do ensino profissional, visando à aplicação prática das lições. Os professores são quase sempre oriundos de outros colégios da cidade, como também podem ser destacados profissionais liberais (advogados, jornalistas, médicos, dentistas), em alguns casos, estudantes de Faculdade de Direito, para as áreas técnicas do ensino, o espírito prático recomenda a contratação de professores de experimentados guarda-livros de casas bancárias ou de casas exportadoras.

Os métodos de ensino, por tradicionais, privilegiem a aquisição de habilidades práticas e ilustração bem ao gosto bacharelesco do meio. O incentivo à aprendizagem é à maneira de competição individual, conferindo, às premiações honoríficas, sentido especial. A Revista Phenix e a imprensa dos caixeiros, de modo geral, trazem farto noticiário acerca dos prêmios concedidos, ano a ano e ao final dos cursos. As medalhas recebem o nome dos patronos, escolhidos entre beneméritos, como nas antigas Academias, e os prêmios distinção merecem destaque: a posição do retrato no Salão de Honra da sociedade (quadro de medalhas da turma de guarda-livros, em 1913):

Serão conferidos de conformidade com o regulamento, em 1º de janeiro de 1914 os seguintes prêmios:

Heráclito Domingues – medalha de cobre ao aluno Manoel Sadoc Cysne, do Curso Anexo.

João Ramos – medalha de prata – ao aluno Fernando do Rego Falcão, 1º ano.

¹⁰³ Revista Phenix

Elpidic Eloy – medalha de ouro – ao aluno Edgar Dutra Nunes do 2º ano.

Joaquim Sá – medalha de ouro com rubi, ao aluno Antonio Maia Pereira, do 3º ano.

José Bastos – medalha de ouro com brilhante, ao aluno Alberto Façanha de Sá, do 4º ano.

Joaquim Magalhães – retrato no Salão de honra da Sociedade, ao aluno Hippolyto da Silva Mattos, do 5º ano¹⁰⁴.

As cerimônias de final de curso eram solenes como uma passagem para o mundo do trabalho. É o momento, talvez, em que a consigna dos caixeiros – Trabalho e Educação – adquire maior relevo, pois é *com extremo prazer que registramos os resultados dos exames do corrente ano porque mais uma vez pôs em evidência a função eminentemente civilizadora da “Phenix Caixeiral”*. Para destacar que:

Concluíram com brilhantismo excepcional o Curso de nossa “Escola de Comércio” os dignos phenistas Raymundo de Paula Vianna e Vulmar Borges da Silva que durante cinco anos dispenderam o melhor de seu intelectual para ilustração do seu espírito.

São os primeiros alunos que se formaram pela “escola”, depois de remodelada pelos programas modernos.

Abraçamos, com prazer, esses nossos distintos e futuros colegas¹⁰⁵.

A conclusão do Curso Integral é de celebração, pois atribuindo sentido positivador ao trabalho, e, em alguma medida, qualificando o ofício de guarda-livros é honrosa profissão, cuja aprendizagem devem a sua Escola, *onde a mocidade que moireja na vida intensa do comércio, se prepara para os árduos labores que a civilização e o progresso estão a exigir de quem se faz negociante¹⁰⁶.*

¹⁰⁴ Eduardo Girão, José Carlos de Mattos Peixoto, Dolor Barreira, Francisco Gonçalves, Francisco Gomes Parente, Henrique Auvin, Alberto Montezuma, Leiria de Andrade, Vicente Gondim; professores Anacleto de Queiroz e Joaquim Costa Nogueira; Srs. Daniel Lopes, Dario Pessoa; José Firmiano, Nunes Valente, José Rolim, Antonio Papi Junior, Israel Cysne, F. Pinto de Mesquita. Drs. Raymundo Arruda, Sebastião Azevedo, Elpidio Lima e Leandro Lyra, Revista N. 18 nov. 1913

¹⁰⁵ Revista Phenix. Ano I, No. VIII, novembro de 1912. p 12

¹⁰⁶ Concluíram o curso integral da Escola de Comércio da Phenix Caixeiral, recebendo os diplomas que os habilitam a exercer a honrosa profissão de Guarda-livros, os seguintes phenistas: Sérgio Rodrigues de Carvalho, Anastácio Pessoa, Prisco Vieira de Britto, José Bezerra da Rocha, Raul Amora Gadelha e José de Oliveira Paiva. A cerimônia de entrega dos diplomas revestiu-se de muita solenidade. O prêmio “Joaquim Magalhães” foi conferido ao guarda-livros Sergio Rodrigues de Carvalho, por ter obtido, dentre os alunos do quinto ano, as notas mais elevadas. A <<Phenix>> apresentando aos novos e estudiosos guarda-

Está em ascensão o projeto de Instrução e Educação da Sociedade Phenix Caixeiral, há inclusive tentativa de conceitualização dos métodos pedagógicos e reformas do ensino em Fortaleza. Para firmar o nome da Escola de Comércio como estabelecimento modelar, apto a receber subvenções e aportes orçamentários do Governo Federal, os dirigentes da Sociedade fazem aqui e ali, crítica ao ensino em Fortaleza. Nas tentativas de diagnóstico da situação do Ensino Primário, na cidade, elencam pontos, para eles, perniciosos ao bom desenvolvimento das letras e das artes, dizendo:

Não tivéssemos o Grupo Escolar Nogueira Accioly, onde sob a criteriosa direção de D. Anna Facó, a instrução primária é ministrada mais ou menos com algum proveito, quase poderíamos dizer, com a maior verdade, que na capital do Estado, não tínhamos verdadeiros estabelecimentos de educação elementar.

Diante da ausência de educação pública integral, apontam, como fonte de todos os males, o apadrinhamento e a politicagem na nomeação dos professores, sem critério de competência e transparência de ingresso na profissão, do que resulta um ensino alheio aos modernos métodos pedagógicos:

Concomitantemente com a falta de escrúpulo que geralmente preside a nomeação das professoras, sempre escolhidas, não pela competência e amor ou magistério, mas unicamente pelo prestígio maior ou menos dos padrinhos, que as apresentam, a adoção de um método de ensino carranca, universalmente condenado e que só consegue atrofiar o espírito das crianças, fazem da instrução pública primária, uma inutilidade revoltante, que só desperta justas censuras e precisa condenação.

(...)Ao menos de ora em diante, procure-se corrigi-los. Há aí, um novo prédio mandado edificar pelo Governador transato para instalação de mais um Grupo Escolar; organize-se este, procurando dota-lo de professoras, não que se salientem nesta ou naquela Liga política, que se afastem do verdadeiro papel consagrado à mulher, principalmente à mulher educadora andando a propagar candidaturas, mas, a verdadeiras mestras, habilitadas e critério.

(...)

Se for possível, estabeleça-se mesmo o concurso, a melhor maneira de verificar a habilitação dos candidatos, contanto que só o mérito real possa triunfar e prevalecer.

Mais precário ainda é o estado físico das salas de aulas, em locais inadequados merecendo crítica:

E se é esta situação das nossas escolas, relativamente ao ensino, quanto à instalação que têm, em inteira oposição aos mais generalizados preceitos da pedagogia moderna, é uma lástima, uma vergonha que nos deprime e deve cessar o quanto antes, sob pena de conquistarmos os foros pouco invejáveis do estado mais atrasado do mundo.

A verba destinada ao aluguel das casas para escolas da capital é mesquinha, quanto muito permitiria instalá-las sofrivelmente; acontece porém que as professoras querem sempre residir na própria casa da escola, e d'aí maiores inconvenientes surgem.

Casas insalubres, compartimentos apertados, sem um mínimo de condições sanitárias são os espaços das Escolas Primárias, em prejuízo aos alunos, demonstrando a incúria do poder público.

As casas destinadas a escolas não deviam se tornar residência para quem quer que fosse, (...)

Há uma dúzia dessas, funcionando pode-se dizer, no centro da Cidade, e como a verba lhes reservada a aluguel da casa é uma ninharia – supomos que ou 10 mil réis, as professoras que são quase todas afilhadas venturosas, para não cansarem muito e se condenarem isolamento por algumas horas, dão suas aulas em saletas e corredores apertados, as mais das vezes infecto em fim em compartimentos sem higiene. (...)

Na rua Senador Pompeu, em plena cidade, há uma escola de arraial funcionando na apertada salinha de um velho prédio, baixo, úmido, onde a higiene não é observada e faltam as mais exigidas acomodações escolares.

E como essa, com evidente prejuízo para a saúde de pobres criancinhas, funciona também escolas da capital, e de uma sabemos, cujas aulas se realizam a portas fechadas, para que se não veja a frequência diária de muitas ou pouco asseio que ali se oculta.

Na mesma linha, aprofundam a crítica ao denunciarem que o funcionamento de quase todas as Escolas Primárias é bastante irregular, com horários curtos e falta de professores. De tudo isso, resulta o analfabetismo como *chaga social*, cujo remédio só podia ser *menos politicagem e mais patriotismo*, como se observa na sua conclusão:

Conseqüente de todas essas falhas que nos envergonham e deprimem, e que um governo honesto não pode consentir que perdurem por mais um dia sequer, é que o analfabetismo tanto progride entre

nós e é que as escolas públicas vivem abandonadas e sem freqüência, ao passo que os colégios particulares abarrotam e prestam assinalados serviços!

E se isso é o que presenciamos na capital, o que se passa no mesmo ramo de serviço publico, nos nossos sertões envergonharia-nos historiar.

E, contudo, todos esses males bem fáceis seriam remover, se mais patriotismo houvesse, se menos politicagem dominasse os governantes.

Aparentemente, o discurso das lideranças caixeiras, na Phenix Caixeiral, enfatiza e enaltece a formação da cultura erudita pelos trabalhadores, ressaltando qualidades e adequação ao mundo moderno. A educação, é pensada como meio de apreensão de conhecimentos sobre vários assuntos, que permitia, aos trabalhadores, o convívio nas praças e ruas “bem freqüentadas”, onde predominavam conversas eruditas (na visão dos caixeiros), com informações livrescas e jornalísticas. De fato, formação erudita tinha finalidade de inserir os caixeiros nos espaços dos setores médios e mais abastados da sociedade local, mecanismo de acesso do grupo social subordinado, em ambientes freqüentados por membros do grupo dominante.

É visão da educação como chave para abertura de portas, especialmente para contato com pessoas influentes, conforme as regras do clientelismo vigente. Na virada do século XIX ao XX, o acesso a cargos, empregos e a outros benefícios é regidos por critérios pessoais de influência e proteção. Estar em sintonia com a situação podia significar obtenção de empregos, sinecuras, salários melhores ou benefícios de que os trabalhadores necessitavam; enfim, o afastamento da pobreza, em que vivia a maioria da população trabalhadora da cidade. À aproxima de comerciantes, políticos, industriais, os trabalhadores estabelecem um relacionamento paternalista, que lhes permite proteção em tempos difíceis, em troca de lealdade e obediência irrestritas. Ao mesmo tempo, pertencer ao círculo de influência do poderoso representa garantia de inserção na sociedade modernizada, caracterizada pelas relações sociais tradicionais, baseadas no personalismo e reciprocidade. Pertencer à “sociedade”, nesse momento, significa estar sob o domínio do senhor, na lógica herdada do mundo rural, até a segunda metade do século XIX.

Desta forma, a formação erudita dos caixeiros, preconizada pelas lideranças, ganha roupagem instrumental e utilitária, que se afirma sob outros aspectos da vida social de Fortaleza.

A educação sim tinha, para os caixeiros, função moralizante que podia tirar os trabalhadores do ambiente de vícios, crimes e doenças. Mais do que isso: a educação podia ser instrumento privilegiado de engrandecimento moral dos trabalhadores, fazendo-os merecedores dos benefícios da modernidade e da civilização. Para além da sociedade local, a educação assegura lugar no mundo contemporâneo, aos caixeiros e suas famílias, tornando-os sujeitos ativos das transformações.

Assim, o engrandecimento moral da educação eleva os caixeiros à “civilidade” que os afasta definitivamente da inferioridade e marginalidade a que se viam submetidos, os trabalhadores cearenses em geral, dificuldades de acesso à instrução e educação, os diferenciais de caixeiros (e trabalhadores em geral) de patrões. Compartilhar com conquistas culturais da modernidade parece ser meio eficaz de superação de barreiras de classe, conforme se comporta parcela da classe trabalhadora no Brasil e em outros países (formação do Partido Socialista etc), dando aos trabalhadores sensação de pertencimento e evitando a exclusão e apartação a que estão sujeitos nas sociedades burguesas. Pertencer à sociedade significa ter lugar definido no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo, eleva o Trabalho à posição de destaque, pela valorização dos agentes principais, os trabalhadores. Tais posições – não é difícil deduzir – entram em choque com outras de defesa da sociedade capitalista, para quem a única posição política possível para os trabalhadores é a negação da sociedade, com desdobramentos de confrontos permanentes da teoria da luta de classes, e não, como para os caixeiros, a inserção e a conciliação de classes.

Por outro lado, a educação podia ter uma função prática e mais imediata. No comércio, o elemento fundamental de ascensão do caixeiro é o domínio de contas e de letras. Todo caixeiro “vassoura” ou “de balcão”, segundo a Phenix Caixeiral, ansiava chegar a guarda-livros.

Neste sentido, a educação compreende a aprendizagem de saberes específicos, como contabilidade ou língua estrangeira, necessários ao exercício de determinadas tarefas do trabalho cotidiano. Houve transformação em 1868,

quando Rodolfo Teófilo descreveu o caixeiro como “creado de servir”, e em 1913, quando a revista Phenix advertiu para a possibilidade de sua ascensão funcional numa mesma loja. A diversificação de comércio, nesses anos, fez a distinção entre o “pequeno comércio”, das casas de secos e molhados e das pequenas lojas de varejo, e o “alto comércio”, especialmente de exportação e atacado, cujos empregados participavam do grupo de senhoritas de classe média que, segundo Joaquim Pimenta, “ditava a moda”, formando “um grupo de jovens bem vestidos” que atraía as “meninas casadoiras”¹⁰⁷. Não se estava mais na Guerra de Secessão, nos EUA, quando se abriu oportunidade ímpar para comerciantes do algodão, que, com seus armazéns, ditavam, grosseiramente, as regras do mercado de exportação. A complexidade da vida urbana de Fortaleza abre portas para grande variedade de bens de consumo – roupas, acessórios, móveis, oficinas, consertos etc – com trabalhadores de variadas condições, em variados regimes de trabalho. Na *belle époque* (Tião), a diversificação das atividades econômicas e sociais, na cidade, mudaram as antigas normas de ascensão social, valorizando, em parte, saberes como fator preponderante para a ocupação de cargos mais elevados nas empresas.

De certa forma, os caixeiros compreendem o momento e buscam inserir-se na sociedade, mediante vários mecanismos – convívio pessoal, apadrinhamento, educação e mérito. A valorização constante da instrução e o estímulo à produção literária da revista Phenix denotam procura de meios de os caixeiros penetrarem na sociedade moderna, nas décadas iniciais do século XX.

A escola, nesta perspectiva, é espaço social, de compreensão das vicissitudes da conjuntura e dos conflitos em sociedade de classes, cujo discurso ensina que não se devem “cogitar as reivindicações pela força, senão pela luz que deslumbra a natureza”. Revista Phenix exalta constantemente a educação na função civilizadora na sociedade, e ilustração do espírito, o que reflete o “aproveitamento no caminho da luz dos conhecimentos e, portanto, indispensável e inadiável como o oxigênio ao crescimento dos seres vivos”. Assim, a recorrência à metáfora treva e luz – ignorância e saber – é estratégia para destacar o livro, a ciência, a filosofia, a leitura, combate à ignorância.

¹⁰⁷ THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro*. Op.cit. 20

Para o aperfeiçoamento da Escola que, no primeiro ano, conta com 362 alunos ¹⁰⁸, duas medidas são adotadas: o ordenamento de diretrizes, com o objetivo de preencher lacunas, e reformulação do currículo oferecendo maior espaço às disciplinas técnicas, escritura mercantil, precedidas de caráter geral, com noções e conceitos das matérias de base, rudimentos de aritmética e língua portuguesa. Assim, a Escola de Comércio da Phenix segue o modelo de perfeita aprendizagem comercial, dotado dos mais eficientes meios para a consecução de seus objetivos. A Escola de Comércio atendendo as exigências da reforma do ensino, tornar-se estabelecimento de ensino verdadeiramente modelar, “uma perfeita e organizada academia de comércio”.

Concebida essa Escola sob a perspectiva educacional pautada pelo caráter de utilidade da Instrução, é importante sua abertura aos postulados mais amplos da função pedagógica da Escola e da Sociedade Phenix, bem como de sua Revista e de outros mecanismos de sociabilidade em busca da formação integral dos caixeiros.

Nesse aspecto, o investimento na banda de música e orquestra, com trinta figurantes e dois regentes, evidencia ampliação do conceito de Instrução, além dos limites das habilidades práticas e currículos oficiais, assim como a estratégia de proporcionar maior visibilidade à Escola, mediante atividades musicais, presença constante nos espaços públicos, eventos e festas cívicas. Conforme notas da Revista Phenix, a banda é saudada com efusão pelo repertório, pela competência do maestro, até pelo apuro da indumentária, com acolhida efusiva nas festas, nos coretos mingueiras, praças e salões do Palacete da Phenix.

Vai prometendo muito resultado a banda de música organizada recentemente pela Phenix Caixeiral.

Pelos ensaios a que temos assistido, podemos afirmar do futuro brilhante da nova Banda.

Em honra da data acima de todas fulgantes e querida de 24 de Maio, que relembra a fundação da Phenix Caixeiral, realizou-se, em sua sede social às 7 horas da noite, nesse dia, a inauguração da banda municipal, em presença de numeroso auditório.

¹⁰⁸ Curso Anexo 51matriculas, Português 90 matriculas, Francês 49 matriculas, Inglês 21matriculas; Geografia, 54 matriculas, Aritmética 90 matriculas, E. Mercantil 10 matriculas, Direito Com. e Economia Política 2 matriculas. Total 360 matriculas. Revista Phenix. Ano I, No. 1 fev. 1912.

Vários trechos de música, quase todas composições do maestro Américo Lima, foram executadas com muito garbo e maestria, impondo se a nova Banda a admiração de todos¹⁰⁹.

2.3– Outras Estratégias de Educação: a função pedagógica das romarias cívicas.

A banda de música também marca presença em cerimônias fúnebres, entendidas como culto cívico dos mortos. São profusas as notas publicadas da revista Phenix sobre romarias cívicas ao Cemitério São João Batista, com visitas aos túmulos dos sócios falecidos da Phenix Caixeiral e orações fúnebres. Essas Romarias apelam menos à caridade e fé cristãs que ao simbolismo e alegorias da memória.

No dia três deste, consagro á comemoração dos mortos, a Phenix Caixeiral, precedida pela sua banda de música, que executou diversos trechos fúnebres, incorporados, fez uma romaria ao Cemitério de S. João Batista, em visita aos túmulos de seus consócios já falecidos. O orador oficial, nosso colega Leandro Lira, produziu na ocasião substanciosa oração análoga ao ato.

Nesta nota de luto, a oração proferida no sepultamento de João Alencar Araripe, combina exemplarmente o culto da morte e a vida da memória, em que o símbolo da Águia é a guarda dos preciosos despojos.

(...) Foi assim que, no transcorrer efêmero e veloz de passageiros e minguados dias, nos foram impiedosamente levados desta para a vida de além, os estremecidos consócios Álvaro Moreira Pequeno e João de Alencar Araripe.(...)

João de Alencar Araripe. Ao pronunciá-lo, como que sente ainda trêmulos palpitações da vida; restos ainda quentes e exuberantes da seiva que o animou. Sua morte, para nós, dá-nos a sensação trágica de um profundo pesadelo do qual ainda não acordamos, e que, só muito tarde, começamos de experimentar os efeitos de sua absoluta realidade.

João de Alencar Araripe. Nome digno por muitos títulos, trabalhador por muitos esforços, que se prende aos gloriosos anais da Phenix Caixeiral pelo muito que a ela lhe fez o seu esclarecido talento. (...)
A Phenix, hoje, mortalmente ferida no seu íntimo, comovida até o pranto, envia á sua numerosa família, a nota profunda de seu sincero pesar.

Águia da Phenix, que sois o emblema da nossa força toma sobre o dorso estes sagrados restos, recebe estes preciosos despojos, e in-

¹⁰⁹ Revista Phenix Ano II, No. 14, abril e maio de 1913. p. 11 e 12.

fundidos da luz do sol que fitas sem tremer, engasta esta perola mirificante na galeria dos bons.

Semelhantemente, o orador oficial da Phenix, Leandro Lira, faz oração fúnebre no sepultamento de Álvaro Moreira Pequeno, em 12 de outubro de 1913 em reverência ao sócio a quem a Phenix deve desvelados serviços, um amigo com quem a sociedade contava nos nobres cometimentos. Outra vez, o orador recorre à imagem-símbolo, posto que a Phenix que renasceu das cinzas *saberá te arrebatrar das misérias da lama e te mostrará os ambientes da luz!* Conclui com comovido apelo, em que saudade e memória se combinam exemplarmente.

Lá no alto para onde teu espírito de lutador evolui não te esqueças dos foragidos da terra e se possível for, remete-nos pelas estrelas, os raios benéficos da virtude que irás gozar eternamente. Oculta-te nos tijolos do túmulo, querido amigo, por que tua bondade não podia suportar mais as misérias do mundo. (...) A Phenix guardará no peito a memória e os frutos de tua dedicação e de teu grande amor!¹¹⁰

Nessa operação de memória de recuperação dos mortos à *galeria dos bons*, vê-se que as romarias ao cemitério são um costume arraigado. Em artigo seguinte, no aniversário de falecimento de José Bastos, apela-se à *consciência de todos aqueles que se educaram na convivência admirável desse modelo de honradez e bondade que foi José Bastos*, para cumprir o *dever sagrado de reconhecimento e de amor para com a memória de quem tão alto soube elevar sua classe*. Com José Bastos como com outros beneméritos, busca-se *conformar alma genuína do caixeiro cearense de quem foi a expressão mais perfeita pelo valor inestimável de sua grande obra – concretizada brilhantemente no desenvolvimento completo da Phenix Caixeiral que a ele deve, inegavelmente, a melhor porção do seu equilíbrio e do seu progresso*. Expressando condolências e pesar, ressaltando, sobretudo, a força da educação pelo exemplo do culto à memória, a revista Phenix anuncia que:

essa sociedade promoverá como nos anos anteriores, uma romaria cívica ao cemitério S. João Baptista onde repousam os restos mortais do benemérito fenixta, para que o caixeiro cearense possa verter

¹¹⁰ Revista Phenix. Ano II, No. XVIII, novembro de 1913. p. 9

ainda mais uma lágrima de veneração e saudade sobre o tumulto sagrado do seu grande amigo.

Justiça aos fenixtas romarias e elogios da memória não eram apenas para figuras de maior destaque no meio social, mas alcançavam também trabalhadores e colegas de ofício, de camaradagem e participação no seio da Associação. É o caso de Armando Rocha Souza, falecido aos 21 anos de idade, educador da “Escola de Comércio” onde afirmou brilhantemente seu talento de jovem dedicado aos misteres comerciais, caixeiro – empregado da “Light and Power”¹¹¹.

2.4- Os Usos da Memória como Pedagogia pelo Exemplo

A operação de memória, na dimensão pedagógica de ‘formação das almas’, como legado do século XIX, é com propriedade firmada por Sandra Pesavento, com base nas reflexões de Fernando Catroga: “Toda a memória se apresenta como um capital simbólico que visa fomentar a recordação, mas há estratégias não explícitas: o que se pretende esquecer, ao lembrar? Tal processo é mais evidente quando se leva em conta uma memória social transformada em memória cívica. A memória cívica não tem o calor da afetividade de uma memória individual ou mesmo coletiva, tecida na vivência, pessoal ou partilhada, de uma comunidade. Por isso, ela se empenha mais na utilização destes recursos dos simbólicos para se impor e ser reconhecida”¹¹².

De que memória se fala e que se escolhe para recordar? Que significados lhe são atribuídos? Que correspondências são estabelecidas com outras lembranças, de forma dialética, que, ao mesmo tempo em que apagam determinados marcos sociais, fortalecem os vínculos entre o tempo presente e o passado, materializando o sentido de pertencimento e legitimando processo histórico de forma laudatória? A memória social “como que estabelece uma forma didática de apreensão do passado: ela torna lembrança partilhada, ela disciplina a evocação, repete o que deve ser retido e, sobretudo, ensina o que

¹¹¹ Idem p. 11 e 12.

¹¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: lugares no tempo, momento no espaço”. In *ArtCultura*. Vol. 4 Nº. 4, Uberlândia: UFU, junho, 2000. p.23-35. p.29

lembrar, construindo uma bagagem de experiências socializadas, vividas ou herdadas”¹¹³.

Neste sentido, ao rememorar o **13 de maio**, os articulistas da Revista Phenix fazem-no um “*dia de glória*”, feito cívico, associado ao fortalecimento do sentido e significado de nacionalidade.

“O dia de maior glória para o povo brasileiro”. Esquecer essa data, e outras da mesma magnitude é reprovável “porquanto traz como seqüência lógica o embotamento do caráter nacional já tão combatido pelo atritar continuado de uma política sem princípios”.

Ao treze de maio é associada a “*tradição gloriosa dos batalhadores extraordinários na libertação dos escravos*”, em especial no Ceará, onde os caixeiros tiveram participação significativa nas Sociedades Libertadoras e nas manifestações contra o escravismo. Uma “*epopéia homérica em que devemos conservar intactas as alegrias perenes da liberdade de uma raça imbecil, porém vigorosa como elemento constitutivo do nosso progresso material*”.¹¹⁴

O treze de maio é tomado como marca indelével da modernidade, do que é necessário esquecer – a escravidão, e do que é necessário ser partilhado por todos - ato celebrativo da abolição, que “*lavou a consciência nacional da mancha indelével da barbárie e do crime.*” Chama a atenção nos textos alusivos ao dia da promulgação da grande lei, aspirada unanimemente pela nação, a afirmação do olhar sobre o negro, raça, segundo eles, feita para o trabalho,

*“por suas qualidades de manifesta inferioridade e servilismo grosseiro, era, naturalmente, o único predisposto ao impulsionamento das fontes produtivas da terra, à colonização tardia do Brasil. O índio pela indolência candal de sua vida, e pela altivez primitivado de seu caráter; e o branco, desumanizado pela avidez condenável de sua ambição descomedida, constituíram, para o progresso da maior colônia portuguesa, dois agentes puramente negativas quanto ao desenvolvimento material da terra”*¹¹⁵.

Para os fenixtas, não se pode rememorar o 13 de maio sem reverenciar o 25 de março de 1884, quando a província do Ceará,

¹¹³ Idem. P.28

¹¹⁴ Revista Phenix. Ano I, No. III, maio 1912.

¹¹⁵ Revista Phenix .Ano II , No.15, junho de 1913, p5

após uma propaganda espontânea, fecunda, viu primeiro raiar o sol da liberdade, o que lhe valeu o epíteto glorioso de “Terra da Luz”. E a semente feliz lançada pelo exemplo edificante da libertação do Ceará, germinou viçosamente em todo o Brasil, daí a pouco. Tão dignamente foi conduzida a propaganda de reabilitação de uma raça, que fomos o único país do mundo em que a liberdade não custou o preço vergonhoso do sangue.

*É que a consciência brasileira estava como saturada pelo fogo sublime da liberdade que purifica as almas como o oxigênio purifica o organismo, e traz aos homens a paz, o amor, e a dignidade de si mesmos*¹¹⁶.

O redator da Revista Phenix, Nolasco de Barros (J. A. Lopes), ao adotar, como marco social da memória cearense e nacional, esse momento histórico, marcadamente feito, na sua ótica, por homens pouco comuns, elabora discurso coadunado com o sentido de nativismo e de superioridade da “raça mameluca” que, para ele, era a *“mais própria e adaptada ao povoamento exuberante do solo Brasileiro, forte demais para abater, pelo menos no elemento político, a imbecilidade de uma raça negra e a indolência administrativa de uma raça branca”*¹¹⁷.

É interessante observar que os gráficos e tipógrafos tiveram atuação de destaque no processo abolicionista cearense, buscando se inscrever na história das lutas passadas, dos jangadeiros contra o tráfico que se dizem herdeiros da luta pela liberdade, com ideário diferente dos caixeiros, visto que aqui o conectivo é consigna da imprensa libertária: *o homem livre sobre a terra livre*. É o que expressa Pedro Augusto Mota sob o pseudônimo L. Rubro.

*“Eu, que olho esta idéia sublime (a liberdade) com a mesma aspiração dos escravos de outrora. (...) Foi aqui que os Jangadeiros com um gesto de solidariedade consciente fizeram a abolição do tráfico de carne humana, e há de ser aqui que repercutirá o primeiro grito dos escravos modernos. Infelizmente e mistificação da idéia, os interesses pessoais, os caprichos, a politiquice, a ilusão de hostilizar ou ser hostilizado, vaidade de vencer ou o temor de sair vencido na política, o comércio de caracteres é mais um obstáculo, é enfim a deslealdade a invadir os arraiais dos sinceros lutadores, e empunhando bandeiras desconhecidas daqueles que só têm uma idéia: - o homem livre sobre a terra livre”*¹¹⁸.

¹¹⁶ Revista Phenix Ano II, No. 15, junho de 1913, p. 6

¹¹⁷ Revista Phenix .Ano I, No.7, setembro de 1912, p.2

¹¹⁸ Voz do Graphico, Ano I, no.1 25/12/20. Fac- símile. In GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.) *A imprensa Libertária do Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

Os fenixtas, ao tomarem a história como “mestra da vida” e ao rememorarem o passado glorioso, levando em consideração os marcos significativos e “resistentes” que formam a estrutura da nação, sacralizam as datas configurando os mitos fundadores. É assim com 13 de maio, 7 de setembro, 24 de junho e natalícios, tidos em dimensão exemplar: Pedro II, Barão do Rio Branco, Joaquim Magalhães, José Bastos, Barão de Studart, entre outros.

Nas homenagens aos grandes homens, inscreve-se o “culto” ao Imperador D. Pedro II, tido pelos articulistas da Revista Phenix como benfeitor no combate às secas e socorro aos cearenses castigados pelas longas estiagens, em particular pela grande seca de 1877 a 1879. A aposto do retrato do *ex-imperador do Brasil* no Salão de Honra da Sociedade Phenix Caixeiral, é para reverenciar *extraordinariamente a memória inconspicável do velho monarca*¹¹⁹.

“O velho Imperador, chefe de uma grande Nação, o consolidador da unidade e grandeza do Brasil, o salvador do Ceará, pois foi governando e não sonhando que ele resolutamente estendeu a mão aos infelizes cearenses, quando ameaçados de cruel abandono”...

Foi empenhando toda a sua atividade, compenetrando-se de sua responsabilidade de homem de Estado e, mais ainda de seu amor de pai e família.

Enquanto a Nação pode, remeteu dinheiro, quando lhe faltou numérico, lançou mão de sua fortuna particular. Que lhe valiam riquezas, diamantes, pedrarias, sendo rei de um povo faminto, esfarrapado e nu?

“Venda-se o último brilhante de minha coroa.”

Foi Pedro II que, cerrando ouvidos a interesses subalternos e só abrindo as válvulas d’alma para os ditames da razão, veio em seu auxílio. Fazia justiça e atendia às necessidades de todas as províncias de seu Império.

O Ceará porém ele trazia mas aconchegado ao peito como filho infeliz – órfão dos acalentos da natureza, sempre torturado pelos caprichos cegos do destino

Agora que o espírito crítico da história, atravessando os escombros do passado, vem de se apurar no cadinho da responsabilidade e da justiça; agora que a verdade, como um sol longínquo, acaba de rasgar os espessos nevoeiros das infamantes acusações com que seus inimigos o procuraram envolver; agora, o vulto de Pedro II levanta-se no coração do povo brasileiro, dando-lhe energia e força, - já não digo para sacudir, de pronto, o fardo político, - pois que nossos homens, na inferioridade de seus sentimentos, ainda permanecem no erro – mas, para ao menos, podermos suportar os últimos desvarios de um regime político anárquico e em flagrante decadência¹²⁰.

¹¹⁹ Revista Phenix, Ano I No. 8 outubro de 1912

¹²⁰ .Revista Phenix. Ano V, No. XLIV, junho de 1916.P. 6

Neste sentido, são exemplares as referências ao 1º. de maio na revista *Phênix, um dia de festa para a Sociedade Phenix Cauixerai*”, não por ser o dia do trabalho, significativo na luta dos trabalhadores. É dado maior destaque ao natalício de Joaquim Jorge Vieira, um *batalhador e incansável operoso, forte e abnegado* parceiro de Joaquim Magalhães *nessa obra gigantesca que é o engrandecimento da Phenix Caixeiral*”.¹²¹ Para eles, o 1º. de março, à semelhança do 1º. de maio, é um dia de júbilo, consagrado às *alegrias espontâneas d todos os fenixtas por ser a data natalícia de Joaquim Magalhães*, o querido presidente da Sociedade Phenix Caixeiral. Data em que *assistimos, satisfeitos, à apoteoze das qualidades excepcionais desse Homem, que tem feito da sua profissão caixeiral à dignificação de toda a classe a que pertencemos*.¹²²

A linguagem da memória é simbólica – isto é, opera por símbolos que exprimem o estado de espírito, uma situação, uma relação, uma pertença ou essência inerente ao grupo - monumento como lugar de e reprodução da memória nexa entre a memória e o monumento, articulado com o jogo *dissimulador* dos símbolos¹²³.

Em relação “à estatuária cívica há monumentos na cidade que se apresentam como exemplares para o caprichoso exercício de pensar a memória como jogo entre lembrar e esquecer, e de ver como determinado espaço temporalizado faz uso da memória pela história. Esses marcos simbólicos, inclusive, são objeto de apropriação diferenciada, no plano político, de grupos de diferentes tendências, destinando-se a vários usos e significados”¹²⁴.

O recurso à memória, com a comemoração do primeiro de agosto, é tentativa de construir o calendário próprio da atuação da Phenix Caixeiral, desta feita, ligando a construção da escola. Ao propósito da Sociedade: lutar pela difusão da Instrução. Observe-se que datas e os fatos sociais de primeiro de agosto, 24 de junho, abertura das aulas, aniversário da Sociedade e da Revista, natalícios dos fundadores, caminham a pari passu, com efemérides de destaque no calendário das virtudes republicanas, tudo compõe amplo painel da pedagogia, pelo exemplo, e da modelagem dos espíritos.

¹²¹ Revista Phenix. Ano IV, No. XXIX e XXX, março e abril de 1915.

¹²² Revista Phenix. Ano I, No. 2 março de 1912, p.4 e 5

¹²³ CATROGA, Fernando *O Céu da Memória*. P. 20

Primeiro de Agosto lembra uma data refulgente para a história da "Phenix Caixeiral" pois foi o início do mais avantajado e sublime de seus empreendimentos: A Instrução.

*Festejando esse evento glorioso, comemorando o aniversário da abertura das aulas que vem a ser o mesmo que a fundação da sua "Escola do Comércio" onde a mocidade do nosso comércio tem bebido dos mais sólidos e salutarens ensinamentos, a antiga e querida sociedade abrirá nesse dia os seus salões para uma sessão comemorativa do auspicioso acontecimento*¹²⁵.

O hino da Sociedade Phenix Caixeiral, o hino fenixista, tantas vezes entoado no Salão Nobre do Palacete, exemplar do tempo e das idéias em voga, finaliza este capítulo. É crença de que para a Águia Phenixta o progresso é o fim, e a luz e o caminho:

Á PHENIX CAIXEIRAL

Phenix! Águia de luz de asas sobre-douradas,
 Culminando o Thabor de um ideal supremo!
 Phenix! Rubro exsurgir das rubras madrugadas,
 Extremo e nobre fim de um pelejar extremo!
 A ti, que tens na força indômita das asas
 O valor do sublime, a convicção do Belo!
 - Rendo sincero preito – incenso sobre brasas -
 - No incensário do Amor que eu deslumbrado zelo.

Na trajetória audaz a que te tens cingido,
 Nesta senda de luz por onde tens passado!
 Cada remígio teu é um fuzil ferido;
 Cada passo que dás um sol reconquistado!

Phenix! Águias de luz de asas níveas, brilhantes,
 Pelos mundos do Bem em doida correria!
 Semelhas o corcel de crinas reçagantes

¹²⁴ PESAVENTO, Sandra p. 34

¹²⁵ Revista Phenix. Ano IV, No. XXXIII, julho de 1915, p.15

Do Mazepa imortal nos campos de Ucrânia!

Na rota que trilhaste, e na qual o olhar demoro,
Também bebeste o fel, também previste a cruz!
Mas, hoje o teu trajeto é como de um meteoro
Pelo espaço deixando inundações da luz!
Phenix! Águia d'aqui do meu paterno ninho,
Extremado albatroz desses revoltos mares!
Se o progresso é teu fim, a luz é o teu caminho:
Sem justas, sem senões, sem medo, sem pesares!
Nas dobras deste Céu de líquida safira,
E por sobre este Oceano estoso e sobranceiro!
Quem é que te vê, e, também não te admira?
Quem é que não conhece o Orago do Caixeiro?

Phenix! Águia da luz de asas alvorotadas,
Remontando o Thabor de um ideal supremo!
Phenix! Rubro exsurgir das rubras alvoradas,
Extremo e nobre fim de um pelejar extremo!
A ti, que tens na força indômita das azas
O valor do sublime, e a convicção do Belo!
- Rendo, também, meu preito – incenso de brasas
No incensário do amor que eu deslumbrado zelo!¹²⁶

¹²⁶ Revista Phenix Ano II, No. XVI, agosto de 1913. p.9

CAPÍTULO 3- A REVISTA PHENIX: “LETRAS IMPRESSAS POR MOÇOS QUE VIVEM NO TRABALHO E DO TRABALHO.”

Passados vinte anos do século XIX, foi fundada, em Fortaleza, a Sociedade Phenix Caixeiral. De sua história e atuação discorreu-se nos capítulos anteriores. Ao longo duas décadas, crescem como fulcro de ação associativa, vias de intervenção social na cidade de Fortaleza: a Escola de Comércio Phenix Caixeiral e a imprensa periódica, em campo específico, a imprensa dos caixeiros ¹²⁷.

O alentado número de matrículas na Escola de Comércio, crescente volume de verbas públicas, para melhoria de equipamentos escolares, o prolongamento, no tempo, de associações literárias, filhas diletas do século XIX, são variáveis de realce para compreensão da ação dos jovens estudantes fenixtas agregando, à condição de caixeiros e de alunos, qualidades combinadas: *jornalistas da classe e literatos na cidade*.

É possível, num esforço de imaginação, a volta no tempo e encontrar, no ano de 1912, na cidade de Fortaleza, jovens estudantes da Escola Phenix flanando pela cidade, no tempo livre, em visita às livrarias, tertúlias e cafés, convivendo com colegas do Liceu do Ceará e pré-acadêmicos do Curso de Direito. Igual efeito há tido o convívio com literatos e intelectuais de nome na província, bem como com as leituras na Biblioteca Pública ou na biblioteca da Phenix. Eram jovens letrados, filhos da mentalidade do tempo que impregna muitos das idéias em voga nos círculos europeus; espíritos inquietos influenciados pelo ecletismo da época e ansiosos de difusão de seus saberes e práticas de leitura. Tem-se uma plêiade de jovens idealistas se atribuindo missão de

¹²⁷ Em Fortaleza e no interior do Estado são publicados vários títulos da imprensa dos caixeiros, tais como: *O Athleta* (1891), *Phenix Caixeiral* (1893), *A Opinião* (1897), *Pedro Moniz* (1898), *A União* (1906), *A Centelha* (1909), *O Movimento* (1912), *O Caixeiro* (1919 e 1924), *A Evolução* (1924), *O Fenixta* (1928). Incluem-se ainda, *A Classe* (1923), do Crato, *O Caixeiral* (1925), de Iguatu, *O Trabalho* (1927) e *O Escudo* (1930), de Sobral, entre outros. Para o estudo destes títulos da imprensa dos caixeiros ver Gonçalves Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920*. Florianópolis: UFSC, Janeiro de 2001. Tese de doutorado.

fundar nova revista cujo corpo redatorial estivesse sob sua orientação doutrinal e direção da Escola de Comércio *Phênix Caxeiral* – a *Revista Phênix Caxeiral*.

De pequeno formato e de bom feitio gráfico, a Revista circulou em Fortaleza, no período de 1911 a 1916, com publicação de quarenta e seis edições. Em Adelaide Gonçalves, essa publicação se apresenta sob duplo prisma. De um lado, por iniciativa de José Augusto Lopes Filho e outros caixeiros – estudantes da Escola de Comércio Phenix Caxeiral – com publicação, diz-se do propósito de fazer da Revista espaço onde os fenixtas pudessem manifestar suas idéias e a instrução a nos curtos intervalos de lazer, *que a vida do comércio é tão avara, que serve de incentivo aos retardatários e retraídos* e infunde o gosto pelas letras, tornando *o sublime o recreio nas breves tréguas desta vida prosaica e egoísta*. De outro lado, é percebida no panorama do “movimento literário” e do surgimento de diversas agremiações literárias, nas décadas iniciais do século XX¹²⁸.

3.1– A Revista Phenix – “Arregimentadora de uma Plêiade de Novos.”

Neste capítulo, a intenção é dar a conhecer as linhas gerais da Revista Phenix, quanto às características, conteúdos, o intercâmbio com suas congêneres, inspirações e influências, formas de sustentação, temas, a iconografia e anúncios. Esquadrinhar-se a coleção completa da Revista, tendo em conta as reflexões metodológicas de estudos da imprensa dos trabalhadores e igual atenção à análise dos periódicos de feição literária e sociorecreativa¹²⁹.

O nome da Revista é retirado da Sociedade e da Escola, ela recupera a vertente literária pelos efeitos simbólicos da águia, - na esperança de alçar

¹²⁸ GONÇALVES, Adelaide. Op. Cit. p. 339.

¹²⁹ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A Imprensa periódica como objeto e instrumento de trabalho*. São Paulo: USP, 1975. Tese de Doutorado. ARAUJO, Silvia. *Quando ler jornais é mais que informação: a constituição do objeto nas páginas sindicais*. Curitiba: UFPR, 1997. BLASS, Leila Maria da Silva. *Imprimindo a própria história*. São Paulo: Loyola, 1986. CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988. LEONARDI, Victor e HARDMAN, Francisco Foot. *Aspectos culturais do movimento da classe*. In *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1981. PETRESEN, Silvia. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1989. VIEIRA, Maria do Pilar. *Imprensa como fonte para a pesquisa histórica*. In *Projeto História*. No. 3, São Paulo: PUC-SP, outubro 1984, p. 47 a 54. ZICMAN, Rnéer Barata. *História através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. In *Projeto História*. No. 4, São Paulo: PUC-SP, julho 1985, p. 89 a 102.

vôo. O subtítulo é *Órgam dos Alumnos da Escola de Commercio "Phenix Caixereral"* e, como epígrafe escolhe, não por acaso, o pensamento de Jean-Jacques Rousseau: "*quand mês idées seraient mauvaises, si j'em fais naitre de bonnes à d'autres, je n'aurai pás tout à fait perdu mon temps.*" Tem-se aqui o exercício de tradução e atualização das realidades locais e da influência rousseuniana nos debates sobre a educação. O recurso ao pensamento de Jean-Jacques Rousseau vê-se em muitas publicações desta natureza, e, na Revista Phenix, o efeito simbólico da epígrafe quer demarcar conhecimento do pensamento do filósofo, o que se observa na leitura dos artigos de fundo de feição doutrinal. As idéias são tiradas de sua teoria da educação (*Emilio*, ou *Da Educação*, 1762 e *A Nova Heloisa*, 1761), com vistas ao entendimento dos postulados programático – pedagógicos. Como a Revista é meio educativo/pedagógico, em conformidade com os fins da Sociedade Phenix e da Escola de Comércio, os ensinamentos da pedagogiarousseuneana são acolhidos, porquanto, no filósofo, "nenhum empreendimento educacional poderia prescindir da definição de seus fins. O que se quer formar é um homem e só depois – mas só depois – um chefe de família e um cidadão. Como não se quer um 'janota', capaz de brilhar nos salões e – como dizia Descart – 'de falar verossimilmente de todas as coisas', não serão cultivadas as virtudes de aparência e a instrução livresca"¹³⁰.

A Revista Phênix é uma publicação mensal, a redação é na Praça Marquês do Herval, No. 2, e a correspondência no endereço do Palacete da Phenix Caixereral – Ceará ou Caixa do Correio n. 25. O primeiro número foi impresso na oficina de tipografia da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará e as edições seguintes na Typ. "CHANTECLER", a vapor, de PAMPLONA & RIBEIRO, na Rua da Assembléia, n°. 4. A partir de 1913, passou a ser impressa na Typographia Escolar na Rua Senna Madureira, No. 113 A; com assinaturas a 2.000rs por trimestre e 4.000rs por semestre. Fará ampliação do corpo redatorial, anuncia-se: *Aceita-se colaboração.*

Participam do primeiro número: ¹³¹

¹³⁰ HUISMAN, Dennis. *Dicionário de obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes. 2000, p. 160.

¹³¹ Há alterações na redação em agosto de 1912 na Revista de número VI, assumindo como diretor e diretor-adjunto Francisco Queiros e José Carvalho. No mês seguinte são substituídos por Francisco Souto e Antônio Oliveira. Em setembro de 1913, o número XVI informa a seguinte composição da redação: Carlos Pinho, Daniel Augusto Lopes, Dario Pessoa, Este-

Diretor – João Alencar Araripe

Secretário – Daniel Augusto Lopes

Tesoureiro – Dario Pessoa

Colaboradores – Genuíno de Castro, Miguel Cunha, Gustavo Frota, J. A. Lopes Filho, S. Moreira de Asevêdo, F. Menezes de Mattos, Estevam Mosca e R. Paula Vianna.

É alentado o grupo redatorial, auxiliado por colaboradores. As funções de diretor de redação, secretaria e tesouraria alternam-se, ao longo da circulação da Revista. Dos nomes registrados diga-se: são jovens estudantes, caixeiros, na maioria, participantes, na década de 1910, e seguintes, em tentativas editoriais de jornal de pequeno formato e circulação efêmera. Na Revista Phenix, de propósito coletivo na condução, tem destaque José Augusto Filho à frente da empreitada. Depreende-se isso dos artigos que fazem a memória da Revista, como o caso publicado em 1916, recuperando o nome do *fundador*, como *espírito lúcido, moço de ideal, de cultura elevada e arregimentador de uma plêiade de novos*. No entanto, o louvor maior da Revista é a João de Alencar Araripe, patrono da publicação, pelo *espírito eleito e superiormente evoluído de grande phenixta*.

Não foi exatamente em Fevereiro, mas num dos últimos dias de Outubro de 1911, que brilhou no espírito lúcido de José Augusto Lopes Filho, o Juca, o Nolasco de Barros, a idéia de fundar uma revista que fosse o órgão pelo qual os alunos da Escola de Comercio da Phenix Caixeiral, pudessem manifestar o grão de cultura adquiridos nos curtos intervalos de lazer de que a vida do comercio é tão avara, que servisse de incentivo aos retardatários e retraídos, e que infundisse, finalmente, gosto pelas letras aos nossos colegas, sublime recreio nas breves tréguas desta vida prosaica e egoísta. E, dominado por este pensamento obsecante, não exitou um só momento diante dos empecilhos que se lhe antepunham na realização do seu ideal. Deu, pois, o primeiro passo. Tratou de arregimentar os elementos melhores, uma plêiade de novos onde brilhavam numa fantasmagoria de promissora luz. Os talentos de Estevam Mosca. Gustavo Frota, Genuíno de Castro, Daniel Lopes, Dário Pessoa, Raymundo de Paula Vianna e outros, e, escolheu, a fim de patrocinar a sua obra, o espírito eleito e superiormente evoluído do grande phenixta, que foi João de Alencar Araripe¹³².

vam Mosca, Francisco Menezes Mattos, G. de Castro, Gustavo Frota, Manoel Alves, R. Paula Vianna, Wulmar Borges. É, também, aposta a informação que a publicação mensal conta com os auspícios da Phenix Caixeiral e o nome do seu principal fundador J. A. Lopes Filho

¹³² Revista Phenix Ano V, n.º. XXXIX – XL Jan. fev. 1916 p. 1 a 3.

No período de circulação, a Revista conta com colaboradores permanentes (redatores, colaboradores e constantes do expediente) e eventuais (figuras de destaque no meio social e literário de Fortaleza, a exemplo de Dolor Barreira, Mario Linhares, Irineu Filho, Herman Lima, entre outros)¹³³.

Do grupo de colaboradores participam estreatantes, professores e literatos de expressão no seu meio. Alguns colaboradores têm presença constante, como Genuíno de Castro, estudante da Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, empregado da Casa Tibúrcio Targino. Caixeiro a pequeno comerciante em Aquiraz, Dolor Barreira dá depoimento do tempo de sua amizade com jovem literato dividindo-se em livros e revista e *“garrafas de bebida, latas de doce, barras de sabão e outras mercadorias do produto de cuja venda tirava os poucos recursos que lhe garantiam a pouco exigente subsistência”*. É ainda de Dolor Barreira a informação de que Genuíno de Castro *“a princípio escrevia para si e para os seus íntimos, à falta de meios que comunicassem ao grande público as suas emoções de poeta”*. Sua atividade literária é desde logo acompanhada do espírito gremial quando com outros, funda a Revista **Fortaleza**, iniciando a divulgação de seus versos; a revista **Jangada** e a **Ceará Revista**, com o *rebarbativo* Gil Amora. Na revista **Fênix** é um dos principais redatores tendo escrito em muitas edições. Sobre esse período, Dolor Barreira faz apreciação crítica de seus escritos:

obedecendo a uma inclinação natural e crescente, e a sua poesia se apresentava em forma nítida e correta, se bem que claudicasse às vezes na construção gramatical e na própria técnica do verso Reflexo do seu absoluto menosprezo pelas coisas do mundo...¹³⁴

¹³³ Gustavo Frota (Minotauro); Josia Goyanna, Nolasco de Barros, Ramos Netto; Júlio Rodrigues, Junqueira Guarany; Cyrillino Pimenta, Bastos Portela, Daniel Augusto Lopes, Antonio Furtado (Paulo Treva), Caturra Sênior (pseudônimo); Telles de Souza; Álvaro Maia; Gil Amora; Zerbino Bouquet (pseudônimo), Epiphany Leite; Nestor Freire; Francisco Gonçalves; Vicente Bonfim; Pancrácio Junior (P. Juniuro), Cezar de Moraes Fontenelle, José da Silva Medeiros; Alberto Sá; Virgílio Brandão, Múcio Mácer (pseudônimo); Gentil Falcão, Alves de Oliveira, Thompson Soares Bulcão, Andrade Furtado; Carlos Pinho; Tiburciano (pseudônimo), J. Paula Vianna, Alfredo Barros, Araújo e Silva, Carlos Severo, Dolor Barreira, Clémério Freire, Estevan Mosca, Octacílio Azevedo; Mario Linhares, Leão de Vasconcelos, Clóvis Monteiro, Leandro Lyra, Rozendo Ribeiro, Irineu Filho, Garcia Guedes, Carlyle Martins, Targino Filho, Ulisses Castelo Branco, Luiz de Castro, Mozar Catunda Gondim, Cristiano Cartaxo, Cruz Filho, Herman Lima, Antônio Drumond. Maria Sampaio (professora em São Gonçalo, dada pela revista como talentosa e inspirada poetisa) e Alba Valdez.

¹³⁴ BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. v. 3. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1951. p. 209.

A revista Phenix, no quadro geral das publicações, meado do século XIX e primeiras décadas do século XX, segue a orientação das linhas do iluminismo republicano e do seu ideário. Assim, faz exaltação às virtudes da palavra impressa, como nesta tentativa de definição do campo fecundo da imprensa, nas palavras do articulista e fundador da Revista Phenix, José Augusto Lopes, sob o pseudônimo de Nolasco de Barros:

“Sejam as nossas últimas palavras a tradução fiel das nossas alegrias pelo acolhimento com que foi incentivada a aparição da Phenix no cenário deslumbrante e fecundo de imprensa – fonte precípua das maiores conquistas da civilização e manacial caudaloso dos mais altos protestos contra a barbárie universal que tem conduzido a humanidade às lutas temíveis do ódio e das paixões. Era preciso mesmo que tivéssemos o alento das consolações fraternais para chegarmos ao término final das nossas aspirações que é o desdobramento intelectual do nosso cérebro”¹³⁵.

Retire-se das palavras do fundador da Revista o vocabulário central do período, clara repercussão das idéias vindas do século XIX: a imprensa como farol, marco civilizatório, expressão da objetividade filha da razão. Em suma, a imprensa vista como *arma potente* de compreensão da encruzilhada do tempo: Civilização ou Barbárie.

3.2- Um Programa Phenixita: “Da métrica do balcão à métrica dos versos”.

À vista da afirmação de que *às letras, consagram unicamente, as horas curtas e escassas dos seus lazes*, os redatores da Revista Phenix, nos primeiros números, chamam a atenção do público leitor para o programa, qualificado de modesto e despretensioso como deve ser o de uma Revista *meramente escolar*. Num artifício retórico, o tom de humildade tenta ocultar os objetivos literários da publicação afirmando que a boa acolhida do público é por excessiva gentileza, pois bem sabia *não poder encontrar nem literatura nem ciência em uma despretensiosa revista feita por moços que vivem no trabalho e do trabalho*.

¹³⁵ Revista Phenix No. 3, Ano I, maio de 1912 – pag. 2

No segundo número, a par de apregoada humildade na definição de propósitos tece largos agradecimentos ao apoio e à franca acolhida dos leitores. Redatores fazem elogio especial aos *bondosos companheiros de classe* que se dirigiram ao endereço da revista para trazer a palavra afirmativa de sua solidariedade e apoio.

É apoio traduzido em leitura e difusão da Revista? Quem é o seu público? De onde fala e para quem deseja falar? São questões que inquietaram, nesta pesquisa e em momentos em que tivemos que recorrer à imaginação para buscar possíveis leitores. Na gratidão ao apoio dos *Novos* e aos assinantes e leitores, em geral, a Revista é bastante genérica ou mesmo difusa ao dirigir-se ao público leitor, referindo-se quase sempre aos *bons e dedicados amigo*:

"(...) devemos dizer que não o fazemos por satisfação a vaidades que não temos nem nutrimos, mas simples e exclusivamente para darmos um testemunho público e duradouro da muita gratidão de que tão bons e dedicados amigos se tornaram credores desta revista. E satisfaz-nos e alegra-nos, podermos afirmar que se os outros elementos nos faltarem para bem cumprimos a nossa missão, nos sobrarão sempre boa vontade, firmeza de animo, dedicação, esperamos poder sair vitoriosos nos mais renhidos e afanosos prédios¹³⁶.

Do ponto de vista editorial e programático, a Revista Phenix pode ser entendida como bem sucedido encontro de interesses entre a diretoria da Sociedade Phenix Caxeiral e destacado grupo de alunos da Escola de Comércio que vai se distanciando das características originais de mutualismo e beneficência, em busca de variados instrumentos de afirmação na sociedade, como vigorosa associação ativa, no meio educacional e de representação nos círculos literários. O quadro de matrícula e a frequência (em anexo) são exemplares para o alcance do projeto fenixta, o que anima a diretoria a acolher jovens de expressão artística e cultural ao mesmo tempo, empregados de balcão e de outros estabelecimentos comerciais e partícipes do projeto associativo.

Assim, a Revista é eficaz estratégia de difusão do saber, de demonstração no meio local do esforço dos jovens moços do comércio. Para concretização do programa, o grupo editor, já nos primeiros números, agradece o apoio material da diretoria da Sociedade Phenix Caxeiral

E tivêmo-lo dignamente manifestado no parecer luminoso da comissão de finanças, aceito unanimemente pelo Conselho Administrativo da Phenix Caxeiral, o qual reconheceu o papel elevado da nossa Revista, adaptada perfeitamente á Escola de Comércio, votada unicamente ao alevantamento de uma classe benemérita pelas funções civilizadoras que exerce na sociedade. Demais a Phenix é um reflexo patente do nosso aproveitamento no caminho da luz dos conhecimentos, e, portanto, indispensável e inadiável, como o oxigênio ao crescimento dos seres vivos.

É o intuito de alargar a base de colaboração da Revista, com artigos assinados por figuras de maior relevo na vida sociocultural de Fortaleza. A primeira estratégia é buscar o decidido apoio dos professores, como tentativa de legitimação da Revista, o que parece surtir efeito, em vista da contribuição de **Dolor Barreira** e de outros professores da Escola de Comércio e do Liceu do Ceará.

Falta-nos somente, para a completa realização dos nossos ideais, o apoio incondicionado dos mestres que, com a percepção clara dos conhecimentos, nos devem guiar os passos trôpegos e vacilantes na estrada luminosa da perfeitabilidade relativa. Precisamos para o desdobramento natural das nossas idéias, do incentivo fecundo, do aplauso daqueles que são os luzeiros da nossa espiritualidade viçosa e variável. E muito valem as solicitações da mocidade desejosa de estender o círculo das impressões da natureza, gravando nas paginas da imprensa as sensações fulgantes do mundo exterior, porquanto um dos mais distintos professores da Phenix Caxeiral e incontestavelmente um dos mais conspícuos sabedores do nosso idioma no meio cearense, deu-nos a honra excelsa de manifestar em colunas da nossa Revista as radiações poderosas da sua erudição. Esperamos, pois, que os demais professores da Escola venham em auxílio da nossa causa sacrossanta. Com as luzes de sua ciência experimental, a exemplo daquele distintíssimo docente¹³⁷.

Dolor Barreira, conhecido pelo pendor literário e dotes oratórios, desde o Colégio São José e Liceu do Ceará, em 1911, como estudante da Faculdade de Direito, inicia nas letras e no magistério da Escola de Comércio da Phenix Caxeiral, com participação literária no periódico **A Constelação**, com Severino Macedo e Alberico Gomes Parente, e nas revistas **A Camélia**, **Phenix** e **Tertúlia**. A colaboração de **Dolor Barreira**, no projeto fenixta não é meramente episódica como a de outros, mas integrada nos objetivos da pedagogia fenixta, para melhoramento das letras e desenvolvimento intelectual dos jovens caixei-

¹³⁶ Revista Phenix No. 2, ano I Março 1912, pag.2

ros. Jovem intelectual em formação, privou da amizade e do convívio literários com moços do comércio, a quem propunha não se deixarem aprisionar pelos ditames do patrão nem se reger apenas pela métrica do balcão, como se conclui de seu escrito ser a epígrafe da dissertação.

Com efeito, entre incontáveis artigos laudatórios à ação da Sociedade Phenix Caixeiral, parece ser o texto de Dolor Barreira, publicado na Revista Phenix, em junho de 1913, que melhor sintetiza o pensamento do período acerca das principais questões abordadas nesta dissertação. Referido artigo, em louvor ao vigésimo segundo aniversário da *grande e benemérita Sociedade*, propõe reflexão sobre a luta das grandes antinomias do século: o bem e o mal, a virtude e o vício, o saber e a ignorância. A Phenix Caixeiral é lida em Dolor Barreira como a *vitória soberana do saber* ou *abrigo e refúgio das mentes adiantadas*.

“A Phenix Caxeiral é a prova mais palpitante da verdade dessa afirmação. Ela atesta eloqüentemente, mais uma das múltiplas derrotas incontáveis da ignorância e um dos triunfos vertiginosos do saber. Porque, com efeito, qual outra solícita Vestal, é uma das sentinelas d’esse fogo sagrado, que tem sido o final orientador das conquistas de todos os povos, e do progresso de todas as civilizações. Foi em 1891! Uma falange de moços bem intencionados lançou as bases de uma das sociedades mais robustas, mais ilustres e mais conceituadas que se tem estabelecido entre nós. Instalou-se a Phenix Caxeiral. A aurora do dia 24 de junho d’aquela ano, saudou, sorrindo, o seio cheio de flores e bençãos, um dos acontecimentos mais memoráveis da história cearense.

Hoje, cada phenixta assiste, n’um pulsar ardente de coração e n’um alvoroço incontido de espírito, recordando todo um mundo de trabalhos e recompensas correlativas, ao 22º aniversário da grande e benemérita sociedade.”

O argumento de Dolor Barreira transcende o aspecto retórico tão em voga na afirmação de o senso de patriotismo do cearense ansia pela transformação do meio provinciano em *terra adiantada, florescente, frutificadora e progressiva*. Para ele, em recorrência à História como mestra da vida, a característica primacial das associações do gênero tem sido a difusão de valores baseados na vitalidade do saber e do progresso. Pensamento recolhido diretamente, com necessárias mediações da ilustração positivista, quer-se afirmar o combate à chamada *evolução negativa da ignorância*. Dito de outro modo, é

¹³⁷ Revista Phenix Ano I, No. 4, junho de 1912. p..2

recurso às metáforas da luz, do progresso, da evolução e da redenção pela difusão do saber. É realce, ainda, na oração de Dolor Barreira, o modo como entende o papel da Sociedade Phenix Caixeiral (e desdobramentos: Escola, Revista, nesta pesquisa) que ao *preparar moços para o comércio aparelha homens para a sociedade*.

“A Phenix Caixeiral é uma nascente benfeitora de benefícios incalculáveis. Preparando moços para o comércio, aparelha homens para a sociedade. Dotando-os com ensinamentos indispensáveis á pratica da vida, forma-lhes os fundamentos seguros de futuras carreiras brilhantíssimas. Os caixeiros, hoje, graças a ela, já não estão, para sempre, condenados a ser os humildes instrumentos de um senhor, agrilhetados ás taboas bolorentas de um balcão. Soergue-os um ideal superior. Olham mais alto. De outros misteres mais honrosos e mais dignos podem fazer a sua profissão”¹³⁸.

Chama a atenção a colaboração de Dolor Barreira, em de artigos com base de reflexão na filosofia e com argumentos do campo da moral e da ética, sugerindo lições do que ele pensa como grandes males do tempo. São cinco artigos: Tudo é Hipocrisia, Tudo é Vaidade, Tudo é Dinheiro, Tudo é Ambição, Tudo é Ignorância, ao longo do ano de 1913. Todos a partir dos títulos, indicam recurso ao argumento moral e ao vocabulário filosófico em voga: discussão sobre convencionalismos, aparências, falsidades e mentiras; provisoriedade e imprevisibilidade do homem e da vida; o homem feito moeda, negação de sua humanidade, anti-humanismo, entre outros.

Apresentadas as linhas gerais da Revista Phenix e seu entendimento como produção simbólica de sujeitos sociais e afirmação no meio, pela produção e difusão de saberes, o tópico seguinte dá a conhecer as idéias-força dessa publicação, com os principais temas.

3.3– A Polifonia da Revista Phenix: literatura, doutrina, costumes e crítica social

A publicação, de pequeno formato, mantém as páginas, entre doze e vinte uma, a depender da matéria recolhida. Circula, sem interrupção, ao longo

¹³⁸ Revista Phenix. Ano II, No. 15 junho de 1913. p. 4

de cinco anos, fevereiro de 1912 a agosto de 1916,¹³⁹ o com razoável aceitação do público assinante e permanente apoio material da Sociedade, por não poder auto-sustentar-se.

A Revista veicula artigos de fundo, em variadas secções, com: sonetos, poemas, contos, crônicas, necrológios, efemérides, notas e fatos do cotidiano, chegadas e partidas de fenixtas, autoridades e intelectuais, artigos filosóficos e urbanidade com apreciações sobre a vida cultural da cidade com destaque do teatro e cinema.

Nos cinco anos de publicação, com variado leque de assuntos/temas, esta pesquisa indica que o maior espaço da Revista é ocupado por literatura. Em outras edições, há predomínio de poemas e sonetos, especialmente, a partir do ano III. É preciso, no entanto, destacar editorial não é consensual do grupo editor. Há tentativa de crítica do artigo de Gustavo Frota, sugerindo retificação do percurso editorial? É sua argumentação:

*"(...) O Ceará é a terra dos poetas como o Rio Grande do Norte é a dos jerimuns e o Amazonas da borracha. E eu nem sei bem se a maioria dos versos que aqui escrevem vale os jerimuns da linda terra potiguar ou as bolas de borracha das matas amazônicas. Agora mesmo chega-me um bilhete do editor da revista, lamentando que o número vai sair cheio de versos.... que fazer? (...) Nem o editor parece gostar dessa plethora de palavras rimadas, nem os assinantes estão prontos para aturar o martírio de longas páginas monotonamente metrificadas"*¹⁴⁰.

Escapando à *enxurrada* de versos, os editores buscam a colaboração de nomes de expressão no meio literário de Fortaleza, com garantia de espaço aos *novos* para experimentação de suas criações, e aos estreantes, com que se garante o aumento de assinaturas e difusão da Revista. Entre os *novos*, de nomeada na boemia literária e práticas progressistas da cidade, destaca-se Gil Amora. Tendo participado de editoriais, em jornais satíricos, e trabalhando com o libertário Moacir Caminha na edição d'O Regenerador, órgão do Club Socialista Máximo Gorki (1908), Amora é presença nas páginas da Phenix. Sua pro-

¹³⁹ A coleção completa da Revista Phenix trabalhada nesta dissertação está assim distribuída: Ano I fevereiro de 1912 a fevereiro de 1913 (No. I ao No. XII); Ano II de março de 1913 a dezembro de 1913 (Nº. XIII a XIX); Ano III de janeiro/fevereiro de 1914 a junho de 1914 (No. XX/XXI a No. XXV); Ano IV outubro de 1915 a janeiro/fevereiro de 1916 (No. XXVI a XXIX/XL) Ano V março de 1916 a agosto de 1916 (No. XLI a XLVI)

¹⁴⁰ Revista Phenix. Ano IV No. XXXVIII Dezembro 1915 - p. 6

sa tem o tom satírico, o que se observara no jornal **Garoto** (1907), que se dizia *crítico, desopilante*, à maneira de Rabelais e Molière, merecendo de Gustavo Barroso larga homenagem em **Consulado da China**. Encontra-se com os jovens fenixtas em tertúlias e cafés, e, em 1911, com Genuíno de Castro e João Catunda, diretores da Revista Phenix, funda o periódico **Ceará Revista**, com o pseudônimo *Zé da Rua*. Publica charges e caricaturas com talento para a pilhéria e crítica¹⁴¹. Nos textos, Amora, o espírito trocista, escreve o *Ceará Moleque*, com passagens de crítica de costumes, e sua palavra mordaz não foge à crítica social, à política e jocosidade, como no artigo *Cúmulos*.

(...) Cúmulo de devoção de um caloteiro: rezar pela alma dos cadáveres nas próprias contas de seu rosário de dívidas.

Cúmulo da bicharada: um bicho de colégio, matar o bicho, jogar no bicho, ter um bicho de pé, e acabar dizendo é o bicho.(...)

Cúmulo da inércia da polícia: deixar passar notas falsas em um concerto.

Cúmulo da paciência: aturar a leitura de um soneto de um poeta de água doce sem dormir... ou a conversa fiada e comprida de um bêbado sem dispara.

Cúmulo do descaramento: uma mulher tomar banho no riacho do padre.(...)

Cúmulo do Marechal Hermes: mandar cortar um Pinheiro a Machado.

Cúmulo do engrossamento político: dar ainda de presente ao Franco Rabelo uma bengala de Carnaúba.

(...)

Cúmulo da felicidade: ninguém se queimar na rua do fogo

Cúmulo da bondade de um genro: matar uma muriçoca com uma mão de pilão na testa da sogra ... xô veia!¹⁴²

Este texto de Gil Amora, conhecido pela verve, em tertúlias literárias e cafés da cidade, tem provavelmente provocado o riso dos leitores. Apreciada é a frase de galhofa de Amora, que circula nos vários periódicos da cidade. Recolhemos da Revista estes versos de Ramos Neto, característicos do gênero, dosados com ironia, galhofa, pândega, gargalhada, tristeza crítica demolidora do modo de vida burguês:

Gil Amora

Eu te saúdo, irônico trocista,

¹⁴¹ GIRÃO, Raimundo. *Dicionário da literatura cearense*. Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.

¹⁴² Revista Phenix. Ano III, No. 23, abril de 1914. p. 8

Fino escultor da frase galhofeira!
 No descuido da pandega humorista
 Tu possuis de Bocage a alma brejeira.

E's da pilhéria o celebrado artista!
 Do teu prazer desfralda-se a bandeira,
 Embora sempre o teu viver consista
 Nos vexames cruéis da quebradeira!

Consagras sempre um riso de ironia
 A' vesga estupidez da burguesia
 Que os nobres ideais tanto profana.

Em meio á troça que a tristeza apaga,
 Essa tua alma gargalhando, esmaga,
 Toda a miséria da Existência humana!¹⁴³

Para enriquecimento do campo literário da Revista, incorporam-se textos de autores estrangeiros, de Maupassant - *Por Uma Tarde de Primavera*, Giovanni Carducci - *Versos*, Daudet - *As Estrelas* - *Narração de um Pastor Provençal*, entre outros. As traduções são quase sempre de Pancrácio Junior.

A publicação desses autores demonstra o esforço da Revista no aproveitamento de leituras em voga e de idéias vindas *de alguns dos países da velha Europa e da América*. A interpretação, pode-se afirmar, não se trata de mero recurso da imprensa do período, de *cola e tesoura*, mas de esforço intelectual e literário de entendimento das realidades locais. Diz-se ser demonstração do índice de leituras e conhecimento dos autores. A reminiscência de Antônio Furtado é recurso bastante utilizado nas publicações de então, com seu conhecimento das leituras dos círculos europeus: "*Oh! Esses tempos de Baturité onde a sombra verde dos cajueiros em flor, tantas vez reli Flaubert e reli D'Annunzio e as página s vibrantes e verdadeiras do divino Eça*"¹⁴⁴.

¹⁴³ Revista Phenix. Ano III, No. 24, Maio de 1924. p.10

¹⁴⁴ Revista Phenix . Ano I, No. 7, setembro de 1912. p. 4.

Na secção **Crítica Literária**, a Revista comenta e recomenda as obras de espíritos cultos e brilhantes Ceará, de poetas como Mario Linhares, Virgílio Brandão, Josias Goyanna, Ramos Neto, Álvaro Maia, G. de Castro e Maria Sampaio, quase sempre, obras de estréia. É a confirmação do programa de origem, *arregimentador de uma plêiade de novos*.

A secção é encimada do título de **Bibliografia**, sem no entanto, os livros que merecem atenção crítica se circunscrevem ao limitado circulo de poetas e literatos de Fortaleza. Observa-se, nessa publicação, pronunciada diferença para a imprensa operária, é que esta obriga autores e leituras em voga no campo doutrinal. Ainda assim, a Revista Phenix agrada a leitores e amplia o circulo de colaboradores, conquanto sejam escritos esporádicos. Todos esses autores desejam seus sonetos e prosa de iniciantes nas páginas de revista de aceitação.

A Revista sim cresce na aceitação do público leitor, como adquire prestígio entre letrados, com o aumento das colaborações que chegam à redacção, submetendo-se à apreciação crítica dos trabalhos. Participam da comissão João Alencar Araripe, Lopes Filho e Genuíno de Castro. Para as colaborações, cria-se a curiosa secção **Correspondência**, depois **Caixa da Revista**, espécie de resposta aos colaboradores dos textos rejeitados, assinada com o sugestivo pseudônimo de Dr GAR –EL-HAMA, corruptela de *gralha*, como eram chamadas pelos revisores as imperfeições de forma e estilo do trabalho tipográfico. Na edição de novembro de 1912, não são poupadas de comentários sarcásticos as colaborações que segundo a Revista, *destas espécies, só para o fogo*. Alguns exemplos de respostas:

Ao V. B. – Seu soneto “Meus Versos” está metricamente correto; ser poeta, porém não é alinhar frases e contar sílabas, é um pouco mais do que isso. (...)

Ao M. A. N. – Seu soneto “Carpidos” é impublishável. Está aleijado nas quadras e quartetos.

Ao Silvio Floresta – Não se salva do naufrágio o seu soneto “Estrela D’Alva”. Quanto a métrica nada há a dizer; a idéia, porém, foi truncada, o sentido fica incompreensível, disparatado ao fim da leitura. Vê-se que lhe sobra paciência dos tratados de versificação e parece faltar-lhe o trato dos bons autores.

Ao Giz – Estamos aqui beatificados diante do perfil de que de sua amada fez, intitulado “Ela”. Juramos que ela não entendeu nada da-

Na secção **Crítica Literária**, a Revista comenta e recomenda as obras de espíritos cultos e brilhantes Ceará, de poetas como Mario Linhares, Virgílio Brandão, Josias Goyanna, Ramos Neto, Álvaro Maia, G. de Castro e Maria Sampaio, quase sempre, obras de estréia. É a confirmação do programa de origem, *arregimentador de uma plêiade de novos*.

A secção é encimada do título de **Bibliografia**, sem no entanto, os livros que merecem atenção crítica se circunscrevem ao limitado círculo de poetas e literatos de Fortaleza. Observa-se, nessa publicação, pronunciada diferença para a imprensa operária, é que esta obriga autores e leituras em voga no campo doutrinal. Ainda assim, a Revista Phenix agrada a leitores e amplia o círculo de colaboradores, conquanto sejam escritos esporádicos. Todos esses autores desejam seus sonetos e prosa de iniciantes nas páginas de revista de aceitação.

A Revista sim cresce na aceitação do público leitor, como adquire prestígio entre letrados, com o aumento das colaborações que chegam à redação, submetendo-se à apreciação crítica dos trabalhos. Participam da comissão João Alencar Araripe, Lopes Filho e Genuíno de Castro. Para as colaborações, cria-se a curiosa secção **Correspondência**, depois **Caixa da Revista**, espécie de resposta aos colaboradores dos textos rejeitados, assinada com o sugestivo pseudônimo de Dr GAR –EL-HAMA, corruptela de *gralha*, como eram chamadas pelos revisores as imperfeições de forma e estilo do trabalho tipográfico. Na edição de novembro de 1912, não são poupadas de comentários sarcásticos as colaborações que segundo a Revista, *destas espécies, só para o fogo*. Alguns exemplos de respostas:

Ao V. B. – Seu soneto “Meus Versos” está metricamente correto; ser poeta, porém não é alinhar frases e contar sílabas, é um pouco mais do que isso. (...)

Ao M. A. N. – Seu soneto “Carpidos” é impublishável. Está aleijado nas quadras e quartetos.

Ao Silvio Floresta – Não se salva do naufrágio o seu soneto “Estrela D’Alva”. Quanto a métrica nada há a dizer; a idéia, porém, foi truncada, o sentido fica incompreensível, disparatado ao fim da leitura. Vê-se que lhe sobra paciência dos tratados de versificação e parece faltar-lhe o trato dos bons autores.

Ao Giz – Estamos aqui beatificados diante do perfil de que de sua amada fez, intitulado “Ela”. Juramos que ela não entendeu nada da-

*quela algaravia. Vejam os leitores como o Sr. Giz descreve o nariz da perfilada (...)*¹⁴⁵

Ao Eudaucó Silva – Tem destas belezas o seu soneto “Fases da Vida”: a vida é a borboleta multicores / Lembrando mágoas, austeros dissabores. Mutilou a métrica e desrespeitou a austera madame gramática.

*Ao Gil Feitosa – Seu “Sonho” chegou até cá em frouxos alexandrinos. De todos os metros é este o mais difícil de ser manejado (...)*¹⁴⁶

Ao F.G.F. – O seu soneto “Depois de Vê-la” tem vários defeitos. Não pode ser publicado. Mande cousa melhor ...

Ao Ateu - Infelizmente a Phenix não pode dar agasalho ao seu trabalho “Problema da Vida”. Os versos estão frouxos e mau feitos (...)

Ao M. V.- Cumpre um coleção de medidas elásticas para a medição de seus versos. O tema é sublime; é pena a sua reconhecida inabilidade.

*Ao X – Seu conto “Babilônia” está uma verdadeira babel. Vossa Excelência queira desculpar-nos a franqueza parem destes, nem com açúcar*¹⁴⁷.

As respostas às colaborações cuja serventia é só para o fogo dão ao pesquisador o ensejo dos comentários: - Os novos vêm também do interior do Ceará e, aqui e ali, as correspondências são de outros Estados; o gênero é, quase unicamente, poesia, com teor de crítica social inexpressivo.

Com o objetivo de mostrar o crescimento da circulação da Revista, recurso largamente utilizado na imprensa, repete-se na secção **Publicações**¹⁴⁸: um bom índice dos periódicos e livros recebidos pela redação da revista, demonstrativo do esforço de intercâmbio com publicações congêneres e de variado tipo, do Ceará e de outros Estados: São Paulo, Piauí, Maranhão, Acre, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais; Rio Grande do Sul. O índice revela semanários de interesses gerais, jornais noticiosos, revistas de alunos, também, folhas políticas como o *Jornal Folha do Acre*, *Folha Acreana* e *Alto Acre*, órgãos do Partido Construtor Acreano em Rio Branco e Xapuri. Chama a atenção do pesquisador o semanário *A Lanterna*, libelo anticlerical e anarquista, publicado em São Paulo, um dos mais significativos periódicos de extração libertária do período. Importante é a nota sobre o surgimento, em Fortaleza, de *Panóplia*, revista de letras e arte congregando “os melhores talentos e muito prometendo fazer pelo soerguimento do nosso acanhado meio intelectual”. São colaborado-

¹⁴⁵ Revista Phenix. Ano I, No. 9, novembro de 1912, p. 10 e 11

¹⁴⁶ Revista Phenix. Ano I, No. 10, dezembro de 1912, p. 10.

¹⁴⁷ Revista Phenix. Ano III, No. 24, maio de 1914, p. 14

¹⁴⁸ Revista Phenix. Ano III, No. 17, outubro de 1913. p. 11.

res nesse empreendimento editorial Beni Carvalho, Alf. Castro, Irineu Filho, Soares Bulcão, Antônio Sales, Soriano Albuquerque, F. Alves Lima.

Com efeito de memória ou até de reverência aos nomes de destaque da poesia cearense, da segunda metade do século XIX, a secção **Galeria de Poetas Cearenses** realiza um trabalho de evocação, desejando fixar, nos leitores, os nomes mais representativos, desde o meado do século XIX. Estão nessa galeria, Frederico Severo, Francisco de Paula Barros, Joaquim de Souza, João Ribeiro de Carvalho. Em recuperação dos poetas da geração de 1870, fixando largos traços biográficos, pequena mostra de sua produção com dupla finalidade: *arrancarmos da sombra do olvido os poetas de merecimento que nela jaziam, como também para facilitarmos um estudo crítico comparativo entre o versejar daquele tempo e a poesia contemporânea*. Esse registro da memória tem expressa inspiração biobibliográfica em Barão de Studart.

Para a pergunta inicial da pesquisa sobre leitores, é possível arriscar que a Revista deseja espaço além dos quartos acanhados dos *moços do balcão*. É possível que ela esteja na escrivaninha dos donos das casas comerciais, que são anunciantes, e nas salas-de-estar das residências dos mais abastados. A secção de registros de aniversários e da vida mundana é **Jardim Social, coluna social** da época, com os acontecimentos sociais de destaque e datas natalícias. Os agraciados com as notas são as distintas *senhoritas da boa sociedade, as virtuosas esposas dos homens ilustres e os ornamentos da sociedade*, acadêmicos de Direito, professores do Instituto Normal de Guaramiranga, Comerciantes, Funcionários das Casas Bancárias, Guarda-livros de Firmas Exportadoras. Essa secção ganha maior espaço na Revista com o passar do tempo, de conteúdo laudatório às virtuosas e caritativas senhoras cristãs, aos ditos ilustres do *grand monde fortalezense* e de largos elogios aos ativos industriais, proprietários, capitalistas, diretores da Associação Comercial, nomes, segundo eles, *de muita evidência no meio social*.

Outras secções vão na mesma direção, como **Notas e Fatos, Aniversários, Notícias**, destacando quase sempre o cotidiano e os modos de vida da boa sociedade. Fica evidente a tática de alargamento do público leitor, com as elites locais, no esforço de acentuar a distinção social da própria categoria. Os referentes são os homens de bem, as senhoras virtuosas e as senhoritas da boa sociedade, ressaltando, quase sempre, o sucesso na empreitada comerci-

al, que sugere subliminarmente o modelo da desejada ascensão social dos caixeiros de balcão. É evidente que, quando os da classe figuram em **Jardim Social**, são sempre os que galgam postos de maior prestígio, como guarda-livros, gerentes ou supervisores de firmas estrangeiras e casas bancárias. Eles merecem largos espaços e elogios, nessas secções, os dirigentes da Sociedade Phenix Caixeiral e os figurões da política local, como se observa nesta nota:

A bordo do "Minas Gerais", do Lloyd Brasileiro, chegou, no dia 11 deste mês, o nobre e talentoso deputado federal Dr. Gentil Falcão, atendendo ao apelo que lhe foi feito pelo povo que tão dignamente representa. O seu desembarque esteve concorridíssimo, o que prova, mais uma vez, o alto apreço e consideração em que é tido pelos homens de bem de sua terra. Ao ilustre parlamentar os nossos cumprimentos e o desejo, também, de que entre nós seja longa a sua estadia¹⁴⁹.

Depreende-se que a saudação visa ao estabelecimento de boas relações, posto que depende de suas graças o aporte de verbas e orçamento para o regular funcionamento do Palacete da Phenix Caixeiral e sustentação da Escola de Comércio, serviços de assistência médica e social e atividades socio-recreativas.

Qualificada como crônica mundana da boa sociedade, tem destaque a movimentação nos *Clubes Sociais*, os modos de vida e comportamentos sociais, nas primeiras décadas do século XX. Ainda longa, esta citação se impõe pela diversidade de elementos:

Club dos Diários.

Realizou-se no dia 30 do corrente, nos luxuosos salões do Club dos Diários, uma encantadora festa de arte sob a direção do Dr. Alfredo de Castro.

A's 21 horas teve inicio o concerto em que tomaram parte as mais aclamadas virtuose da nossa alta sociedade, deliciando a numerosa e seleta assistência com a perfeita execução dos números que lhes foram confiados.

Abriu o concerto a – Sinfonia 5 desse delicadíssimo e impecável artista – Haydn – executada maravilhosamente pelas senhoritas Esther Salgado e Esther Gondim.

O numero 2 foi confiado á senhorita Esther Gondim "La Nuit" de Rubinstein e um trecho de Pasiello acompanhado ao piano, cantado pela voz deliciosa e culta de Melle Maria de Luna Freire.

¹⁴⁹ Revista Phenix. Ano II, No. 14, abril / maio de 1913. p. 12

O numero 3 constou de um solo de piano (Chopin 4º Estudo) magistralmente executado pela senhorita Esther Salgado.

De Wieniansky foi escolhido "Souvenir" para o numero 4, violino e piano, executado respectivamente pelas senhoritas Esther Gondim e Stella Barroso.

De Saint-Saens figurou no 5 e ultimo numero do programa a arrebatadora e movimentada "Polonaise" (op. 77) executada brilhantemente ao piano pelas senhoritas Esther Gondim e Stella Barroso.

O concerto de sábado foi um verdadeiro triúnfo para o Club dos Diários, como para as nossas talentosas patricias, que demonstram assim haver no Ceará privilegiadas vocações musicais e um aprimorado culto pela divina Arte.

O diretor da festa ofertou ás gentis musicistas lindos e mimosos ramos de flores naturais.//Findo o concerto iniciaram-se as danças prolongadas até altas horas.

Ao Dr. Alfredo de Castro os nossos entusiástico parabéns pela maneira brilhante e triunfal com que soube realizar o festival sob a sua caprichosa direção¹⁵⁰.

A minuciosa descrição da *encantadora festa de arte*, no clube dos Diários, em relevo o tratamento dispensado pela Revista aos modos de vida da *alta sociedade* reunida em círculos fechados e à *seleta assistência*. Ao piano, senhoritas *virtuosi* demonstram vocações musicais e deliciam a platéia que, supostamente, refina o gosto musical. Era a vida mundana se transferindo das récitas dos salões privados para os Clubes Sociais, como prolongamento das casas de boa família.

Com tanto espaço dado às práticas e formas de sociabilidade das elites, a Revista não descuida seu público preferencial e a condição de porta voz dos alunos da Escola de Comércio. Afirmando destinação de origem, observa-se em dado momento, a tentativa de reforçar as publicações como instrumento de leitura, na sala de aula, da secção permanente – **Questões da Linguagem** – a cuja existência e função justificam as frases, trechos cheio de erros gramaticais e estilísticos dos principais periódicos da cidade. A secção adota o tom pragmático relativo ao uso da língua: refuta os erros gramaticais localizados com base nos mestres da língua – escritores, literatos, filólogos – apresenta fórmulas do uso da norma culta.

O apoio de grandes nomes da língua, como João Ribeiro e Cândido de Figueiredo e recorrência aos textos dos clássicos Camões, Eça de Queirós,

¹⁵⁰ Revista Phenix. Ano III, No. XXIV, maio, 1914. p. 14.

Antero de Quental, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Feliciano de Castilho, Ferreira de Castro, Gil Vicente e Almeida Garrett.

É provável que os textos escritos sob o pseudônimo de Caturra Sênior sejam de autoria dos próprios professores de língua portuguesa da Escola de Comércio, pela proficiência do argumento e didatismo das lições. Os artigos recorrem a variados exemplos e apóiam-se largamente em Dicionários, Manuais de Filologia e publicações das academias de Lisboa e do Porto, além do uso de notas explicativas.

Secção complementar a equestões de linguagem é **Philologia**, sob a responsabilidade de Francisco Gonçalves, colaborador da Revista do Ceará. Versando sobre estudos de português, traz excertos de Cândido de Figueiredo, Heráclito Graça, Rui Barbosa, Carneiro Ribeiro, entre outros e adota como uma das fontes a **Revista Universal Lisbonense**. Francisco Gonçalves o responsável pela secções questões de linguagem, é professor da Escola de Comércio por nove anos e mestre reconhecido pela valorização da idéia associativa, como neste artigo de justa homenagem, quando da criação da galeria dos beneméritos da Sociedade Phenix Caixeiral.

O Dr. Francisco Gonçalves faz jus, pelo merecido titulo que acaba de receber, a mui particular menção, especialmente como preceptor e como amigo.

Não nos abandonará jamais o espírito a lembrança daquelas noites terrivelmente chuvosas em que, semipreso de frio e sono, debruçado sobre o peitoral da janela, lobrigávamos entre as brumas da neblina que caía, o seu vulto que avançava, a passos lentos, superlativamente calmo.

E era invariavelmente assim, de uma assiduidade espantosa e edificante, que valia aos seus discípulos o prazer de uma palestra instrutiva, cuja impressão, agradabilíssima e proveitosa, teria de perdurar eternamente.

Amigo dos phenixtas, propulsor de seu ideal nobilitante que e' o engrandecimento coletivo da classe, sustentáculo da sua causa dignificadora que é a difusão do ensino, nele nada melhor poderia a Phenix Caixeiral admirar do que o desprendimento com que tantos anos a serviria, regendo com zelo, competência e honra, a cadeira de português do curso da sua Escola, em cujo magistério pode receber da mocidade estudiosa do comércio, o mesmo tributo de sincera amizade e gratidão, o mesmo culto de profunda simpatia e estima, já recebidos também por Antonio Theodorico da Costa da mocidade estudiosa do Liceu.

Poderíamos, ao correr da pena, registrar fatos do seu professorado de nove anos na Phenix Caixeiral, onde sobressaíssem, com mais vivo calor, os predicados nobres de que se reveste a sua individuali-

dade, e que tão popular e querido o tomaram entre os seus discípulos reconhecidos.

Disso todavia nos dispensa o conhecimento que dele todos têm, a nosso ver asas suficiente para se poder aquilatar do seu valor e dos seus méritos, através das paginas fulgurantes da sua vida de mestre¹⁵¹.

O crescimento literário da Revista obedece ao ecletismo do período e é indiciário a leituras dos pequenos círculos dos iniciados nos estudos da filosofia. O uso recorrente dos textos filosóficos de Farias Brito, em especial de *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano (1895)*; *A Filosofia Moderna (1898)*; *Evolução e Relatividade (1905)*, obras que conformam a série *Finalidade do Mundo*, parece justificar os conteúdos críticos mais contundentes ao *absolutismo dos capitalistas e banqueiros*, isto é, artigos em defesa das *pobres vítimas do capital*, em que é posta, em questão, a dignificação pelo trabalho uma vez que este não possibilita amealhar sequer pequeno pecúlio para sustento das necessidades vitais do núcleo familiar dos trabalhadores.¹⁵²

O José Augusto Lopes (Nolasco Barros) é presença constante no primeiro ano da revista, com artigos que combinam elementos de doutrina jurídica, filosofia e literatura. No artigo, o argumento central é a *questão secular do capital e do trabalho*, tratada a partir do entendimento de que os trabalhadores são a máquina do mundo e a luta pela vida empreendida pelo *elemento do trabalho* é fruto do quadro de miséria e fome gerado pelo capital. O artigo recolhe, do Manifesto Comunista a exortação de Karl Marx – proletário de todos os países, uni-vos! – como sendo o *brado ameaçador e sublime* que poderá tirar da apatia a *alma vibrante das multidões*. Para o articulista, Marx é o *grande filósofo, o grande coletivista*, que sintetiza as *perturbações desta fase acidentada da vida do trabalho*. É esta a argumentação de Nolasco Barros:

"(...) Por toda parte se nos patenteam as graves perturbações do movimento dos braços, quiçá a maior potencia do nosso progresso material.

E a repercussão do brado ameaçador e sublime do maior de todos os coletivistas – Marx - cujo só enunciado abalou fundamentalmente

¹⁵¹ Revista Phenix. Ano III, No. XXII, abril de 1914. p. 9 e 10

¹⁵² Além das citadas obras são do conhecimento do período em que circula a Revista e certamente fazendo parte da biblioteca da Escola de Comércio, as seguintes obras de Farias Brito: *A Verdade Como Regra das Ações (1905)*; *A Base Física do Espírito (1912)*; *Mundo Interior (1914)*; Obras que formam a série *Ensaio Sobre a Filosofia do Espírito*.

os capitães, fazendo soerguer-se a alma vibrante das multidões:
 “proletários de todos os países do mundo – uni-vos!”

Sente-se, ao ler estas palavras do grande filósofo que é, porventura a síntese de uma imensa dor eterna e inacabável, como que o tiritar medroso da aproximação de uma catástrofe revolucionária.

É a questão secular do capital e do trabalho que leva os homens a erguerem este grito uníssono, em protesto solene e natural.

Aliás, apenas se manifesta neste movimento a luta pela vida em seu expoente máximo de união e de força.

Mas não falemos das conseqüências de tão alevantados protestos, não pesquisemos as necessidades e tormentos sofridos por estes pobres seres que são a máquina do mundo, e não têm, ainda nos melhores tempos, com que comprar a alimentação do dia seguinte...

Não desdobremos o quadro da miséria e da fome que representa esta fase acidentada da vida do trabalho; ao contrario, ocultemos as conseqüências de tal estado de coisas que muita vez não traz benefício algum futuro, principalmente quando a anarquia destende as suas azas negras sobre metrópole da paz¹⁵³.

Caminho idêntico ao de José Augusto Lopes, segue por Estevam Mosca, com pendor filosófico e muita leitura. O articulista causa surpresa ao pesquisador pelo uso recorrente do pensamento de autores de pouca difusão no Brasil, no período, como Max Stirner¹⁵⁴.

À vista de conceitos e categorias dos compêndios de filosofia, Estevam Mosca faz moderadas críticas à condução dos negócios públicos denunciando desvios dos ideais republicanos e difundindo idéias de regeneração social. Recorre-se, outra vez, ao pensamento de Stirner, em longos artigos de recuperação do elogio filosófico do individualismo. Defende ele que *o homem tudo pode, é o grande criador e é a cada momento sua própria criação*¹⁵⁵.

Em *Relatividade dos Valores*, discute os temas da riqueza material e do dinheiro, buscando apoio em distintas matrizes filosóficas. Com grandes saltos no tempo, volta à Renascença e, em Nicolau de Cusa,¹⁵⁶ busca compreender a relatividade dos valores em face do contingente e, com Spinoza, abor-

¹⁵³ Revista Phenix. Ano I, No. 2, Março de 1912. p. 3

¹⁵⁴ Max Stirner (1806-1856) é autor da obra *O único e sua propriedade*. Embora autor de uma única obra, adquire larga notoriedade, pelo conteúdo polêmico em relação à idéia de que o homem é o único e não redutível à dimensão coletiva; o eu é erigido em valor supremo. Dele é a crítica em relação ao humanismo de Feuerbach. É de realce a polêmica com Marx e Engels que, em a *Ideologia alemã*, formulam crítica substantiva no capítulo São Max. Em fins do século XIX é apropriado pelo poeta anarquista Jhon Henry Mackay na linha do anarquismo individualista, em oposição ao anarquismo comunista.

¹⁵⁵ Revista No. XXXVII ano 4 - Nov. 1915 p.12

¹⁵⁶ Nicolau de Cusa. Autor de *Da Doutra Ignorância*, (1440), visão teológica que combina a especulação dialética à concepção mística.

da a questão da verdade como bem inatingível e distingue o terreno da fé (teologia) do terreno da razão (filosofia)¹⁵⁷.

Estevam Mosca fundamenta alguns de seus artigos no ceticismo e dúvida, herança do século do progresso e do ufanismo positivista sobre a marcha das civilizações. Sua saudação ao ano de 1916 é carregada de indagações acerca do espírito da época e dos fins da evolução científica face às *misérias de uma guerra monstruosa e fratricida que mancha a face da terra naquela parte do mundo que ostentava a árvore mater da civilização*.

Em reflexão antimilitarista, busca ainda uma vez a justificativa filosófica, por inspiração de Nietzsche de que *a loucura é rara nos indivíduos isolados, porém nos partidos, nos povos e nas épocas é regra*¹⁵⁸.

Também, de Estevam Mosca é este longo artigo, transcrito para que se veja sua percepção crítica dos antagonismos da vida burguesa e a *classe dos descontentes*, da busca de igualdade de quem apenas lhe resta apanhar as migalhas caídas da orgulhosa complacência da burguesia. O articulista da Revista Phenix é de opinião que o embate entre capital e trabalho, cuja antevisão é a *catástrofe da revolução*, não soa bem aos espíritos moderados e pacíficos e defesa da liberdade é postulada por prisma essencialmente espiritual.

(...)

Aos otimistas, aos felizes burgueses que foram feitos para a vida e se amoldam a ela como a ostra á sua concha, aos que pouco importa que o rico pavonei vaidosa opulência ante seus olhares bestiais, porque tem pão para satisfazer a fome e fêmeas para satisfazer a volúpia, assoma aos lábios um riso de contentamento que se repercute nas faces prazenteiras e rubicundas: para eles a justiça infalível lavou com o sangue hediondos crimes de sangue, e sentem-se fortes na força do direito, nas garantias da lei.

Aos que sofrem, porém, a enorme classe dos descontentes, aos que põem todas as esperanças numa mudança radical de coisas e aplaudem e praticam a revolta sob todas as formas, aos que vão conseguindo definir a vida para seguir uma norma religiosa de conduta, indignados de, no banquete universal, apanhar as migalhas que os grandes deixam avaramente cair com orgulhosa complacência, bradam com líricos ímpetos, anciosos e coléricos: igualdade! Igualdade!

(...)

Mas, para nós homens moderados e pacíficos a quem esta perspectiva amedronta, a liberdade existe e a sabemos gozar nas horas de repouso, nos momentos vagos da nossa vida laborista e em qualquer

¹⁵⁷ Revista Phenix No.25 - Ano III, junho 1914, pag. 1

¹⁵⁸ Revista Phenix No. XXXIX - XL - Ano V, Jan. Fev. 1916 - Pag. 13

parte, na nossa pequena casa ou a beira-mar, onde o horizonte é mais amplo e as ondas espraiando-se com ritmado murmúrio, parecem trazer o éco dos sorrisos de outros povos que também gozam a liberdade a nosso modo. Não que façamos parte da primeira classe de homens a que nos referimos, mas porque, a nossa liberdade é essencialmente espiritual, é porque temos a força de destruir todos os desejos cuja satisfação possa prejudicar outrem e não nos deixamos dominar pelos sentidos: se desejamos ser ricos, demonstramos a nós mesmo a nulidade da riqueza, e demonstramos que somos ricos, mas de uma riqueza que vale mais do que o ouro. E a nossa liberdade não pede pois sacrifícios espetaculosos: a luta passa-se dentro de nós, no silêncio do nosso quarto, e ali sucubem todas as paixões vis, todos desejos impuros, e a pureza dos nossos sentimentos humanitários, de que egoísmos que não ofende, triunfa sem que ninguém conheça a nossa abnegação¹⁵⁹.

Ainda na linha ensaístico, com as limitações de espaço, ou mesmo, de cultura geral, vamos encontrar os artigos de Cruz Filho que, a exemplo de Estevam Mosca, aborda o tema da grande guerra e da conjuntura europeia, buscando, em linhas gerais, reflexão de caráter filosófico *a vitória definitiva da concepção materialista do mundo sobre a irremediável invalidez da dogmática cristã*. Para ele, a Alemanha, protagonista e responsável pela deflagração do conflito bélico, é explicada pelo fato de que *as doutrinas de violência e de egoísmo de Stirner, Nietzsche, são as flores malignas da espessa selva da intelectualidade alemã*. Tem-se aqui apropriação de dois pensadores, de maneira diferenciada, entre Estevam Mosca e Cruz Filho de quem as leituras de Tolstói conformam artigos de fundo.

A Revista Phenix busca, de fato, se inscrever no modelo mais geral das publicações, no período, pela variedade temática, com destaque para alguma reflexão filosófica e doutrinal. Ora, os jovens caixeiros e alunos da Escola de Comércio se aproximam desse modelo de publicações dadas à luz pelos estudantes da Faculdade de Direito, é o caso das revistas A Fortaleza e Terra da Luz. Oscilando entre um material diverso e sem uma clara identidade como periódico do trabalho, literário ou filosófico tópico seguinte recolhe e analisa um conjunto de matérias aqui largamente agrupadas por sua característica de intervenção social.

¹⁵⁹ Revista Phenix. Anoll, No.XVI, setembro 1913. p. 2 e 4.

3.4– Na vertente literária o discurso da reivindicação da crítica social

Em meio a farto material literário, pedagógico, de conteúdo próximo da filosofia, de breve noticiário, de notas sociais, de variedades e até de necrológio, a Revista dedica razoável espaço aos temas de conjuntura local, das dificuldades e vitórias dos caixeiros e passa a destacar as secas, à aproximação do ano de 1915. Nesse campo, sob etiqueta de material de cunho social, faz-se alguma crítica às elites políticas e econômicas. É quando a Revista diagnostica a educação pública e privada em Fortaleza, tecendo críticas à administração pela prática clientelista de nomeação das professoras, quase todas *afilhadas venturosas*, pondo em causa a honestidade do poder público face ao crescimento de colégios particulares e ao quadro desalentador da escola pública.

Em face das reivindicações dos caixeiros, a Revista se aproxima dos textos publicados na imprensa da categoria e alude, mais diretamente, à luta de décadas pelo fechamento de portas, descanso dominical e uso do “tempo livre” para cultivo dos bens do espírito. Segue artigo sobre as vitórias da categoria 1º. de março primeiro aniversário da lei municipal de fechamento das portas e natalício do festejado diretor da sociedade Phenix Caixeral, Joaquim Magalhães:

“Aludimos as vitórias do dia 1º de Março que encheram a alma dos fenixtas de alegrias arrebatadoras, dificilmente traduzíveis em linguagem humana.

E que nesse dia glorioso comemorou-se o primeiro aniversario do encerramento das cassas comerciais desta praça. Às seis horas da tarde, o que constitue uma brilhante conquista da mocidade caixeiral, que, pela primeira voz insinuante dos seus maiores intérpretes, obteve tão elevado desiderato, que era também um dos mais palpitantes anelos da “Phenix Caixeiral”; e a passagem do aniversario natalício do maior dos fenixtas vivos e propugnador máximo dos interesses de todos nós.

Neste dia feliz deu-se a converjencia de dois fatos intimamente ligados pela coesão dos princípios nobilitantes por se prenderem diretamente à personalidade do nosso Presidente talvez o maior advogado das nossas aspirações.

Assim, pela síntese gloriosa dessas conquistas, alcançamos um direito que centros caixeiraes adiantados têm procurado inutilmente”¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Revista Phenix. Ano I, No. 2, Março de 1912, p. 3

3.4– Na vertente literária o discurso da reivindicação da crítica social

Em meio a farto material literário, pedagógico, de conteúdo próximo da filosofia, de breve noticiário, de notas sociais, de variedades e até de necrológico, a Revista dedica razoável espaço aos temas de conjuntura local, das dificuldades e vitórias dos caixeiros e passa a destacar as secas, à aproximação do ano de 1915. Nesse campo, sob etiqueta de material de cunho social, faz-se alguma crítica às elites políticas e econômicas. É quando a Revista diagnostica a educação pública e privada em Fortaleza, tecendo críticas à administração pela prática clientelista de nomeação das professoras, quase todas *afilhadas venturosas*, pondo em causa a honestidade do poder público face ao crescimento de colégios particulares e ao quadro desalentador da escola pública.

Em face das reivindicações dos caixeiros, a Revista se aproxima dos textos publicados na imprensa da categoria e alude, mais diretamente, à luta de décadas pelo fechamento de portas, descanso dominical e uso do “tempo livre” para cultivo dos bens do espírito. Segue artigo sobre as vitórias da categoria 1º. de março primeiro aniversário da lei municipal de fechamento das portas e natalício do festejado diretor da sociedade Phenix Caixerai, Joaquim Magalhães:

“Aludimos as vitórias do dia 1º de Março que encheram a alma dos fenixtas de alegrias arrebatadoras, dificilmente traduzíveis em linguagem humana.

E que nesse dia glorioso comemorou-se o primeiro aniversario do encerramento das cassas comerciais desta praça. Às seis horas da tarde, o que constitue uma brilhante conquista da mocidade caixeiral, que, pela primeira voz insinuante dos seus maiores intérpretes, obteve tão elevado desiderato, que era também um dos mais palpitantes anelos da “Phenix Caixeiral”; e a passagem do aniversario natalício do maior dos fenixtas vivos e propugnador máximo dos interesses de todos nós.

Neste dia feliz deu-se a converjencia de dois fatos intimamente ligados pela coesão dos princípios nobilitantes por se prenderem diretamente à personalidade do nosso Presidente talvez o maior advogado das nossas aspirações.

Assim, pela síntese gloriosa dessas conquistas, alcançamos um direito que centros caixeirae adiantados têm procurado inutilmente”¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Revista Phenix. Ano I, No. 2, Março de 1912, p. 3

Diante de problemas e antagonismos na relação Capital Trabalho, a tônica é a moderação e o comedimento. As alusões aos temas da pobreza, da miséria, da mendicância, dos andrajosos da seca, são feitas ao abrigo de versos, de inúmeros sonetos. Aqui e ali, o articulista pontua determinadas questões relativas à usurpação de direitos sociais, à ganância dos patrões, ou mesmo, à fúria arrecadadora da máquina do Estado. No capítulo dos direitos do trabalho, a greve aparece em artigo de fundo qualificando o direito à greve como método coativo, defendendo seu conteúdo pacífico, com argumentação respaldada em Ihering, para o articulista, *o imortal fundador do direito jurídico*. Os artigos de fundo recorrem, quase sempre, aos discursos legitimadores da ordem e harmonia social e à norma jurídica do direito positivo, da filosofia, mesmo da literatura social de além mar.

Com inspiração na literatura social, os artigos e poemas de Gustavo Frota são neste ponto, demonstrativo das preocupações com as dificuldades socioeconômicas do Ceará e sua gente, na grande seca. Para o literato, o Ceará é a encarnação viva da terra do sofrimento, com a natureza em vermelho e cinza com rios e fontes secos, flores murchas e animais submetidos à *dupla tortura da sede e da fome*. Ao homem, parte do quadro de fatalidade, resta-lhe o recurso secular do *tristíssimo êxodo em busca de outras paragens*.

Sob o sugestivo título de *Até Quando ...*, Gustavo Frota desfere crítica o Poder e invoca os direitos constitucionais usurpados. A crítica severa chama a atenção ao costume de se pensar o Brasil como vastidão e celeiro de riquezas, cujo amanhã não chega e responsabilizar a insensibilidade dos governos pela fome e calamidade.

(...)

Ah! A mão tremula e fria que bate á porta dos hotéis e se estende á generosidade do estrangeiro, é a tua mão, Ceará infeliz, que se humilha pedindo esmola por que o Governo, a Nação, o Brasil, o Congresso, os Ministros – negam-te os auxílios legitimamente outorgados na Constituição, e contudo, continuam a cobrar de ti, do teu commercio, da tua industria, da tua lavoira agonizante, os impostos da lei...

Socorros? E então, não se apresentou o Governo em ordenar o transporte gratuito para outros Estados?

Ah! São as fezes do teu cálice de fel, ó velho Ceará, porque bem compreendes que isso equivale perfeitamente ao teu prolongado aniquilamento pelas eras do futuro...

Os cofres do Tesouro estão vazios, vazios... e entretanto, dizemos todos, do ancião ao rapazito das escolas, que o Brasil é o país mais rico do mundo, de riquezas fenomenais, incontáveis; em suas terras desliza o rei dos rios, o rio mar, o Amazonas; no seio de suas florestas nascem e crescem as madeiras mais preciosas; sua fauna é colossal, sua flora exuberante, prodigiosa; seu clima, variadíssimo, propício a todas as culturas, a todos os povos; nas entranhas da terra dormem socegradamente, á espera do primeiro esforço, da primeira iniciativa, quase á flor do solo, o ouro, a platina, a prata, o diamante, o ferro e todos os metais; temos a borracha o «black gold», o café, o mate, o açúcar, o algodão, o cacau... temos tudo, enfim! Amanhã seremos o rei do mundo, dominaremos o universo pelas nossas riquezas naturais, pelo nosso ouro!

E esse «amanhã» é a miragem fatal fugindo sempre á gerações brasileiras, cada qual confiada em que os vidoiros realizem essas quimeras de domínio, de riquezas, de conquistas!

Aniquilado país o que foge ao cumprimento de deveres impostos pela constituição, (máxime no caso atual) seja por má fé, seja por falta de meios, mas, os recursos do país aí estão, o Governo é que se não move, não age, não toma resolução tendente a minorar os efeitos da imensa e pavorosa calamidade, e portanto, tendo deveres sagrados, intransgressíveis a cumprir e não os cumprindo, é porque naturalmente espera que dos céos inclementes e abrasadores caiam ainda, num milagre festivo, os dilúvios bíblicos de saboroso maná para salvação dos abandonados famintos do Nordeste brasileiro.

Vários artigos refletem os efeitos da conjuntura da seca (1915), como tema de literatura. Exemplo disso é a publicação, em duas páginas, com largo destaque, do longo poema de Gustavo Frota, *Agonia do Laranjal ou paisagem da seca*, com digressões sobre o caráter da raça cearense, sobre o cearense e a natureza. A seca é tempo do sofrimento, de penúria, de emigração, do morrer de fome, do desespero, do desejo de morte, das procissões de farrapos de trouxas à cabeça e crianças às costas, fugindo da morte para a Capital do Estado, resultado da natureza inclemente e da ação deletéria dos Governos.

AGONIA DO LARANJAL

(PAISAGEM DA SECA)

(...)

No alto fulgura o sol, impiedoso, crestando

O mundo vegetal e as terras escaldando!

Não há flor nos verjeis nem frutos no pomar

O ribeiro estancou... e deixou de rolar...

Nos galhos verticais, ninhos não há, nem folha
 Onde uma abelha pouse e um pássaro se acolha...
 Passa o vento a açoitar os galhos ressequidos,
 Extramirrados, nus, anêmicos, despídos...
 O extermínio é geral. Queima a terra, vede,
 Na agonia brutal e estúpida da sede!
 Há incêndios de febre em cada laranjeira,
 Há fogo em cada tronco e brasas de fogueira
 Em cada cerne rijo, em luta aberta e franca
 Com a natureza hostil que as fontes de água estanca!

A raiz cava o solo em busca de alimento,
 E a terra estéril, má, nega-lhe todo o alento...
 Vai se extinguir de fome e sede o laranjal!
 Noivas, não mais tereis na alcova nupcial,
 Da laranjeira a flor, feita de castidade...
 Quem diria no céu, haver tanta maldade?
 E não chove, não chove e o laranjal crestado,
 Depois da luta extrema e heróica, extenuado,
 Estiola-se, a tremer... Há convulsões febris
 Nos rotos galhos nus. Os troncos senhoris
 Curvam-se humildemente. Agoniza afinal
 O opulento, o fecundo, o nobre laranjal!
 E era tanto o calor, e a agonia era tanta,
 Era tamanha a sede e a febre - que uma planta
 - A laranjeira mãe - ardeu por si, queimou-se...
 O incêncio audaz cresceu, subiu e propagou-se
 Ao laranjal, desfeito em cinza e em frio pó!

O' laranjal, de ti, - resta a saudade só!¹⁶¹

¹⁶¹ Revista Phenix. Ano IV, No. XXXIII, julho de 1915. p. 4 e 5.

O flagelo da natureza, com larga repercussão social, é visto sob linguagem literária em forma de poesia mocidade caixeiral. Com criatividade a mocidade da Escola e casas de comércio instala Comitê Pró-Famintos, realizando promoções no salão nobre da Sociedade, para arrecadação de fundos. A inauguração do comitê se dá com a conferência do *notável orador sacro* padre Guilherme Vaessen. Com ingressos vendidos a 2\$000, a mocidade caixeiral acredita concretizar *idéia caritativa e atender aos fins humanitários*.

Com efeito, as conseqüências sociais da seca de 1915 chegam à Revista Phenix mudando o conteúdo dos versos, com aproximação da visão literária da crítica social. É Jayme Washington que retrata as cenas da seca em Maracanaú. Andrajosos e famintos, irmandade da fome, são transmutados em *caravana da fome* de passo vagaroso e destino (in)certo: a migração e o nunca mais voltar.

EM MARACANAHÚ

CENAS DA SECA

Morta de fome, exausta de cansaço,
Passa a triste e faminta caravana
Em procura do pão tornado escasso...
- Nítido quadro da miséria humana.

Queima-os do sol as ardentías de aço...
E além da fome a sede mais insana
Torna-lhes tardo e vagaroso o passo,
Aos tristes seres que a desgraça irmana.
Como dilacerante e doloroso
Ver-se o andrajoso e miserável bando
Novo abrigo tão longe a procurar!

E a buscar esse abrigo duvidoso,
Ah! Parece que já os vai matando

A certeza de nunca mais voltar!...¹⁶²

A Revista busca maior intervenção social no problema da seca e divulga longo documento-programa da recém fundada **Sociedade Renascença do Ceará** cujo caráter, organização e finalidade se articulam, centralmente, na busca de soluções para tantos problemas. “Com delegações em todos os Estados da federação e nos territórios acreanos, procurará, já por seus próprios recursos, já com os auxílios que obtenha do governo da União, do Estado do Ceará e de seus municípios, *ininterruptamente*, e sobrepondo a todas as demais questões o problema das secas, atacá-lo por todos os modos que a experiência e as necessidades do Estado indiquem. ”O documento compreende propostas e dá soluções variadas: construção de reservatórios d’água; promoção da indústria da pesca, fomento à cultura do coco com distribuição gratuita de plantas em larga escala, construção definitiva do porto de Fortaleza, promoção de cursos práticos de agricultura e técnicas de irrigação, fomento à cultura de plantas resistentes ao sol, (carnaúba, cactos, juazeiros) ; fundação de núcleos agrícolas em terrenos adquiridos pelo poder público, abertura e melhoria de estradas, assistência técnica às comissões de obras públicas, desenvolvimento das indústrias têxtil e mineradora.¹⁶³ O programa largo e ambicioso, como tantos outros, porém, de efeito inócuo. Ainda assim, registra-se variada temática da Revista Phenix e como alguns assuntos da conjuntura são levados à publicação, em detrimento da vertente literária.

3.5– A Permanência da Revista no Tempo: os mecanismos de sustentação da revista

Este artigo, publicado no último ano de circulação da Revista, é transcrito sem recortes por lançar luzes em seu tempo todo de vida e dizer muito sobre os mecanismos e estratégia de sustentação. Primeiramente, revela certo distanciamento dos fenixtas em geral - alunos e caixeiros – da revista. Assim, por que continuar com subtítulo Órgão dos Alunos da Escola de Comércio Phenix Caixeiral? Tudo indica que é o caminho mais fácil obtenção da subven-

¹⁶² Revista Phenix. Ano IV, No.XXXIV, agosto de 1915. p. 5.

¹⁶³ Revista Phenix. Ano IV, No. XXXV, setembro de 1915, p. 13 e 14.

ção oficial. Alvo de críticas é o fato de se estar sempre propenso aos gastos com o supérfluo e a vaidade do que com o espírito. Isso é reveladora das dificuldades dessa ordem, levando a supor que o grupo de sustentação são mais reduzidos do que o dos colaboradores. Outro elemento diz respeito às dissensões internas do grupo editor, em alguns casos, originadas na composição de chapas eleitorais da Sociedade Phenix e nas divergências na linha editorial, o que se resolvia, por vezes, com a saída de um ou outro para grêmios literários com publicações de curta duração.

A semente estava lançada em fertilíssima terra e pouco depois a Phenix surgia a cumprir a missão para a qual fora criada.

Porém, não era tudo. Uma enorme dificuldade financeira ameaçava-a no albor da sua vida porque a maioria dos nossos colegas, quer da escola de comércio, quer dos phenixtas em geral, não correspondeu ao apelo que lhe fora dirigido e septica e desconfiada recusava-lhe a assinatura, chegando mesmo alguns, cujos nomes esquecemos porque só reservamos na nossa memória lugar para o bem que nos fazem, a alegar que o trabalho material da revista, não valia o preço da assinatura.

Não sabemos porque, ainda não nos propomos achar a solução deste problema psicológico, mas no nosso meio, são freqüentes certas anomalias, gasta-se prodigamente com tudo o que possa satisfazer a vaidade, e muitas vezes nega-se o apoio a obras que têm um fim elevado e nobre.

Este fato, levou então, o nosso diretor J. Araripe, a apresentar um memorial á diretoria da sociedade de que a revista traz orgulhosamente o nome, para que essa benemérita instituição se dignasse a acolher, sob o seu manto protetor, a publicação que era obra de um grupo de seus mais entusiastas associados.

Obtida uma subvenção, pareceu solidamente, assegurada a vida da Phenix. Entretanto, assim não foi. Novas e laboriosas contingências, que seria mesquinho relatar, vieram atrapalhar, a boa marcha da periodicidade das publicações e a divergência surta entre nós colaboradores, que não chegou a oferecer minimamente a amizade que nos unia, dividiu os interessados pela revista em dois campos, e quase que os nossos leitores assistiam ao fenômeno asaz comum entre assembléias estaduais, de ver duas "Phenix" disputarem-se o cunho da legalidade. Mas, a reta razão e a prudência do nosso diretor evitou a sessão ainda que alguns companheiros, por um sentimento que não sabemos classificar, nos privassem do seu valioso concurso intelectual.

Foi a mais seria e também a ultima crise por que a "Phenix" passou. E quando a alma boa e culta de J. Araripe voou para as etereas regiões do desconhecido por um delicadíssimo sentimento de consideração recíproca, entre seus redatores, ninguém quis ocupar a vaga que aquele ilustre finado deixou, ainda que todos apontassem o nome festejado de G. Frota, razão porque se organizou uma permanente comissão diretora.

Mas desta quadrupla diretoria é justamente G. Frota quem se saliente, pela sua atividade e amor á "Phenix". Ele é tesoureiro, revisor, tudo enfim, e "cava" assinaturas, anúncios e subvenções com uma facilidade que lhe é própria e característica. Nós o secundamos sempre e aprovamos-lhe todos os atos, porque todos os seus atos tem por fim o melhoramento material e moral desta revista¹⁶⁴.

A sustentação da Revista, pelo visto, depende do apoio material da Diretoria da Sociedade Phenix Caixeiral e sua Escola. Em várias edições, escrevem-se artigos elogiosos aos dirigentes, com retratos e também com palavras de gratidão pelo apoio material à Revista. Este faz elogio a Joaquim Jorge Vieira, não por acaso, tesoureiro da Phenix Caixeiral por vários anos:

Este cidadão prestimoso que durante tantos anos proveitosamente caiu entre nós, tomou o vapor de desde junho com destino a Manaus, ele se acha exercendo a sua atividade máscula na gerencia de uma das mais importantes casas do comercio daquela praça. Joaquim age, soube, neste meio em que viveu e estudou, ser sempre um dedicado e forte propugnador das idéias finas, das causas justas, que cultuaram o bem estar social, no (...) de trabalhar pelo engrandecimento da terra de seu berço que (...) estremece. Como comerciante foi um homem lutador, deixando nome limpo (...) de muita consideração e estivera, entre nós. Phenixta, (...). dedicou o melhor dos nosso esforços, do seu cuidados no proveito da Sociedade Phenix Caixeiral, que em companhia de Joaquim Magalhães e de outros ilustres consócios chegaram a eleva-la á altura em que se acha essa instituição que honra o nome do país. Como tesoureiro da benemérita sociedade e membro da Comissão Construtora do novo palacete onde tem sua sede. Vieira prestou tão valiosos serviços que se tornou necessária, imprescindível a sua ação imediata em todo mecanismo administrativo. Estimadíssimo no seio da poderosa associação por isto que deixou claro impreenchível. Nós, os da revista Phenix que viemos de trilhar cheia de dificuldades quase insuperáveis, muitas vezes tivemos de procura-lo e pedimos o seu valioso concurso. Esta revista, portanto muita lhe deve, e estampando o seu retrato não é mais que uma modesta, porem sincera demonstração de muita estima e gratidão¹⁶⁵.

Ao tempo desta pesquisa, não há qualquer evidência de ação de recolhimento de fundos para manutenção do periódico, bem como tentativa de busca de adesão do público leitor, mais especificamente, de estudantes e caixeiros, para continuação do trabalho da Revista. O caminho é ampliar o número de assinantes que começa a minguar a partir do ano IV da publicação, pelo

¹⁶⁴ Revista Phenix. Ano V, No. XXXIX e XL, janeiro e fevereiro 1916, p 1 a 3

¹⁶⁵ Revista Phenix. Ano No.

surgimento de outros órgãos literários. Acrescente-se que nessas iniciativas participam nomes do expediente da Revista Phenix, com enfraquecimento da coesão inicial em torno do projeto fenixta.

No ano de 1915, as dificuldades materiais da Revista são evidentes, com atraso da publicação condensando dois números em única edição, até mesmo com interrupção. Em conjuntura economicamente adversa, é de se supor a diminuição do aporte de recursos da Escola ao empreendimento editorial; as dificuldades do momento são expressas em expediente da revista com pedidos de pagamento aos assinantes da capital e do interior para quitação das dívidas, *para boa ordem dos negócios da revista e ainda mais sendo importância tão insignificante*. São veiculados anúncios de solicitação de agentes para o interior do Estado, na tentativa de angariar assinaturas. Diante das dificuldades, a Revista reproduz as seguintes medidas:

“Atendendo às grandes despesas que fazemos, para a manutenção da Revista, e muito especialmente em vista dos elevados preços porque estão sendo atualmente adquiridos, os materiais, necessários, somos forçados a suspender a remessa das assinaturas, gratuitas, sem nenhuma exceção.

As pessoas que gozavam desse favor e que nos queriam prestar seu auxílio, podem desde já tomar novas assinaturas (5\$000 por ano) diretamente na Redação ou na Livraria Ribeiro.

A nossa tiragem atual, apesar de avultada, está calculada justamente para satisfazer às assinaturas, permutas, bibliotecas”¹⁶⁶.

No quarto ano de publicação, parece haverem exaurido os meios de sustentação e apela-se para a forma convencional de recolhimento de fundos, ou seja, assinaturas. Com adoção de forma pouco sutil de cobrança: em agradecimento, registram-se *os nomes dos bons assinantes em dia com os seus pagamentos que buscam apoiadores em campanhas de assinaturas isto é quem conseguir cinco assinaturas receberá uma gratuita*.

Outro mecanismo de sustentação, ampliação e difusão da revista é o deste anúncio:

“A apreciada Revista Literária precisa de Agentes residentes no interior do Estado, afim de angariarem assinaturas. Comissões vantajosas.

¹⁶⁶ Revista Phenix. Ano IV. No. XXIX e XXX, março / abril 1915. p. 19

Peça hoje mesmo a agência exclusiva para a sua localidade. Cartas a Redação da Phenix, Caixa Postal 21 – Fortaleza.

Nesta capital tomam-se assinaturas na Livraria Ribeiro. Um número specimen, grátis, é remetido franco a quem requisitar. Contratam-se anúncios para a Revista, na Typ. Moderna, á Rua Barão do Rio Branco n° 89.

Os assinantes das localidades onde não tenha Agente poderão remeter a importância das assinaturas em selos do correio de 100 reis. Todo Jornal ou Revista que reproduz este anúncio, ao menos duas vezes por mês, receberá grátis e franco a nossa Revista, tendo direito ao mesmo espaço para um anuncio nas paginas da PHENIX¹⁶⁷.

Quais as razões por que não se realizam com alguma freqüência, festivais de apoio ou outros eventos para aportes a empreendimento editorial? É acertado perguntar-se, visto que, na imprensa do período e décadas seguintes, é vasto o noticiário da utilização do *majestoso salão de festa do Palacete da Phenix*, em eventos em Fortaleza. É de se supor que o grupo redatorial tinha adotado, por um lado, o caminho da representação da Escola de Comércio, recolhendo subvenção oficial, de outro lado, tido amparo no trabalho individual de diretores da Revista, como Gustavo Frota na incansável labuta de recolher assinaturas.

3.6– O Espaço dos Anúncios e Anunciantes da Revista

Nas edições do ano de 1914, os anúncios aparecem regularmente mediados por redatores, sugere dificuldades de auto-sustentação, até mesmo de diminuição do apoio da Sociedade Phênix Caixeiral.

Alguns anúncios tomam páginas inteiras, de tipo variado: fábrica de carimbos, representação comercial do Rio de Janeiro, *Sociedade Predial e de Pecúlios, A Fortaleza*, - sociedade de benefícios mútuos, *Sociedade de Auxílio Mútuo - Auxiliadora do Recife*, *A Norte Americana* - sociedade mútua por pecúlios, *A Indiana* – sociedade mutual de pecúlios, *A Amparadora* – sociedade mutual de Curitiba, *A Solidarística* – sociedade de pecúlios.

É hábito das publicações do período as farmácias e drogarias anunciarem o *Elixir de Nogueira* do farmacêutico e Químico João Silva Silveira, a *Pomada Sant-Placa*; Remédios de cura das sífilis, do reumatismo e *de ação tão eficaz que simula milagre*. Em 1915, a página traz anúncios ilustrados, em for-

ma de pequenas cartas do interior do estado, apregoando o poder de cura dos *magníficos preparados e milagrosos unguentos*.

O sabão líquido *Thymolino* é anunciado como verdadeira maravilha, com fins variados: dermatoses, queimaduras e brotoejas, não pode faltar no toucador das damas elegantes, limpa admiravelmente a cabeça e destrói a caspa, é o mais econômico e o mais higiênico para o barbear, não encontra outro similar para banhos gerais ou parciais das crianças e basta uma ou duas gotas para o melhor dentífricos. É assim anunciado o *Fervedor Relâmpago*: um litro e meio de água fervida, por um minuto, e duas colheres de álcool garantem economia de tempo e dinheiro.

Produtos alimentares em reclamos, por exemplo, o *Leite Condensado – marca Águia*, têm exaltadas as qualidades nutritivas, atestadas pela inspetoria de higiene do Estado. São muitos os espaços para anúncios de representação comercial e de pequenos negócios dos próprios articulistas da revista.

A Revista Phenix, ao longo de cinco anos, não faz campanha de auto-sustentação escapando, assim, a possibilidade de constituir meio de agregação da categoria. Também não há critério de definição do tipo de anúncio de produto ou serviço consoante as características do público alvo – a classe estudantil e caixeiros. Vê-se que os anúncios vão desde máquinas agrícolas (*Maniquinismos Búfalos para agricultura e indústria*), formicidas, medicamentos e fórmulas milagrosas, companhias de pecúlio até o, de página inteira, de *Talismãs* que garantem a saúde, a fortuna e a felicidade.

Observe-se desta leitura que, não obstante ausência de anúncios diretamente ligados à autodeclarada natureza da Revista – educacional, instrutiva e literária – isso é compensado com as tentativas de intercâmbio sugerindo ao leitor ampliação de horizontes da Revista assim como revelando bons índices de leitura.

3.7– O Intercâmbio e Circulação das Idéias

Na secção *Publicações*, o grupo redator da Revista divulga, entre os leitores, razoável correspondência com outros Estados, com dupla finalidade:

¹⁶⁷ Revista Phenix. Ano IV, No. XXIX e XXX março e abril 1915. p. 3.

demonstrar atualização no tratamento dos temas e sugerir sua inserção no periodismo de outras regiões do país.

Esse intercâmbio parece ter sido mais regular com a imprensa do Norte do país, em especial, com as cidades de Belém e Manaus. Isso é explicável presença de cearenses à frente de órgãos da imprensa diária nesses Estados, de onde se recebem e se transcrevem comentários em termos encomiásticos à *plêiade dos novos e esperançosos cultores da Musa na capital cearense*. Isso não sugere que o intercâmbio seja restrito a essa região, posto que o meio literário do Rio de Janeiro continua sendo modelo e inspiração maior do período, bem assim as influências do meio intelectual do Recife, para aonde estudantes se deslocam para complementação dos estudos. Fazem-na também para a Europa, posto idéias e livros não tenham fronteiras. De Portugal a literatura se difunde por professores de língua portuguesa, por exemplo, Francisco Gonçalves, Henrique Autran e tantos outros recomendando leituras de Eça, Garrett, Herculano, Camilo, Camões... No campo da doutrina e da filosofia esta pesquisa localizou em sebos de Fortaleza e em bibliotecas privadas, rico acervo remanescente (biblioteca da escola de Comércio da Phenix Caixeiral) de livros, brochuras e opúsculos, em língua francesa, do século XIX¹⁶⁸.

Além de periódicos e revistas, os Anuários e Almanques participam de intercâmbios culturais, de instrutivas leituras. É um material utilizado na composição de artigos de fundo.

Outra faceta do intercâmbio é extrapolar os periódicos para apoiar iniciativas em outras regiões do país, em agremiação literária ou com a fundação de outros grêmios para prestação de *"inestimáveis e colossais benefícios ao Ceará"*, como recém-fundada **Renascença do Ceará**¹⁶⁹ criada antes em Manaus (AM) no ano de 1915.

¹⁶⁸ Alguns livros da Biblioteca Phenix Caixeiral: DORIMON, Alfred. *Histoire de Douze Ans*. Paris: E. Dentu, Librairie- Editur, 1883; MACHADO, Júlio César. *Manhãs e noites*. Lisboa: Livraria moderna, 1873; LAVIGNE, Ch. Arzac. *La Philosophie Positive*. Rio de Janeiro: F. Béguéete, Cia, 1895; MAGALHÃES, Candido. *História dos Girondinos*. Rio de Janeiro: Empresa Literária, 1889; GIGUET, P. (org) *Ouvres Complete D'Homére*. Paris: Librairie de L. Hochette, 1866; OLLIVIER, Clément. *Histoire Physique et morale de la femme*. F.L, F. E, 1857. PEREIRA< Cezidio D'Albuquerque Martins. *Decretos e Leis do Estado do Ceará*. Fortaleza: Typ. D^o República, 1892.

¹⁶⁹ A Sociedade Renascença do Ceará tem sua diretoria assim composta: Monsenhor Antero José de Lima, Presidente – Desembargador Luiz Furtado de Oliveira Cabral – Dr. José Antonio de Figueiredo Rodrigues – Dr. Virgílio Barbosa Lima – Secretario, Virgílio Xavier de Sousa – Tesoureiro, Luiz Lima. O quadro de conselheiros é o seguinte: Isaac Amaral - -

Para inauguração dessa Sociedade, comparecem delegações do Acre¹⁷⁰, de outros Estados da Federação. Propõe-se a busca de recursos do governo da União, do Estado do Ceará e dos municípios com a finalidade de desenvolver programas de busca de soluções para as secas.

Destaque-se o esforço dos que fazem a Revista Phenix, no sentido de sua continuidade por largo período. Retificações de rumo editorial, valorização de intercâmbio, agregação de temas da conjuntura local e do cenário internacional (artigos sobre o conflito mundial na Europa) são evidências desse esforço individual e coletivo. Some-se a isso o recurso à memória, na dimensão circunscrita da Revista com o fim de atualizar leitores quanto ao programa original e dizer das exigências intelectuais de sua continuidade.

3.8- Aniversário da Revista: Conteúdos de autocelebração e de legitimação.

Os discursos de autocelebração, quase sempre, se fazem nos aniversários da Sociedade, dos fundadores e da própria Revista. Após um ano de circulação, em editorial, apresenta-se o balanço das atividades e de recuperação do seu sentido original.

Sob o sugestivo título **Primeiro Vôo**, alusão à sua alegoria da ave que simboliza a Phênix, os jovens estudantes/redatores da Revista concluem com o relativo sucesso do empreendimento e apresentam a contra-face do meio tosco, acanhado e refratário às investidas que supõem inovadoras:

“Já é muito uma revista viver um ano nesse meio, em que se tem ojeriza a tudo que ameaça se libertar do estreito recinto de enfezadas restrições, onde as energias gemem oprimidas sob o peso do indiferentismo e do descaso que se vota, já não menciono as letras, mas a tudo que represente um esforço, que parta de um principio altruístico e nobre”.

Cesar Silva – Angelino Bevilaqua – Henrique Taborda de Miranda – Francisco Solerno Moreira – Gastão de Castro – Antonio Bezerra – Luiz Ribeiro da Costa – Alfredo do Carmo Chaves. Revista Phenix Ano IV, No. 35, setembro de 1915. p. 13 e 14

¹⁷⁰ No interior do Amazonas foram delegados da *Renascença*: em Codajás o coronel Joaquim de Barros Alencar e o coronel Manoel Antonio Corrêa Lima; em Coari o coronel Lucas Pinheiro; e no território do Acre: em Xapuri, os drs. Bruno Barbosa e Paulo Soares de Moraes; em Senna Madureira os srs. Godofredo Maciel e Raul Uchoa; em Cruzeiro do Sul o dr. Bezerra Filho. Idem

O artigo comemorativo de um ano é documento de qualidade, posto que há esforço de atualização dos objetivos da Revista bem como definição clara do programa para o ano II. Tem tonalidade do discurso religioso e o sentido de sua missão: o evangelho da instrução e a causa santa de seu apostolado pela palavra.

“Há um ano dissemos isto; há um ano, robustecidos pela fé de nossos princípios e convicções, retemperados no fragor continuo das lutas que se nos apresentam em todas as manifestações múltiplas da vida, que anunciamos o aparecimento modesto desta Revista.

E não fora o seu intuito tão nobre, quão grandioso, não tivesse sido inspirada na fonte dos mais sublimes sentimentos – o do amor e o da dedicação – certo, no percurso de sua trajetória, a visão da luz se lhe havia de fugir da vista, e os horizontes, tão amplos, haviam de se estreitarem, esmagando a de encontro. Mas, o evangelho que ella pregava, a causa que defendia eram por demais santos, por demais nobres para serem, assim, arrebatados de chofre pelos ímpetos inconscientes do destino – era a causa do caixeiro – era o evangelho da instrução. Não foi de nós que nasceu essa empresa, surgiu essa força, rebentou esse entusiasmo. Tudo isso estava concentrado na natureza de sua própria missão. E, com mensageira tão audaz, com guerreira de tão poderosas armas, era infalível a Victoria, mesmo nos mais acidentados planos das conquistas...

No momento não podíamos oferecer mais do que fizemos em prol do ensino escolar, já nos batendo por este ou aquele sistema, já nos portando com mais zelo e interesse no decurso das aulas, distribuindo méritos a uns, despertando o interesse, ao aproveitamento em outros, trabalhando enfim, pelo interesse do caixeiro em comum, devido a nossa fase de iniciação.

Prendemos, agora, que vamos compreendendo e sentindo os motivos a que certas necessidades se prendem, darmos a essa revista uma feição mais pura, mais caracteristicamente escolar.

No entanto, julgamo-nos satisfeitos. É o consolo, a resignação que vêm da lide dos que trabalham, que nada colheram, mas que guardam o fruto, embora acre, dos úteis ensinamentos”¹⁷¹.

Ao fim do primeiro ano de atividades, os editores da Revista buscam recolher o elogio de conhecidas figuras publicas da cidade, como é o caso da escritora e professora Alba Valdez¹⁷², conhecida por sua participação nas

¹⁷¹ Revista Penix Ano I, No. 12 - fevereiro 1913. pag. 1

¹⁷² Alba Vadez é o pseudônimo usado por Maria Rodrigues (1874-1962), professora, escritora, contista e jornalista. Participou do Centro Literário, da Boemia Literária e da Iracema Literária. Sócia do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras e da Sociedade Cearense de Geografia e História. Notabilizou-se também pela participação nas diversas ligas e campanhas contra o analfabetismo.

Campanhas e Ligas contra o Analfabetismo. É estratégia de autocelebração e legitimação da Revista em seu meio

“Talentosos Confrades da Phenix

Não resisto ao desejo de apresentar-lhes meus distintos cumprimentos pelo aperfeiçoamento progressivo de sua revista, que incontestavelmente honra o meio literário cearense.

Isto aqui, todos nós o sabemos, não é a terra da Promissão dos que se devotam às causas do Espírito. E tendo uma publicação como a Phenix atinge um certo numero de edições, cisma a gente, mesmo sem o deter, na tempera de aço que distingue esse grupo de rapazes que, assim, fazem jus á nossa estima e admiração”¹⁷³.

Na comemoração do segundo ano de publicação, a Revista reforça sua diretriz original e saúda João Alencar Araripe, formulador do lema.

“Nada de partidarismo que subverte a razão, fomenta a parcialidade que desvirtua os princípios de sã moral, base do engrandecimento dos povos.”

Com discurso marcado de idéias nobres, educação pelo dever, moral alevantada, conclama os jovens do comércio ao apoio da Revista para elevação do nível intelectual. O discurso é também pontuado pela evocação mítica da *Terra da Luz*.

A Phenix na sua singeleza, sem pretensões que mereçam censura, vai preenchendo os fins para que foi criada. Tem posto as suas paginas a disposição da mocidade estudiosa da Phenix Caixeiral. Incita-a deste modo a prosseguir no cultivo das letras, exercitando-se no manejo da palavra escrita. Os moços precisam hoje, mais do que nunca, preparar-se em combates fortes e decididos, como os austeros cavalheiros da idade média, para pugnaem pelo soerguimento dos costumes e do nível intelectual deste berço de tantos heroes, outrora cognominado Terra da Luz”¹⁷⁴.

Pelo quarto ano de publicação, a Revista autoproclama despreziosa e portadora do *“melhor de um ideal que se eleva acima de todas as decepções; a perseverança de uma vontade tenaz. Firme e inquebrantável. Que sobrevive e vence todos os obstáculos que se lhe erguem na rota luminosa que o destino lhe traçou.”* Sua continuidade no tempo é mais pela capacidade de ter *“sabido resistir e impor-se num meio onde tudo é transitório e passageiro.”* Este artigo

¹⁷³ Revista Phenix. Ano I, No. 14, Agosto 1913, p. 7..

¹⁷⁴ Revista Phenixa, Ano II, No. 20-21 – Jan. Fev. 1914 –p. 23

apresenta breve história dos quatro anos da Revista, destacando vicissitudes notadamente, de ordem financeira e de organização. Chama atenção para dissensões que enfraqueceram o grupo editor. Assim, a sustentação do periódico se deve principalmente à subvenção oficial e ao apoio material da Escola e da Sociedade.

“Eis pois a breve história da “Phenix” que hoje, no dia do seu quarto aniversário, oferece, reverente, em troca dos favores recebidos, o penhor de sua alta e imorredora gratidão à “Phenix Caixeiral” na pessoa do seu ilustre e digníssimo presidente Coronel Joaquim Magalhães, aos seus conselheiros Municipais de Fortaleza e notadamente ao exmo. Sr. Coronel João Baptista Lopes, a todos os seus assinantes, e à imprensa, que alguma vez tem-se dignado conceder-lhe benevotos elogios¹⁷⁵.”

A estratégia de recuperar, a cada aniversário da Revista, agenda de fundação, é tentativa de operação de memória em dupla dimensão: evocação e celebração, com o fim de tecer o sentido de continuidade no tempo e de busca de legitimação da revista. No uso da memória, recorre-se a certas caracterizações míticas ou até a estereótipos, para perpetuar supostas características singularidades da uma identidade cearense e do pioneirismo em variados campos.

Justifica-se, pois a recorrência à formulação mítica da terra da luz, do passado glorioso, dos valores cearenses, no esforço de ressurreição e atualização do passado para as lutas presentes. Nessa linha, é exemplar a formulação de Gustavo Frota:

“Foram teus filhos os conquistadores audaciosos do Acre, desses cento e noventa e um mil kilometros quadrados de fertilíssimo território que alargaram as nossas fronteiras, e de onde o Tesouro Nacional tem haurido somas fabulosas, importantíssimas... Foram teus filhos os primeiros libertadores de escravos... são teus filhos Alberto Nepomuceno – o primeiro musicista, Clovis – o primeiro jurista, Farias Brito – o primeiro filosofo... nas letras tens uma legião sublimíssima de glórias: Alencar, o maior romancista da língua, Araripe, o mais judicioso dos críticos, Franklin Távora o mais regionalista dos escritores... foram teus filhos milhares de combatentes que andaram a verter o sangue preciosíssimo de suas veias e a imolar a valorosidade imensa de suas vidas nas conquistas da Pátria... filhos teus, são, hoje, descendentes desses heróis, nascidos debaixo do mesmo céu, esses bandos de maltrapilhos tristes e famintos, reduzidos á condi-

¹⁷⁵ Revista Phenix. Ano V, No. XXXIX – XL Jan. fev. 1916 p. 1 a 3

ção de parias, a esmolar de porta em porta a caridade, a côdea de pão para salvar os filhos que tiritam de frio e de fome, ao desabrigo, sem teto, sem leito, sem um farrapo de estopa para cobrirem carnes regeladas.”¹⁷⁶.

Se a autocelebração e a memória importam como recursos de legitimação, outro efeito simbólico de não menos significado é a tentativa de caracterização do contexto culturalmente propício à produção e difusão dos instrumentos que configuram o sentido de modernidade. Na unidade seguinte apresenta-se a articulação e existência da Revista com os Grêmios Literários que se formam em Fortaleza naquele período.

3.9- A Revista Phenix e os Grêmios Literários: “pelo alevantamento moral da mocidade”.

“Houve, entre nós, nestes últimos anos, um desusado movimento criador de associações de toda casta. Deu-se, por assim dizer, uma inovação nos costumes dos nossos conterrâneos, inovação que, é de bom grado o registramos – veio trazer-lhes um proveitoso contingente de forças para as lutas sociais.”

A criação da Revista Phenix não é fato isolado, tampouco deve ser restrita à representação e distinção social de uma categoria. Produto e visão de um tempo, os redatores tentam se inscrever neste panorama por eles qualificado como de efervescência literária e propício à expressão artística. Da citação acima, tenha-se a leitura particular de construção dos signos da modernidade, ao articularem a idéia de movimento associativo *de toda casta* à inovação nos costumes e modos de vida, para eles ainda as motivações sociais mais consistentes e aglutinação de forças e idéias, inclusive para as lutas sociais.

Este depoimento de Carlos Pinho, um dos redatores e principal orador da Sociedade Phenix Caixeiral, no conteúdo memorialístico é rico de impressões e juízos de valor acerca da função dos Grêmios Literários e dos Grêmios Artísticos como propulsores do exigido *engrandecimento intelectual do Ceará*. O entendimento de grêmio artístico é sensivelmente redutor da idéia de confraternização operária. Com isso não se infira desvalorização da idéia e pro-

¹⁷⁶ Revista Phenix. Ano No.

grama associativos, em formação, pelos artistas, operários, tipógrafos, trabalhadores da estrada de ferro de Baturité, entre outros. A análise redutora decorre de certo privilegiamento da instrução, educação e engrandecimento intelectual como as idéias-força desse movimento associativo. A seguir o entendimento é aqui claramente firmado em relação à dupla missão da Sociedade Phenix Caxeiral:

“Da atualidade de tais associações estava ai para lhes dar o testemunho mais frisante a Phenix Caxeiral, sociedade que, sobre ser um núcleo de defesa aos mais lúdicos interesses do caixeiro, fora e é ainda um grande e forte propulsor da instrução em nosso meio.”

Do ponto de vista da memória, Carlos Pinho remonta à criação da Padaria Espiritual como exemplo eficaz para as gerações seguintes. De sua memória, ressalta o papel significativo do *Grêmio Literário José de Alencar, a Arcádia dos Quinze e a Tertúlia Clovis Beviláqua*. Para ele, a efemeridade dessas agremiações literárias não desmerece sua significação, busca fazer aproximações no tempo:

“E são sempre assim, transitórias e instáveis, mal grado o talento comprovado dos seus fundadores, moços que, na sua totalidade, se mostram, em gestos e palavras, denodados e leais campões da cultura intelectual.

Restam, presentemente, com expressivo sinal desse movimento evolutivo, a Padaria Literária e o Grêmio Araripe Junior, duas sociedades instituídas por um punhado de jovens cheios de ardor e de muita vontade”¹⁷⁷.

Com a valorização das agremiações literárias, os redatores da Revista Phenix buscam exemplos nas associações congêneres de outros Estados, em particular, do Rio de Janeiro, tendo-as como *obra mais justa e oportuna* por que *tonificante pela literatura*. Na edição de julho de 1915, veicula notícia extraída do Jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, acerca da criação da Associação Literária *A Colméia*, à frente Alcindo Guanabara e Coelho Neto. Para eles a criação d’ *A Colméia* é motivo de júbilo pois *destinada a divulgar as lendas, usos, costumes e tipos nacionais, vulgarizando, ao mesmo tempo, entre a mocidade, as obras de nossos poetas, críticos e romancistas*. Para os redatores

¹⁷⁷ Revista Phenix. Ano III, No. 20-21, janeiro e fevereiro de 1914. p. 24

da Phenix, *A Colméia* merece alcançar os *mais brilhantes triunfos e existência muito fecunda em benefícios de grande utilidade para o Brasil*.¹⁷⁸

Para o ano de 1916, o discurso das agremiações literárias faz a breve memória do *Centro Calliope*¹⁷⁹, como sendo nos últimos tempos. “*a agremiação literária de mais vulto do Ceará*”, seguida da tentativa efêmera do *Inferno Literário*¹⁸⁰, com revista *A Fornalha*. No mesmo passo, é realçado o papel da *Cruzada dos Novos* pois:

“*Fundada principalmente pelos esforços e pela vigorosa iniciativa do adorável poeta do “Florões”, esse delicado artista que é Mario Linhares, em comunhão com os espíritos de Genuíno de Castro, Gustavo Frota e outros esperançosos intelectuais cearenses: tal associação era a Cruzada dos Novos que neste momento um grupo de beletistas patricios tenciona fazer voltar aos seus dias de gloriosa atividade.*”

O caráter efêmero dessas iniciativas, confere-o o deslocamento dos organizadores para outras regiões do país, quase sempre movidos pela necessidade de conclusão de estudos, ou mesmo, pela sedução da grande cidade como centro mais adiantado, também no campo das idéias, onde podem alçar vôo significativo nesta *República das Letras*. Tem-se no ano de 1916, a tentativa de reorganização da *Cruzada dos Novos*¹⁸¹, nomeação indicativa da permanência, no tempo, do espírito cruzadista em direção à *gloriosa atividade* para o engrandecimento das letras pátrias. Com programa difuso, a Cruzada é, como tantas outras, tentativa de afirmação no meio social. Vejam-se também as marcas do espírito beletista e de algum mimetismo de outras agremiações do gênero. No Passeio Público ou Parque da Liberdade, os *cruzados* difundem suas

¹⁷⁸ Revista Phenix. Ano IV, No. 33, julho de 1915. p. 6

¹⁷⁹ Segundo a Revista Phenix, pertenceram ao Centro Calliope Gustavo Barroso, o festejado João do Norte, da “Terra do Sol”, Mario Linhares, adorável poeta do “Florões”, Gustavo Frota e G. de Castro, atuarem diretores da Revista “Phenix”. Liberato Nogueira, poeta de merecimento que com muito brilho desempenhava o cargo de presidente do centro; Junqueira Guarany, bela organização de poeta, Moreira de Azevedo, que como Gustavo Frota então se estreou nas letras e muitíssimos outros. Revista Phenix. Ano V, No. XLI, março de 1916. p. 8

¹⁸⁰ Do Inferno Literário, e de sua A Fornalha, participam treze sócios e publicando uma revista de 13 páginas, pertenceram entre outros Estevam Mosca, Martins de Aguiar, Carvalho Junior, Gustavo Frota, Genuíno de Castro, entre outros. Idem

¹⁸¹ Em sua formação original, a primeira diretoria da Cruzada era composta por Mario Linhares, Genuíno de Castro, Gustavo Frota, Luiz Gondim, H. Araripe, e a Revista Phenix supõem também as participações de supomos também por Luis de Castro, o revoltado poeta do “Chaos” e Octavio Memória. Idem

criações para um público restrito, com a presença da imprensa. São divulgados sonetos e crônicas nas páginas dos periódicos, depois organizados em pequenos volumes de estréia literária: aspiração maior de quase todos.

“A Cruzada dos Novos”, que se trata de reorganizar atualmente, inicia-se sob os melhoramentos auspícios, e o seu futuro parece-nos dos mais promissores.

Quanto a programa, nada podemos adiantar, porém sabemos que realizará pelo menos uma sessão mensal, num dos nossos clubs, no nosso Teatro ou n’algum dos nossos logradouros, com preferência no Passeio ou no Parque da Liberdade; essas sessões terão apenas a assistência dos sócios e dos representantes da imprensa local, havendo sempre um copioso lunch ou um seven ó clock tea, fazendo-se, além disso, musica sempre que for possível.”

A importância das Agremiações Literárias é indiscutível para o grupo editor da Revista Phenix. Ainda que não seja matéria deste estudo é preciso que se faça observação a esse respeito para futuros estudos no campo dos *Episódios Literários e Educacionais*, no mundo do trabalho, a exemplo da valiosa pesquisa de Flávio Luizetto para a História do Anarquismo no Brasil. Chama-se atenção para os experimentos literários dos caixeiros, significativos de sua construção identitária e expressão como categoria social. Ou seja as pesquisas em História Social avançam neste, como em outros campos, ao ampliarem sua abordagem, sem separar os conteúdos da reivindicação e da luta social dos conteúdos de expressão marcadamente literária, instrutiva ou educacional. O que se quer sugerir é a possibilidade de articulação entre os dois campos como expressão multifacetada do *fazer-se da classe*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nicolau Sevcenko aborda com propriedade o valor da literatura no século XIX, até como herança do romantismo do século XIX. E, a via da literatura quase sinônimo de cultura no período, é buscada por “políticos, militares, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura podia lhes dar”¹⁸².

Tomando esse enunciado como entendimento da dimensão da propagada efervescência filosófico-cultural, no Ceará, dos fins do século XIX, Adelaide Gonçalves afirma que, “além dos políticos, bacharéis, professores e simples funcionários públicos, estiveram os caixeiros realizando seu pendor literário.” Estabeleça-se distinção entre seu propósito e o de outros aspirantes ao prestígio definitivo que só a literatura podia dar-lhes, nos caixeiros, não por acaso, a consigne Trabalho e Educação é expressão de valorização simultânea do dois campos, não apenas como possibilidade de mobilidade social do indivíduo, mas de distinção social do grupo em seu meio¹⁸³.

Esta dissertação põe em relevo estas afirmações e demarca outras significativas dimensões da categoria de trabalhadores no Ceará. A leitura da Revista Phenix com a dos periódicos caixeiros permitiram a incorporação aos estudos das dimensões da luta dos caixeiros em favor das reivindicações do descanso semanal, fechamento das portas e do tempo ‘livre’ ou tempo útil para freqüentar a Escola, mecanismo de combinação de Trabalho e Educação, eixo fundante da construção identitária e de distinção social no meio.

Este ensaio amplia o campo de estudos de experiências educacionais e literárias, no mundo do trabalho. Assim, acrescentamos elementos para pensar o ensino comercial no Brasil, na perspectiva de instrução e educação com fins práticos e utilitários, na formação de “homens úteis para o capital”. De igual modo perceber as dimensões como mimetismo ou re-criação dos “jovens mo-

¹⁸² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 226.

¹⁸³ GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará de 1862 aos anos de 1920*. Op. Cit. P. 354.

ços do comércio”, utilizando o campo simbólico das letras e da literatura como tentativa de participação nos grêmios literários e em busca da distinção social.

Entendemos que esse campo de pesquisa pode ser alargado substancialmente com a recuperação da memória por exemplo, dos caixeiros-viajantes, que adentram os sertões como representantes de casas comerciais de grande porte e com capilaridade no Nordeste do Brasil, como é o caso para outras décadas não abarcadas em nossa periodização, das Casas Pernambucanas. São possíveis outros estudos sobre a Escola de Comércio Phenix Caixeiral, por seu papel na cidade de Fortaleza, em várias décadas.

Outras pesquisas, acerca do mutualismo e beneficência no Ceará, podem ser realizadas. Na verdade, estudo cuidadoso da Revista Phenix é obrigatório, bem como da cidade de Fortaleza, nas primeiras décadas do século XIX, dos costumes, da arte de ler e outras práticas sociais peculiares da sociedade fortalezense.

Esperamos ter contribuído para o alargamento do campo da História Social no Ceará, trazendo à tona elementos da história e memória dos caixeiros, em particular, dos *jovens moços do comércio*, na tentativa de ‘*passar da métrica do balcão à métrica do verso*’, no dizer de Dolor Barreira.

BIBLIOGRAFIA

- ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. 2 ed. revista ampliada. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1993.
- ALENCAR, Carlos Alênio N. *Nódoas da Escravidão: senhores, escravos e libertandos em Fortaleza*. São Paulo: PUC-SP, Dissertação de mestrado, 2004.
- ALENCAR, Edigar. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: UFC/PMF, 1980.
- ALMEIDA, José Ricardo Pieris de. *Instrução pública do Brasil (1500-1889). História e legislação*. 2 ed. Trad. Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC, 2000.
- ALVES, Joaquim. *Autores cearenses*. 2 ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.
- _____. O Ensino primário na primeira metade do século XX. In *Revista do Instituto do Ceará*. LXVIII pp. 128-142. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1958.
- AMORA, Manuel Albano. *Crônicas da província do Ceará*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1990.
- ARARIPE, J. C. Alencar. *Quando ler jornais é mais que informação - exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais*. Curitiba: PET/Curso de Ciências Sociais/ UFPR, 1997.
- _____. *No País das utopias*. Fortaleza: Multigraf, 1993. p. 42.
- ARAÚJO, Ângela M. C. (org) *Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da história social*. São Paulo: Scritta, 1997.
- ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. Jornais operários - metodologia para análise histórica do discurso operário na Primeira República. In *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, 1983.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Fortaleza de ontem e de hoje*. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.
- _____. *Índice Analítico e Iconográfico da Cronologia Ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 2001.

- AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça. Reminiscência*. Col. José de Alencar. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Aspectos de literatura cearense*. Fortaleza: Ed. UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951. p. 209.
- BATALHA, Cláudio H. M. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos César de. (org) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- BATALHA, Cláudio H. M. A Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade. In *Revista Brasileira da História*. 23/24. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.
- BEZERRA, Paulo (org.). *Álbum de Fortaleza*. Fortaleza: Oficinas Gráficas Meton Gadelha, 1931.
- BLASS, Leila Maria da Silva. *Imprimindo a própria história: o movimento dos trabalhadores gráficos de São Paulo no final dos anos 20*. São Paulo: Loiola, 1986.
- BORGES, Vavy Pacheco. A Imprensa como fonte de pesquisa histórica: a experiência de uma década na PUC/SP. São Paulo: In *Cadernos Intercom*, v. 2, n° 6, p.42-47, out./1986.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. Em que pensam os Historiadores? In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. *Passados Recompostos – campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora URJ/FGV, 1998. p.
- BRANCO, Odorico Castello. *Instrução e educação*. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915
- BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da Província do Ceará*. Tomo II. Fortaleza: Typ. B. de Mattos, 1864.
- CAMARGO, Ana Maria Almeida. *A Imprensa periódica como objetivo e instrumento de trabalho* (tese de doutoramento). São Paulo: USP, 1975.
- CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*. Fortaleza: UFC, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História –*

- ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: 1997.
- CARVALHO, Marta M. C. de. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do ensino no Ceará*. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.
- CASTRO, Hebe. História Social. In. *Domínios da História. Ensaios da Teoria e Metodologia*. (org.) CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: 1997.
- CASTRO, José Liberal de. *Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Faculdade de Artes e Arquitetura/UFC, 1973.
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. v. 2. São Paulo: Ática, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano. Arte de Fazer*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1994.
- COLARES, Otacílio. O pitoresco da propaganda nas primeiras décadas do século XX. In *Revista de Comunicação Social*, v. 5, nº 1 e 2, pp. 23-28. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975.
- DAVIS, Natalie Zenon. *Culturas do Povo e Cultura no Início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 61.
- DUARTE, Paulo César Borges. A Fundação e os Objetivos dos Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul – 1879 a 1890. In *História em Revista* – v. 6. Pelotas: UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica, dez., 2000.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para pesquisa histórica. In *Cadernos de Estudos do PPJH/UFRGS*. nº 13. Porto Alegre: PPJH/UFRGS, 1995.
- _____. *Imprensa operária do Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIRMEZA, H. *Crônicas escolhidas*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1965.
- FUNES, Eurípedes e RIBARD, Franck. “Além da “Terra das Luzes”: trabalho livre e escravo no Ceará do final do século XIX”. Fortaleza: UFC, 2002, mimeo.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- GIRÃO, Raimundo & SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.
- GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 2 ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.
- GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza. Ed. Instituto do Ceará, 1947.
- _____. *Evolução histórica cearense*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985.
- _____. *Fortaleza e a Crônica Histórica*. Fortaleza: EdUFC, 2000. p. 27.
- _____. *Geografia estética de Fortaleza*. 2 ed. Fortaleza: BNB, 1979.
- GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. E. *A Imprensa Libertária no Ceará, 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GONÇALVES, Adelaide e FUNES, Eurípedes. No tempo em que Rodolpho Theophilo era caixeiro. In THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002, p. 27
- GONÇALVES, Adelaide. A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará – histórias e memórias. In. SOUSA, Simone (org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- GUABIRABA, Maria Célia de Araújo (coord.). *Ceará - A Crise permanente do modelo exportador*. Fortaleza: IMOPEC, 1989.
- HAHNER, June E. *Pobreza e política. Os pobres urbanos no Brasil - 1870 - 1920*. Trad. Cecy Ramires Maduro. Brasília: EdUNB, 1993. p. 30 e 31.
- HALL, Michael M. Corporativismo e Facismo. As origens das leis trabalhistas brasileiras. In. ARAÚJO, Ângela Maria. (org). *Do Corporativismo ao Neoliberalismo. Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 1996.
- HOBSBAWN, Eric. *Mundos do trabalho – novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org) *Leopoldo Von Ranque*. São Paulo: Ática.
- KILDER, Daniel. Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p.151 a 153
- LEITÃO, Cláudia. *Memória do Comércio Cearense*. Rio de Janeiro: SENAC, 2001.
- LEITE, Ana Cristina. *O Algodão no Ceará. Estrutura fundiária e capital comercial, 1850-1880*. Fortaleza: SECULT, 1994.

- LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As Razões de uma cidade: conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus, 1991.
- LIMA, Herman. *Poeira do tempo. Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- LOPES, José Sérgio Leite. (coord.). *Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: UFRJ-Museo Nacional/Marco Zero/PROED, 1987.
- _____. *Cultura e identidade Operária – aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- LOPES, José Sérgio Leite & outros. *Mudança social no Nordeste. A Reprodução da subordinação (estudos sobre todos trabalhos urbanos)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LORNER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas.1888-1937*. Porto Alegre: UFGS, tese de doutoramento em sociologia, 1999. p. 74-75
- LUCA, Tânia R. D. *O sonho do futuro assegurado (o mutualismo em São Paulo)*. Série Republicana. São Paulo: Contexto, SNPQ, 1990.
- MARÇAL, João Batista. *Comerciários fecham as portas para descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal*. Porto Alegre: Foletras LTDA, 1997.
- MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da Cidade Fortaleza*. , In *Revista do Instituto do Ceará*. v. 9. Fortaleza: EdUFC, 1992. p.147/250.
- MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edésio Editor, 1938.
- MOACYR, Primitivo. *A Instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil, 1834-1889*. v. 1. São Paulo: Cia. Editor Nacional, 1939.
- MONTEIRO, João Alfredo de S. *História das idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: Ed. UFC, 1977.
- NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. São Paulo: DIFEL, 1978.
- _____. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/MEC, 1976.
- NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História – saques e outras ações*

- de massa no Ceará*. São Paulo: Relume Dumara, 2000.
- NEVES, Guilhermina de Azambuja. *Entretenimentos os Deveres da Civilidade para Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Typ. 5 de março, 1875. p. 85-86. In. PECHMAN, op. cit, p. 89
- NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha*. Fortaleza: Ed. UFC/PMF, 1988.
- NOGUEIRA, João. *Detalhes do passado*. Rio de Janeiro: Dep. de Imprensa Nacional, 1949.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A Filosofia na Crise da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1989. p.16.
- PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In LOPES, José Sérgio Leite (org). *Cultura e identidade Operária – aspectos da cultura da classe trabalhadora*. São Paulo: Marco Zero, 1982.
- PECHMAN, Robert M. *Cidades Estreitamente Vigeadas – o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa de Palavra, 2002. p. 83 e 189.
- PEREIRA, Adelaide Gonçalves. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará de 1862 aos anos de 1920*. Florianópolis: UFSC, tese de doutorado, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: lugares no tempo, momento no espaço”. In *ArtCultura*. v. 4. nº. 4, Uberlândia: UFU, jun, 2000. p. 23-35. p. 29.
- PETERSEN, Silvia Regina F. *Que a União Operária Seja Nossa Pátria: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2001.
- PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do passado*. Rio de Janeiro: Dep. Imprensa Nacional, 1949. p. 60.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Urbanidade e cultura política. A cidade de Fortaleza e o liberalismo do século XIX*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998. p. 21.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 1993.
- PROJETO HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*. São Paulo: nº 16, fev. 1998.
- PROPONIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e Patuscos. Os caixeiros e o*

- movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado, 1998.
- ROLNIK, Raquel. São Paulo na Virada do Século – territórios e poder. In. *Cadernos de História do Museu Paulista*. Nº 2. São Paulo: USP, jan. e fev. 1993. p. 39.
- SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. São Paulo: HUCITEC, s/d. p. 13 e 14.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da Experiência. In. *Projeto História*. São Paulo: nº 16. fev/98, p. 306
- SERAINÉ, Florival. *Através da literatura cearense*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1996.
- SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 226
- SILVA Jr. Adhemar Lourenço. Etnia e classe no Mutualismo do Rio Grande do Sul (1854-1889). In. *Revista Estudos Ibero-Americanos* V. XXV, n. 2, Porto Alegre: PUC/RS, dez. 1999. p. 147-174.
- SMITH, Herbert H. Brazil. *The Amazons and the Coast*. New York: Charles Scribner's Sons, 1879. APUD, HAHNER, June op. cit. p. 31.
- SOUSA, Simone & OLIVEIRA, Francisco de Assis S. *O Movimento operário cearense na Primeira Republica*. Série História, nº 3. Fortaleza: NUDOC/UFC, s/d.
- SOUSA, Simone (org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- SOUZA, José Bonifácio. *Associação Comercial o Ceará, 1868-1968. Memória Histórica*. Fortaleza: s/e, s/d.
- STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Dicionário Bio-bibliographico cearense*. v. 3. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915.
- TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará. Origens do capital estrangeiro do Brasil*. São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995.
- THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro (reminiscências)*. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2002. p. 8.
- _____. *O Caixeiro (reminiscências)*. Fortaleza: Typ. Minerva, 1927.

- _____. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Ed. Fac-simile. Fortaleza: Fundação Valdemar Alcântara, 1997. p. 118.
- THOMPSON, Eduard P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I. A árvore da Liberdade*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 36 e 61.
- VERÍSSIMO, José. *A Educação nacional*. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- VIANA, Carlos Negreiros. *A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973). Uma experiência de industrialização fora do Centro-Sul*. Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d., p. 34.
- VIANNA, Luiz Wernech. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
- VIEIRA, M. do Pilar de A. e outros. Imprensa como fonte para pesquisa histórica. In *Projeto História*, nº 3, out., pp. 47-54. São Paulo: PUC, 1984.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa - algumas considerações metodológicas. In *Projeto Histórico*, nº 4, jun., pp. 89-102. São Paulo: PUC, 1985.

ANEXOS

ANEXO I

O PALACETE DA “PHENIX CAIXEIRAL”

É o Palacete da Phenix Caixeiral, situado nas Ruas 24 de Maio, frentes, e 24 de Janeiro, lateralmente, o mais belo e o mais importante edifício desta Capital, quer sob o ponto de vista de suas ornamentações, quer sob o ponto de vista de suas dimensões. A sua arquitetura, uma combinação do Coríntio, no primeiro, oferece um agradável conjunto com apropriação aos fins da mesma Sociedade. Com efeito, o primeiro pavimento é destinado ao funcionamento da sua Escola de Comércio e da sua biblioteca, o que justifica o seu estilo – Jônico – e o segundo foi preparado para a realização das festas comemorativas das suas datas grandiosas e das sessões do Conselho Administrativo, o que, igualmente, fundamenta o seu estilo – Coríntio –.

Este elegante Palacete de custo aproximado de 350 contos, inclusive o preço do terreno e o prejuízo de um desastre, nele verificado, foi projetado pelo hábil artista cearense J. de Paula Barros, sendo seu construtor o competente arquiteto Augusto Lopes, também cearense, sob a direção técnica do ilustre engenheiro Dr. Antero Freitas do Amaral. A sua pedra fundamental foi festivamente lançada em 24 de Junho de 1913 e as obras de sua construção iniciaram-se em 18 de Agosto do mesmo ano, ficando da mesma encarregado uma comissão composta dos distintos fenixtas – Antonio Nunes Valente, presidente, Joaquim Jorge Vieira, tesoureiro, Arthur de Moura Ramos, secretario, Joaquim Sá, administrador e João de Alencar Araripe, diretor financeiro, o qual, tendo falecido, foi substituído por Álvaro Nunes Weyne.

O importante edifício, que ocupa uma área de 1163m², tem as suas fundações de concreto – pedra britada com argamassa de cimento de 1:3 de área – com as dimensões de 1.m40 de altura e 1m de espessura: as paredes, de alvenaria de tijolo com argamassa de cal e cimento, medem de espessura, as principais, 0,m85 do primeiro pavimento, 0.m60 as do segundo e 0.m50 as internas, divisórias.

A altura do rico Palacete é, atualmente, de 14m, compreendendo o primeiro pavimento 6,50, o segundo 6m e a platibanda 1,50. Com a cúpula, encomendada na Alemanha, de onde não pode vir até então, em consequência da guerra, a sua altura se elevará a 26m, inclusive o mastro de 4m, pois o zimbório mede 6m e o lanternim 2m. A cúpula é o complemento da obra.

O primeiro pavimento (com 7 portas para a Rua 24 de Maio, 1 grande portão para a Praça Marquez do Herval e 13 portas para a Rua 24 de Janeiro e, mais, 9 portas para o jardim desta última Rua, tendo 6,25 de largura e 9,52 de comprimento com um bellissimo portão de ferro e gradil – estilo moderno – e 18 para os pátios internos de arejamento, descobertos) está dividido em 9 compartimentos, sendo dois grandes salões de 18m x 9m,75, cada um, e outro de 9m,15 x 6m,50, destinado ás aulas da Escola de Comércio, um quarto salão de 13m, 40 x 8m,8,28, do lado da Rua 24 de Maio, para a Biblioteca, um quinto de 14m,20 x 8m, também para aulas, um salão de 8m x 5m para consultas medicas, um espaçoso corredor de 3m,101 + 1290, que conduz á escadaria interna, uma dependência de 6m,30 x 3m,40, para arquivo, outra, sob a escadaria interna com mictorios e water-closets e, finalmente, o vestibulo de 8m28 + 8m,20, onde se acha montada uma riquíssima escadaria, com elegante balaustrada de pau cetim e degraus de acapú, em dois ramos com dois patamares. Este pavimento é todo ladrilhado a mosaico alemão de lindos padrões e os forros todos de cedro com finíssimas pinturas.

O segundo pavimento (com 7 janelas para a Rua 24 de Maio, um janelão para a praça Márquez do Herval e 13 janelas para a Rua 24 de janeiro e, mais, 4 janelas e uma varanda de 9m,63, de venezianas e vidraças para o jardim, 18 janelas para os pátios internos e 2 portas para um pequeno terraço) está dividido em 6 compartimentos, sendo um grande salão (o maior desta capital) de 20m, x 18m,40, um segundo salão de 19m,85 x 8m destinado a um museu, um terceiro de 12m,45 x 9, 93 para as sessões do Conselho Administrativo da Phenix, uma sala de 6m,30 x 3m,40 para toilette das senhoras, com lavatório, sanitária, boudoir e terraço, a dependência da escadaria e o salão nobre, para o lado da Rua 24 de Maio, estilo a Luiz XVI. Os soalhos deste pavimento, todos de acapú, setim e violeta, em mosaico, montam sobre longarinas de ferro = apoiadas sobre as paredes e colunas do

primeiro pavimento. O teto do salão nobre é destaque e os forros dos demais salões são todos de cedro. Pinturas finíssimas bordam os tetos dos salões, notadamente no salão grande, dividido em quatro painéis, representando o comércio, a agricultura, a indústria e a música.

As paredes deste pavimento, como do primeiro, são todas pintadas a óleo e as do salão nobre contém lindos painaux, conforme o estilo de sua decoração.

O travejamento da cobertura, de telhas de amianto e cimento, é todo de madeira de lei do país.

O edifício é todo iluminado á luz elétrica, sendo os lustres de bronze dourado. Finalmente, as portas e as janelas são todas de acapú.

O mobiliário, devido também á guerra européia, não pode ser encomendado em condições de se achar pronto para a inauguração do edifício.

Em ligeiros traços, aqui fica a descrição do Palacete que, hoje se inaugura, suprimindo o leitor inteligente a deficiência deste trabalho, que muito aquém está da imponência e magnificência deste edifício que atesta o quanto podem a dedicação e o esforço pelas causas nobres e elevadas.

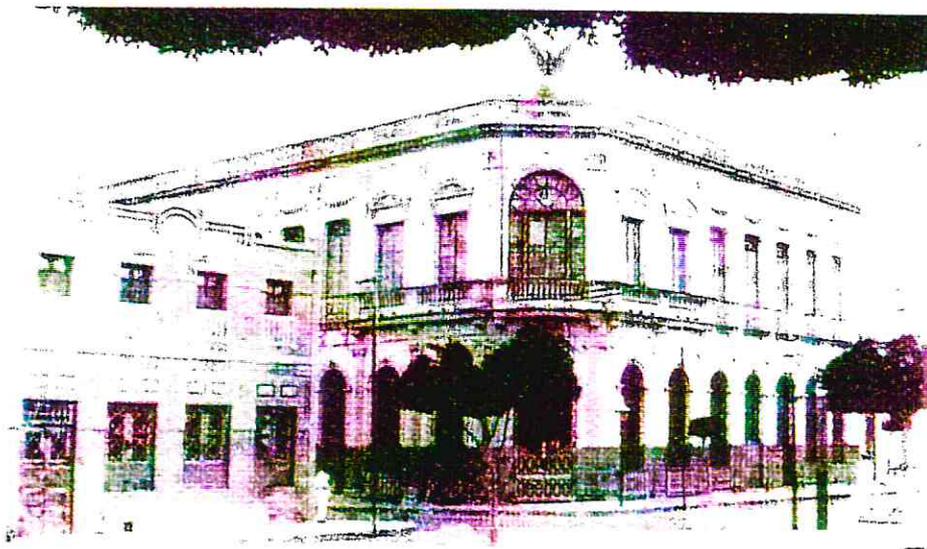
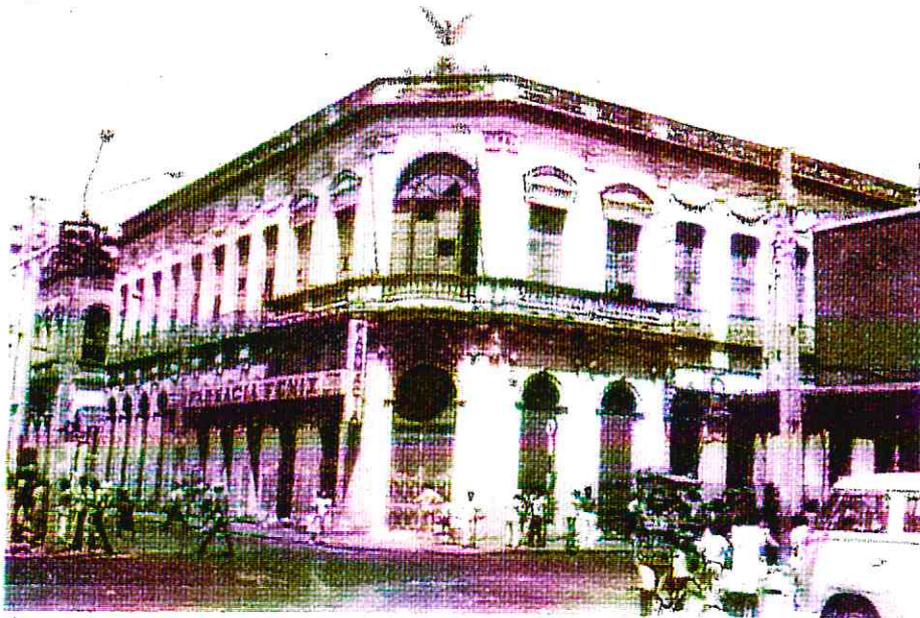
Revista Phenix. Ano IV, No. XXXIII, julho de 1915. P. 9 e 10.

Sede da Fênix já bastante deteriorada.

Fênix Caixeiral, 2ª sede.

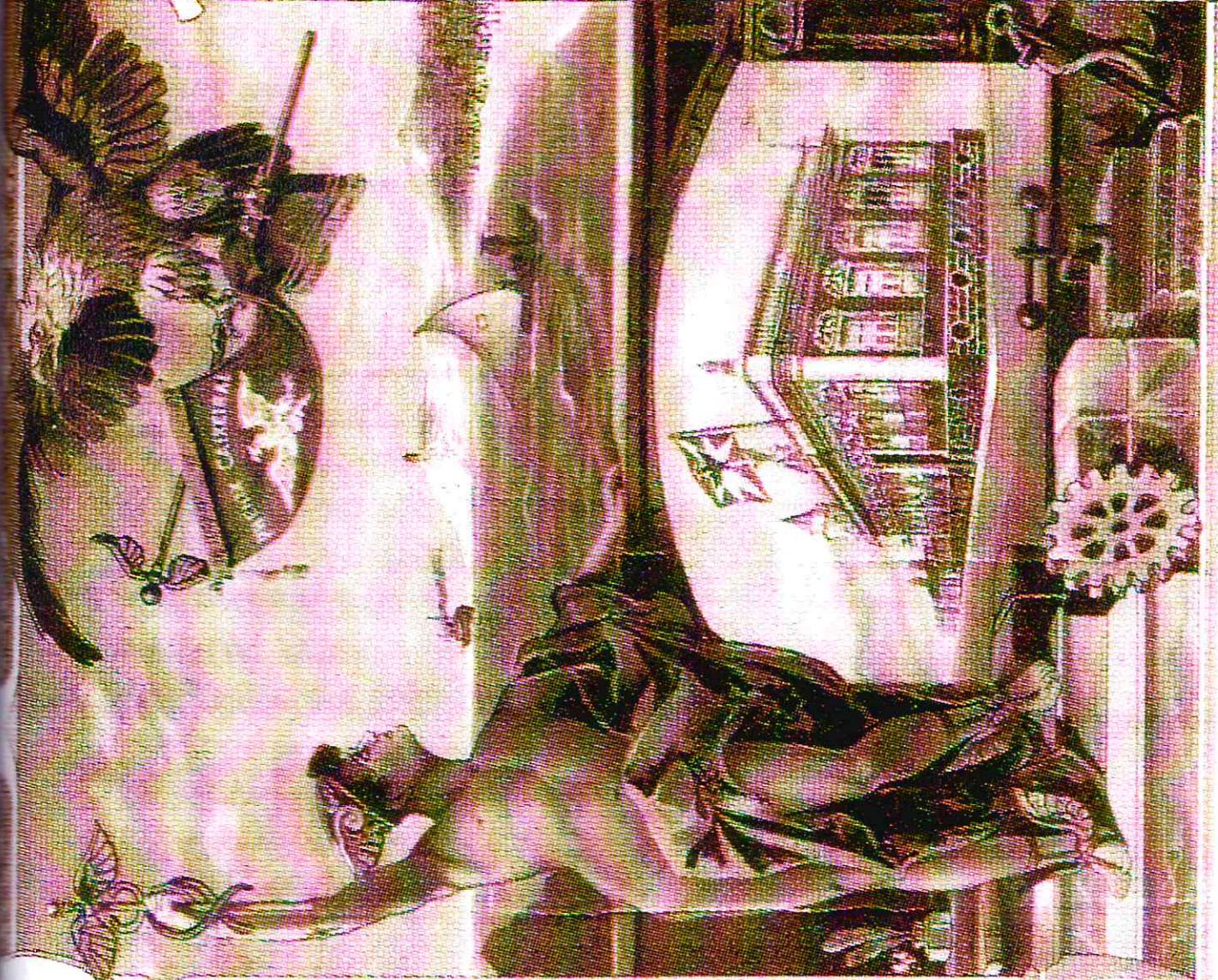
ANEXO II

Fênix Caixeiral, 1ª sede, 1913.



14 de Agosto
de 1891
Fundação

14 de Agosto
de 1891
Abertura das
Aulas



A Phenix Coixineral

Confere o título de socio Benemerito

de Phenix
A quem negado de Direito Extenção

que, como tal, gozará de
todas as prerrogativas
garantidas pelos Estatutos
da Sociedade

Caracas de Caracas de 1905
Presidente

Secretario

Tesoureiro

14 de Junho
de 1891
Instalação

149
14 de Junho
de 1905
Instalação do
Prestio

Pedro Affonso Maia	gr.5
Lauro Rocha Pamplona	gr.4
Estevão Avelino de Araújo	gr.4
Raimundo Borges da Silva	gr.5

Inhabilitados	15
Deixaram de Comparecer	11

GEOGRAFIA

Aprovados por distinção:

Fernando Rego Falcão	gráo.10
Raimundo Noronha Mesquita	gr.10

Aprovados plenamente:

Fernando Costa Souza	gr.9
Rubens Gondim D'Abreu	gr.9
José Augusto Ribeiro	gr.8
Deusdedit Costa Souza	gr.7
Arthur Albuquerque	gr.7
João Accurcio Saraiva	gr.7
Luiz Rufino Lima e Filho	gr.6
Manoel Rodrigues Torres	gr.6

Aprovados simplesmente:

Estevão Avelino de Araújo	gr.5
Lauro Rocha Pamplona	gr.5
Nelson Gurgel do Amaral	gr.5
Pedro Affonso Maia	gr.5
Raimundo Borges da Silva	gr.5

Inhabilitados	14
Deixaram de Comparecer	7

ARITMETICA

Aprovados por distinção:

Fernando Rego Falcão	gráo.10
----------------------	---------

Raimundo Noronha Mesquita	gr.10
Aprovados plenamente:	
Fernando Costa Souza	gr.9
Joaquim Acourcio Saraiva	gr.9
Rubens Gondim D'Abreu	gr.9
José Augusto Ribeiro	gr.7
Deusdedit Costa Souza	gr.6
Luiz Rufino Lima e Filho	gr.6
Newton Gurgel do Amaral	gr.6
Raimundo Borges da Silva	gr.6
Aprovados simplesmente:	
Lauro Rocha Pamplona	gr.5
Pedro Affonso Maia	gr.5
José Cavalcante Parente	gr.5
Arthur Albuquerque	gr.4
Manoel Roiz Torres	gr.4
Inhabilitados	10
Deixaram de Comparecer	6
2º ANO	
PORTUGUES	
Aprovado por distinção:	
Francisco Hildebrando Rocha	gráo.10
Aprovados plenamente:	
Edgar Dutra Nunes	gr.6
Antônio Pereira de Mello	gr.7
José Gondim Abreu	gr.7
Renato Freire	gr.7
Waldemiro Gomes	gr.7
José Moraes da Silva	gr.6
Aprovados simplesmente:	
João Motta Sá	gr.5
Francisco Gurgel Valente	gr.4
Luiz França Ferreira	gr.4

Inhabilitados	2
Deixaram de Comparecer	5

FRANCES

Aprovados plenamente:

Edgar Dutra Nunes	gráo.8
Renato Freire	gr.7
Francisco Gurgel Valente	gr.6
Luiz França Ferreira	gr.6
Waldemiro Gomes	gr.6

Aprovados simplesmente:

José Maria de Moraes	gr.5
José Gondim Abreu	gr.5
João Motta Sá	gr.5
Inhabilitados	2
Deixaram de Comparecer	5

ARITMETICA

Aprovados plenamente:

Edgar Dutra Nunes	gráo.9
Antônio Pereira de Mello	gr.9
Affonso Cavalcante de Oliveira	gr.8
José Azevedo	gr.7
Renato Freire	gr.6

Aprovados simplesmente:

José Gondim Abreu	gr.5
Waldemiro Gomes	gr.5
Francisco Gurgel Valente	gr.4
Isaias Façanha Andrade	gr.4
Luiz França Ferreira	gr.4
Reprovado	1
Inhabilitados	3
Deixaram de Comparecer	4

3° ANO

PORTUGUES

Aprovados plenamente:

Antônio Maia Pereira	gráo 9
Francisco Fernandes Cunha Freire	gr.9
Anastácio Pessoa	gr.8
Priscio Vieira Britto	gr.8
Jayme Nogueira Pontes	gr.7
Francisco Patrício de Barros	gr.7
Inhabilitados	2
Deixaram de Comparecer	4

FRANCES

Aprovados por distinção:

Antônio Maia Pereira	gráo.10
Anastácio Pessoa	gr.10
Francisco Fernandes Cunha Freire	gr.10
Sérgio Roiz Carvalho	gr.10

Aprovados plenamente:

Priscio Vieira Britto	gr.9
Francisco Patrício de Barros	gr.8
Jayme Nogueira Pontes	gr.8
Inhabilitados	3
Deixaram de Comparecer	1

ARITMETICA

Aprovados por distinção:

Antônio Maia Pereira	gráo.10
Francisco Fernandes Cunha Freire	gr.10
Anastácio Pessoa	gr.10

Aprovados plenamente:

Priscio Vieira Britto	gr.6
Jayme Nogueira Pontes	gr.8
Antônio Montenegro	gr.7
Inhabilitados	6
Deixaram de Comparecer	3

INGLES

Aprovados plenamente:

Antônio Maia Pereira	gráo.9
----------------------	--------

Francisco Fernandes Cunha Freire	gr.9
Sérgio Roiz Carvalho	gr.9
Raul Amora Gadelha	gr.9
Anastácio Pessoa	gr.8
Francisco Patrício de Barros	gr.8
Priscio Vieira Britto	gr.7
Jayme Nogueira Pontes	gr.6
Deixaram de Comparecer	2

4° ANO**PORTUGUES****Aprovados plenamente:**

Alberto Façanha Sá	gráo.9
Joaquim Oliveira Lima	gr.8
José Bezerra Rocha	gr.8

FRANCES**Aprovados plenamente:**

Alberto Façanha Sá	gráo.9
Joaquim Oliveira Lima	gr.6
José Bezerra Rocha	gr.7

INGLES**Aprovados plenamente:**

Alberto Façanha Sá	gráo.9
Joaquim Bezerra Rocha	gr.8
Joaquim Oliveira Lima	gr.7

ESCRITURAÇÃO MERCANTIL**Aprovado com distinção:**

Joaquim Oliveira Lima	gráo.10
-----------------------	---------

Aprovados plenamente:

Alberto Façanha Sá	gráo.9
Allah Xavier	gr.9
Deixou de Comparecer	1

5° ANO**INGLES****Aprovados plenamente:**

Hippolyto Silva Mattos	gráo.9
Manoel Alves Oliveira	gr.7
Jader Augusto Moraes	gr.8
Alberico Gomes Parente	gr.6

DIREITO COMERCIAL E NOÇÕES DE E. POLITICA

Aprovados plenamente:

Manoel Alves Oliveira	gráo.9
Jader Augusto Moraes	gr.9
Alberico Gomes Parente	gr.9
Hippolyto Silva Mattos	gr.8

ESCRITURA MERCANTIL

Aprovado com distinção:

Hippolyto Silva Mattos	gráo.10
------------------------	---------

Aprovados plenamente:

Manoel Alves Oliveira	gráo.9
Jader Augusto Moraes	gr.9
Alberico Gomes Parente	gr.9

Bancas Examinadoras

Compareceram as bancas examinadoras:

Eduardo Girão, José Carlos de Mattos Peixoto, Dolor Barreira, Francisco Gonçalves, Francisco Gomes Parente, Henrique Auvín, Alberto Montezuma, Leiria de Andrade, Vicente Gondim; professores Anacleto de Queiroz e Joaquiom Costa Nogueira; Srs. Daniel Lopes, Dario Pessoa; José Firmiano, Nunes Valente, José Rolim, Antonio Papi Junior, Israel Cysne e F. Pinto de Mesquita.

Prêmios

Serão conferidos de conformidade com o regulamento, em 1º de janeiro de 1914 os seguintes:

Heráclito Domingues – medalha de cobre ao aluno Manoel Sadoe Cysne, do Curso Anexo.

João Ramos – medalha de prata – ao aluno Fernando do Rego Falcão, 1º ano.

Elpidic Eloy – medalha de ouro – ao aluno Edgar Dutra Nunes do 2º ano.

Joaquim Sá – medalha de ouro com rubi, ao aluno Antonio Maia Pereira, do 3º ano.

José Bastos – medalha de ouro com brilhante, ao aluno Alberto Façanha de Sá, do 4º ano.

Joaquim Magalhães – retrato no Salão de honra da Sociedade, ao aluno Hippolyto da Silva Mattos, do 5º ano.

Revista Phenix. Ano II, No. XVIII, novembro de 1913

ANEXO IV
ÍNDICES PARCIAL DA REVISTA PHENIX
ANO I
PHENIX Nº 1 – FEVEREIRO 1912
ÓRGÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA DE COMERCIO
“PHENIX CAIXEIRAL”

- Ramos Netto (Escreve Soneto ao distinto amigo José A. Lopes Filho) página 04.
- Julio Rodrigues (Escreve texto sobre a injusta condenação e morte de um ancião) pg. 06.
- Junqueira Guarany (Escreve poema com o título Floresta Antiga) pg. 06
- G. de Castro (Escreve poema com o título Fragmento) fala sobre amor. Pg. 07
- Alberico Gomes Parente (Escreve o texto Amor do Jogo) para Alípio Mattos. No texto Alberico narra o trágico destino de um comendador viciado em jogo. Pg. 08
- Antônio Furtado (Escreve texto com o título Tuberculosa) fala de alguém que ele conheceu. Pg. 09

Obs: Pedir informações sobre a pg. 10

ANO I
PHENIX Nº II MARÇO 1912

- Josias Goyanna (escreve poema com o título o Grande Martyr) pg. 05
- Cyrillino Pimenta (escreve poema com título O Beijo de Judas) pg. 05
- Ramos Netto (escreve poema Na Cruz) fala do sofrimento de Jesus na cruz. pg. 05

- Bastos Portela (escreve versos A' Espera) pg. 07
- Caturra Senior (escreve Pedir a Alguém de...) fala sobre a maneira de usar o verbo pedir... pg. 07
- Daniel Augusto Lopes (escreve Ilusões Desfeitas) narra a morte de Laura e o sofrimento de sua mãe. pg. 08
- G. de Castro (escreve Em Apuros) relata a história de Genú e Vank. pgs. 08 e 09.
- Daniel Augusto Lopes (escreve texto a Coação pela Greve) fala das injustiças e dos motivos pelos quais surgem as greves. pgs. 09 e 10.
- Antonio Furtado (escreve Retorno) versos dum passeio amargo. (fala de um amor passado) pg. 12
- Editorial: Escolas Primárias. pgs. 06 e 07.

PHENIX Nº III MAIO 1912

- Nolasco de Barros (escreve texto com título 21 Anos) fala da data 24 de maio como um dia que traduz o passado de lutas e vitórias do Caixeiro Cearense... pgs. 01 e 02.
- Nolasco de Barros (escreve texto Retrospecto) fala da Phenix Caixeiral, do início das aulas da Escola de Comércio... pg. 02.
- Telles de Sousa (escreve poema com título Cc Tama Yupi) pg. 03.
- Zerbino Bouquet (escreve poema com título Para Alguém!) fala da beleza de uma mulher. pg. 05 Fortaleza 30/07/1911.
- Daniel Augusto Lopes (escreve versos O Mendigo) fala do sofrimento de um mendigo. pg. 08
- Epiphany Leite (escreve versos com título Lueta) pg. 10.
- Álvaro Maia (escreve versos com título Assassina) pg. 11
- Gil Amora (escreve Suave Mentira) narra um sonho que teve com a vizinha. pg. 12.

PHENIX Nº IV JUNHO 1912

- Nolasco Barros (escreve texto com título Retrospecto_ fala da importância da revista Phenix e do apoio que a mesma necessita...) v 02.
- Ramos Netto (escreve o poema chamado Delirando) fala da sua tristeza e espera preencher a solidão de esperança, luz e beijos. pg. 04.
- Epiphanio Leite (escreve ao Daniel Lopes poema com título Tenda Maldita) pg. 06.
- Álvaro Maia (escreve poema não tem o título! mas fala de um cearense gentil de porte brando,...) pg. 07.

Obs.: Pedir informações sobre as pgs. 08 e 09. É uma transcrição da Revista do Ceará de 1905

- Vicente Bonfim (escreve poema ao Álvaro Maia com título Seio) fala da beleza do seio. pg. 10.
- G. de Castro (escreve versos ao José Lopes com título Consummatum Est) fala do fim do amor por Alice... pg. 12.

PHENIX Nº V JULHO 1912

- G. de Castro (escreve as Josias Goyanna texto com título O Despertador) fala da história de Wank, moça pomposa e franca de 15 anos e sai paixão por Calos... pgs. 01, 02 e 03.
- Pancrácio Junior (escreve ao Daniel Lopes texto com título A Rufina) faz uma descrição sobre Rufina, uma criada do meu vizinho Leocadio... pgs. 03, 04 e 05.
- Cezar de Moraes Fontenelle (escreve versos ao Nolasco Barros, com título Lacrymae Rerum) faz ênfase ao sofrimento. pg. 08.
- G. de Castro (escreve poema com título Laus Tenebrae) fala da escuridão (cegueira) "mas os olhos não vêem o coração sente". pg. 10.

- Zerbino Bouquet (escreve poema com título Borboletas) fala da admiração pelas borboletas... ao mesmo tempo faz uma comparação com seu feliz passado... pg. 11.
- Álvaro Maia (escreve poema ao José Lopes, com título Olhos Negros). pg. 12.

PHENIX Nº VI 1912

- Epiphanio Leite (escreve poema com título O Suicida) pg. 02.
- Ramos Netto (escreve poema com título Descrente) pg. 03.
- G. de Castro (escreve texto sobre Dinheiro Falso) pgs. 03, 04 e 05.
- Zerbino Bouquet (escreve poema Olhos) fala sobre a beleza dos olhos e os chama de "olhos de santa Luzia". pg. 04.
- G. de Castro (escreve poema com título Laus Tenebrae) pg. 05.
- Álvaro Maia (escreve texto com título A Fórma). pgs. 06, 07 e 08.
- José da Silveira Medeiros (escreve poema ao colega da Phenix Caixeiral, com título No Exílio) fala do sofrimento da vida. pg. 09
- Daniel Augusto Lopes (escreve versos com título Lágrimas Posthumas) fala da dor de um filho que precisa partir bem na hora da morte do pai. pg. 10.

PHENIX Nº VII SETEMBRO 1912

- G. de Castro (escreve texto ao Gil Amora, com título Confirmação) fala do amor de alguém por Maria. pg. 03.
- Antonio Furtado (escreve texto ao "Caro Alvaro Maia, com título A Fórma). pgs. 03, 04 e 05.
- Paula Achilles (escreve poema a Virgílio Brandão com título Moysés) pg. 05.
- Ramos Netto (escreve poema com título Branca) pg. 06.
- Epiphanio Leita (escreve poema com título Mendigos) fala do encontro de um mendigo com um homem cheio de desilusões. pg. 06.

- G. de Castro (escreve poema com título Laus Tenebrae) pg. 06.
- Álvaro Maia (escreve poema com título De Longe) fala da beleza da lua. pg. 07.
- Alberto Sá (escreve texto com título Caiporismo) fala de um passeio na avenida, onde encontrou sua “menina”, foram ao cinema, mas por falta de dinheiro ele a deixou lá, esperando até hoje. pgs. 09 e 10.
- Virgílio Brandão (escreve poema com título Canto do Orphãosinho) fala da saudade que sente da mãe que morreu. pg. 10.
- Daniel Augusto Lopes (escreve texto com título Borboletas do Espírito) relata um belo começo de dia, uma bela manhã de outono, o brilho do sol, as belas borboletas... pgs. 10 e 11.

PHENIX Nº VIII OUTUBRO 1912

- Nolasco Barros (escreve texto com título Retrospecto) fala da grande significância que é a Revista Phenix Caixeiral, do crescimento e apoio. pgs. 02, 03 e 04.
- Ramos Netto (escreve poema com título Atheu) fala de um velho atheo, sua dor e sua prece. pg. 04.
- Antonio Furtado (escreve texto com título A Religião) pgs. 04, 05 e 06.
- Zerbino Bouquet (escreve Soneto) pg. 05.
- Josias Goyanna (escreve ao G. de Castro, poema com título Espírito dos Outros) fala da conversa entre dois ladrões ao verem um anel de brilhante. pg. 06.
- Múcio Mácer (escreve texto com título Parolas e Parlendas) relata a alegria e surpresa de um maturo, durante uma visita à cidade. pgs. 06, 07 e 08.
- Álvaro Maia (escreve ao Dario Pessoa, poema com título Crepusculo) pg. 07.

PHENIX Nº IX NOVEMBRO 1912

- Ramos Netto (escreve (Soneto) ao Josias Goyanna).
- Epiphanio Leite (escreve ao José Lopes, poema com título Reverso) pg. 05.
- G. de Castro (escreve ao Carlos Gondim, poema com título Mar) faz comparações entre o mar e o amor. pg. 06.
- Gustavo Frota (escreve poema com título Livro de Enaura) fala em forma de versos de sua admiração por Enaura. pg. 07.
- Álvaro Maia (escreve versos com título Da Ausência).
- Notas e Fatos (as eleições) fala sobre a revista Phenix Caixeiral. pgs. 11 e 12.

PHENIX Nº X DEZEMBRO 1912

- Nolasco de Barros (escreve texto com título Retrospecto) fala sobre a Família Imperial, que governou o Brasil durante mais de meio século. pgs. 03 e 04.
- Ramos Netto (escreve poema com título Noivos) fala do amor entre os noivos. pg. 04.
- Gustavo Frota (escreve poema com título Livro de Enaura) continuação do poema, que o autor escreveu na Revista IX. pg. 05.
- Virgílio Brandão (escreve versos com títulos: Laura; Luiz) pg. 06.
- Andrade Furtado (escreve poema com título Natal) pg. 07.
- Zerbino Bouquet (escreve poema com título Meus Versos) pg. 08.
- Josias Goyanna (escreve a F.A. Lopes Filho, versos com título Espírito do Outros) fala de um desempregado interesseiro que queria se dar bem com um casamento. pg. 10.
- Notas e Fatos (trechos sobre a Revista Phenix) pg. 12.

PHENIX Nº XI JANEIRO 1913

- Epiphanio Leite (escreve poema com título Phases) pg. 03.

- Paula Vianna escreve editorial (As Associações) pgs. 04, 05 e 06.
- G. de Castro (escreve poema com título Olhos) pg. 05.
- Gil Lima (escreve versos ao estimável Estevam Mosca, com título Chromo) pg. 07.
- Zerbino Bouquet (escreve poema com título Ofertório) pg. 08.
- Ramos Netto (escreve poema com título Tentação) pg. 09.
- Álvaro Teixeira de Souza Mendes (escreve texto com título Acto de Benemerencia) pgs. 11 e 12.

PHENIX Nº XII FEVEREIRO 1913

- Editorial: (Primeiro Vôo) fala de um ano da Revista Phenix. pgs. 01 e 02.
- Nolasco de Barros (escreve texto com título Retrospecto). pgs. 02 e 03.
- Maria Sampaio (escreve poema com título Riso e Pranto) pg. 07.
- Raym. Varão (escreve para Thompson Soares, Um Soneto D'Amor) pg. 11.
- Epiphanio Leite (escreve poema com título Irene) pg. 12.
- G. de Castro (escreve texto com título Revanche) pgs. 13, 14 e 15.
- Ramos Netto (escreve ao Daniel Lopes poema com título O Frade) pg. 15.
- G. de Castro (escreve poema com título Olhos) pg. 16.
- Notas e Fatos: pgs. 19 e 20

PHENIX Nº XIII MARÇO 1913

- Editorial: parabenizam Joaquim Magalhães e falam de sua importância para a Revista Phenix Caixeiral. pgs. 01 e 02.
- Maria Sampaio (escreve versos com título Postaes) fala do amor. pg. 02.
- Epiphanio Leite (escreve poema com título Nós) pg. 03.
- Ramos Netto (escreve poema com título Alma Triste) pg. 04.

- G. de Castro (escreve ao Gil Amora, poema com título A Minha Doida) pg. 06.
- Raym. Varão (escreve poema com título Via = Sacra) pg. 07.
- G. de Castro (escreve poema com título Olhos) pg. 08.
- Jardim Social (texto no qual a Revista Phenix parabeniza a senhorita Beatriz Lopes) pg. 10.
- Nota e Fatos (J. A. Lopes Filho) pg. 13.
- Editorial (escola de Comércio Phenix Caixeiral) pg. 14.

PHENIX Nº XIV ABRIL – MAIO 1913

- . Editorial: (O Recenciamento) fala do engajamento e do apoio dado a Phenix Caixeiral “Será mais uma vitória para a Phenix a juntar-se com inúmeras outras, desde o início da sua fundação.”
- Ramos Netto (escreve poema com título no Leito Conjugal) pg. 02.
- Maria Sampaio (escreve poema com título No Campo) pg. 03.
- G. de Castro (escreve poema com título Ida e Volta) pg. 05.
- Castrino (escreve poema com título Pensando e Rindo) fala do amor
- Gustavo Frota (escreve poema com título Livro de Enaura. A Genuíno de Castro) pg. 07. Fala do “sofrimento” da alma. “Alma que sofre, que blasfema e grita, que amaldiçoa a mão que acaricia, e bendiz nuns suspiros de alegria a mão que a esmaga, a mão que a infelicita...”.
- Ramos Netto (escreve poema com título Na Roça) pg. 09.
- Editorial: fala do falecimento de Júlio Bruno pgs. 10 e 11.
- Editorial: Notas e Fatos: “Phenix Caixeiral” (predéio da Phenix; Banda de música). pgs. 11 e 12.

“Foi vendido por setenta contos o velho prédio onde a Phenix Caixeiral pretendia contruir seu novo palacete, e comprado por trinta o terreno situado às ruas 24 de maio e Municipal, com fundo para a Rua Tristão Gonçalves, onde, em breve, se iniciarão os de sua construção”. pg. 11.

“Vai prometendo muito resultado a banda de música organizada recentemente pela Phenix Caixeiral”. pg. 11.

- Jardim Social: (Revista Phenix Caixeiral parabeniza datas).
- Climério Freire (escreve texto com título A Instrução e o Comércio) fala do amor à liberdade; das desigualdades; faz fortes elogios ao livro. pgs. 08, 09 e 10.

PHENIX CAIXEIRAL Nº XV JUNHO 1913

- Editoral: escrito por Dolor Barreira (texto com título Ave Phenix) faz relação entre “O Bem vence o Mal” com a Revista Phenix. pgs. 01, 02, 03 e 04.
- * 13 de maio “Conferência realizada pelo nosso talentoso companheiro de redação J.A. Lopes Filho, na Escola Agrícola da Bahia...” pg.04
- Ramos Netto (escreve Soneto) por ocasião do primeiro aniversário ao falecimento de José Lopes Ferreira. pg. 05.
- J. B. Lopes Ferreira (escreve poema com título À Memória de meu Enxquecido Irmão José Lopes Ferreira) pg. 07.
- Maria Sampaio (escreve aos distintos moços da “Phenix”, poema com título Maio) pg. 09.
- Maria Sampaio (escreve versos com título Postaes) pg. 10.
- Castrino (escreve versos com título Pensando e Rindo) pg. 10.
- G. de Castro (escreve poema a Daniel Lopes, com título Pomo Maldito) pg. 11.
- Jardim Social (Joaquim Sá) faz elogios e parabeniza Joaquim Sá. pg. 11.
- Notas e Fatos.
- Honroso: “da amável e sintilante poetisa senhorita Maria Sampaio, recebemos a inspirada e belíssima poesia “Maio”, que ora publicamos, a nós, “Moços da Phenix, dedicada”... pg. 12.
- Phenix Caixeiral_“serviram, durante o mês de julho, na “Phenix Caixeiral”, como diretor e adjunto, respectivamente, os esforçados Phenixtas José Caetano e José Menezes”. pg. 12.

- O Novo Edifício da Phenix “em comemoração à data da instalação da Phenix Caixeiral, realizou-se no dia 24 de junho, com grande solenidade, o lançamento da pedra fundamenta de seu novo edifício, que será construído às ruas municipal e 24 de maio”. pg. 12.

PHENIX Nº XIII AGOSTO 1913

- G. de Castro (escreve poema a Antônio Furtado,. Com título Céu no Inferno. pgs. 05, 06 e 07.
- Alba Valdez (escreve texto com título Talentoso Confrades da Phenix) faz elogios a revista. pg. 07.
- Castrino (escreve poema com título Vôos e Quedas). pg. 08.
- Ramos Netto (escreve poema com título Elle e Ella) fala da diferença entre o namoro e o casamento. pg. 08.
- Luiz Ed Castro (escreve versos com título A Phenix Caixeiral) pgs. 09 e 10.

ANO II

PHENIX CAIXEIRAL Nº XVI SETEMBRO 1913

- Luiz de Castro (escreve poema com título Vingança da Terra, à F. Menezes Mattos) pg. 04.
- Gustavo Frota (escreve poema a Luiz de Castro com título Infortunio) fala do amor que sentia por haydée, e que não era recíproco. pgs. 05 e 06.
- Castrino (escreve poema com título Vôos e Quedas) faz comparação que uma vida sem amor, é como um campo sem flor, improdutivo, infecundo... pg. 06.
- G. de Castro escreve poema a Rosendo Ribeiro, com título Martyr do Gôgo p. 08.
- G. de Castro (escreve poema com título Dualidade da Dor) pg. 08.
- Virgílio Brandão (escreve o poema com título Mendiga) pg. 08.
- Álvaro Maia (escreve poema com título Canto do Cysne) pg. 09.

- G. de Castro (escreve poema ao Dolor Carreira com título Triteza) pg. 09.
- Carlos Severo (escreve poema com título Tão longe) pg. 11.
- Jardim Social (parabeniza José Maria, "Filho do nosso particular amigo João C. Catunda, influencia em grande destaque no mundo operário". pg. 11.
- Notas e Fatos (relata participações da Phenix Caixeiral) pg. 02.

PHENIX Nº XVII OUTUBRO 1913

- Dolor Barreira (escreve texto com título Tudo é Ambição) fala dos vários tipos de ambição. pgs. 01 e 02.
- Vicente (escreve texto com título Bilhete Aberto) escreve a um amigo relatando a sua vida de Caixeiro. pg. 03.
- Zerbino Bouquet (escreve Soneto a Gustavo Frota) fala dos momentos felizes que já viveu e que hoje são tristes ilusões já mortas. pg. 03.
- G. de Castro (escreve poema com título Desejo) pg. 04.
- Gustava Frota (escreve poema com título Balada do Desconforto) pgs. 06 e 07.
- Castrino (escreve poema com título Vôos e Quedas) pg. 09.
- Ramos Netto (escreve poema para G. de Castro, com título Seios) pg. 09.
- Jardim Social (parabeniza aniversariantes) pgs. 11 e 12.
- Notas e Fatos: pg. 12.
- Eleuterio Marcos – assumiu o lugar de caixa filial da Londo e Brazilian Bank em Fortaleza...
- Luis Mosca – de regresso de seu passeio à Itália, a terra clássica da arte, chegou a bordo do <<Brasil>>, a 24 do corrente, o nosso estimado amigo Sr. Luis Mosca italiano,..."
- Prisco Cruz –"a 14 do corrente passou o aniversário do estimável cavalheiro, Prisco Cruz"
- Morte Álvaro Moreira Pequeno

- Portugal Moderno
- Dr. Dolor Barreira
- Recreio Familiar

PHENIX Nº XVIII – NOVEMBRO 1913

- Dolor Barreira (escreve o texto com título Tudo é Ignorância) fala de dois modos de “satisfação”. pgs. 01 e 02.
- Castrino (escreve poema Vãos e Quedas) fala do amor, e já no final do poema afirma que a vida é uma ilusão. pg. 06.
- Zerbino Bouquet (escreve a Estevam Mosaca poema com título Jardim) pg. 06.
- Editorial: Discurso. pgs. 09 e 10.
- Ramos Netto (escreve poema ao Gil Amora com título Meus Sapatos) fala que a mocidade é como seu sapato, um dia passa, fica velha. pg. 10.
- Jardim Social: parabeniza. pg. 10.
- G. de Castro (escreve para Ramos Netto, texto com título Romance) pgs. 10 e 11.
- Editorial: Publicações pgs. 11 e 12.
- Escola de Comércio Phenix Caixeiral. pg. 12.
- Finados:

Banda da Phenix Caixeiral faz homenagem aos túmulos de seus consócios falecidos.

- Eleições:

“A 7 de dezembro vindouro devem-se realizar as eleições para presidente e mais membros do Conselho Administrativo da Phenix Caixeiral...”
pg. 12.

PHENIX Nº XIX DEZEMBRO 1913

- Editorial: 1ª página
- Páginas de luto (não tem autor)

Reforma da Escola de Comércio, pgs. 01, 02, 03, 04, e 05.

- Castrino (escreve texto com título Vôos e Quedas). pgs. 08 e 09.
- Editorial:

Escola de Comércio da Phenix Caixeiral

Relação dos alunos da Phenix Caixeiral

“Resultado dos exames finais no ano letivo de 1913”

Notícias - morte de Julio Augusto de Moraespg. 13.

- Notícia:

Revista Phenix avisa que a revista não circulará no mês de janeiro

- Jardim Social
- Euterpe Club
- Revista Phenix elogia o deslumbrante festival que solenizou a posse de sua nova diretoria. pg. 14.
- Teatro Familiar

Carlos Severo cria revista para o teatro familiar, o nome da revista “A chegada do General” isso surgiu a partir de observações feitas no norte do Ceará. pg. 14.

ANO III

PHENIX Nº 20 JANEIRO E FEVEREIRO 1914

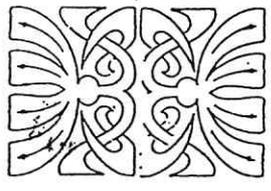
- Foto: homenagem à memória de João Alencar Araripe. pg. 01.
- Foto e homenagem a Joaquim Magalhães, aniversário em 1º de março Foto e texto: Gustavo Frota (escreve texto com título O Milagre). pgs. 05, 06, 07, 08 e 09.
- Foto e texto: Mario Linhares (escreve poema com título Nelmezzo Delcamin) pg. 09.
- Foto e texto: G. de Castro pg. 10, (escreve texto com título Genuino) fala da esquisita linguagem portuguesa... pgs. 10, 11, 12 e 13. (Aos irmão Geruazio e Luiz de Castro).
- Antônio Furtado (escreve aos poetas Genuino de Castro e Vicente Bonfim, poema com título Carne) fala dos prazeres proporcionado pela Carne (corpo). pg. 13.

- Foto e texto: L. Lyra (escreve texto com título Corrupção de Amor) pgs. 14 e 15.
- Epiphanio Leite (escreve poema com título Morte do Acaso) fala da utopias do acaso. pg. 15.
- Ramos Netto (escreve poema com título Poeta) fala da dor secreta do poeta. pg. 15.
- Foto e texto de Estevam Mosca (título do texto Max Stirner). pgs. 16, 17, 18 e 19.
- Foto e texto de Alves de Oliveira (texto com título O Inverno no Campo) pgs. 20 e 21.
- Zerbino Bouquet (escreve a G. de Castro, texto com título Fragmentos) fala das lembranças de uma paixão, isso ocorre após reencontrar alguns objetos. pg. 22.
- Foto e texto de Paula Viana (título do texto: A Nossa Revista) pgs. 23 e 24.
- Leão de Vasconcelos (escreve ao mestre insigne dr. Soriano D' Albuquerque, poema Dom título Sob o Sol d' África) pg. 24.
- Foto e texto de Carlos Pinho texto com título Os Grêmios Literários ps. 25
- Editorial: pg. 27.
- Os companheiros Leandro Pimenta Lyra, Rozendo Ribeiro e Alberilo Gomes Parente, são os novos redatores da Phenix. pg. 28.
- Nota de parabéns às datas 10, 12, 18, 28 de fevereiro e seu respectivos aniversariantes.
- ❖ Maria do Carmo (filha de Francisco Pinto de Mesquita)
- ❖ João Nelson da Frota (co-proprietário do estabelecimento Casa Americana).
- ❖ Leticia Brigido
- ❖ Ivone Emilia Braga de Moraes.

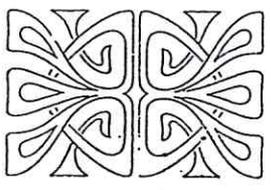
ANEXO V

...“ quand mes idées seraient mauvaises, si j'en fais naître de bonnes à d'autres, je n'aurai pas tout à fait perdu mon temps”.

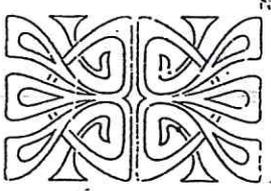
J. J. Rousseau



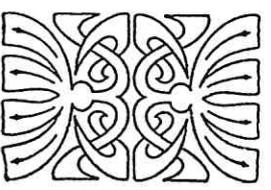
NUMERO I



PHENIX



ANNO I



SUMARIO

- SURGINDO—G. de Castro
- VIDA — (Soneto) — Josias Goyanna
- RETROSPECTO—Nolasco de Barros
- POR UMA TARDE DE PRIMAVERA —(Conto de Maupassant)— Tradução de P. Junior
- SONETO—Ramos Netto
- O SUPPLICIO—Julio Rodrigues
- FLORESTA ANTIGA—Junqueira Guarany
- FRAGMENTOS—G. de Castro
- O AMOR DO JOGO—Alderico Gomes Parente
- NA ALDEIA—V. P.
- TUBERCULOSA — Antonio Furtado
- BARÃO DO RIO BRANCO
- JOAQUIM MAGALHÃES
- REFORMA DO ENSINO
- JARDIM SOCIAL
- NOTAS E FACTOS

FEVEREIRO DE 1912

NO I

PHENIX

NUM. 2

ÓRGAM DOS ALUMNOS DA ESCOLA DE COMMERCIO
"PHENIX CAIXEIRAL"

... " quand mes idées seraient mauvaises, si j'en
fais naître de bonnes à d'autres, je n'aurai pas tout à
fait perdu mon temps"—J. J. Rousseau.



PHENIX



... " quand mes idées se-
raient mauvaises, si j'en ra-
is naitre de bonnes à d'au-
tres, je n'aurai pas tout à
fait perdu mon temps "

J. J. Rousseau

SUMMULA

21 annos ; Retrospecto, *Nolasco Bar-
ros* ; Ce Tama Rupi, *Telles de Souza* ;
No Sertão, *Antonio Furtado* (Paulo
Tréva) ; Para alguém, *Zerbino Bouquet* ;
Houveram os seguintes brindes, *Caturra
Senior* ; O Mendigo, *Daniel Augusto Lo-
pes* ; Mulheroplano, *G. de Castro* ; Lucta,
Epiphanio Leite ; Assasina, *Alvaro Maia* ;
Suave Mentira, *Gil Amora* ; Noticias.

Typ. "CHANTECLER" a vapor
PAMPLONA & RIBEIRO

41—RUA DA ASSEMBLÉA—41
CEARÁ

INO I

NUM. III

12

MAIO

ANNO I

NUM. IX



... "quand mes idées seraient mauvaises, si j'en fais naître de bonnes à d'autres, je n'aurai pas tout à fait perdu mon temps".

J. J. ROUSSEAU.

SUMMULA

Coração, *Gentil Falcão*;—Chrouica de casa, *Daniel A. Lopes*;—
Suicida, *Carlos Pinho*;—Soneto, *Ramos Neto*; Infeliz, *Alves de
Oliveira*;—Reverso, *Epiphanio Leite*;—Mar, *G. de Castro*;—Li-
vro de Enaura, *Gustavo Frola*;—Inter Tumulos, *Daniel A. Lo-
pes*;—Da Ausencia, *Alvaro Maia*;—Mario Linhares (Florões);
Correspondencia; Notas e Factos.

NOVEMBRO

1912

Typ. "Chantecler" a vapor — PAMPLONA & RIBEIRO
Rua d'Assembléa, 41 — Ceará

ANNO II

NUM. XIV



... "quand mes idées seraient mauvaises, si j'en fais naître de bonnes à d'autres, je n'aurai pas tout à fait perdu mon temps".

J. J. ROUSSEAU.

SUMMULA

Recenciamento ;—No Leito Conjugal, *Ramos Neto* ;—No Campo, *Maria Sampaio* ;—Minha avó, *G. de Castro* ;—Ida e Volta, *G. de Castro* ;—Pálida e loira . . . , *Gustavo Frota* ;—Pensando e Rindo, *Castrino* ;—Livro de Enaura, *Gustavo Frota* ; A Instrução e o Commercio, *Klimerio Freire* ;—Na Roça, *Ramos Netto* ;—Postaes, *Maria Sampaio* ;—Julio Bruno ;—Notas e Factos ;—Jardim Social.

ABRIL-MAIO

1913

Typ, "Chantecler" a vapor — PAMPLONA & RIBEIRO
Rua d'Assembléa, 41 — Ceará

ANNO III ↓ ABRIL DE 1914 ↓ N.º XXIII

PHENIX

REVISTA DE LETRAS E ARTES

Publicação mensal sob os auspícios da "Phenix Caixeiral"

FUNDADA POR J. A. LOPES FILHO

COMISSÃO DIRECTORA

Gustavo da Frota Braga
Estevam Mosca

Genuino de Castro
Leandro Lira

EXPEDIENTE

TARIFA DE ASSIGNATURAS

Brazil - Semestre	3\$000
Extrangeiro - Anno	Frs. 12.00

REDACÇÃO - Daniel Lopes, R. de Paula Vianna, Wulmar Borges, Francisco de Menezes Mattos, Manoel Alves de Oliveira, Rozendo Ribeiro, Carlos Pinho, Alberico Parente e M. Guilherme.

Toda correspondencia deve ser enviada á Caixa Postal n. 25.

SUMMULA

TRAGEDIAS	Estevam Mosca
POÊMA INTIMO	Gustavo Frota
AMOR	Irinêo Filho
CUMULOS.	Gil Amora
JUSTA HOMENAGEM	C. Pinho
HVMAL	G. de Castro
ESTATUA	Virgilio Brandão
NOTICIAS DIVERSAS	Redação

TYPOGRAPHIA MODERNA

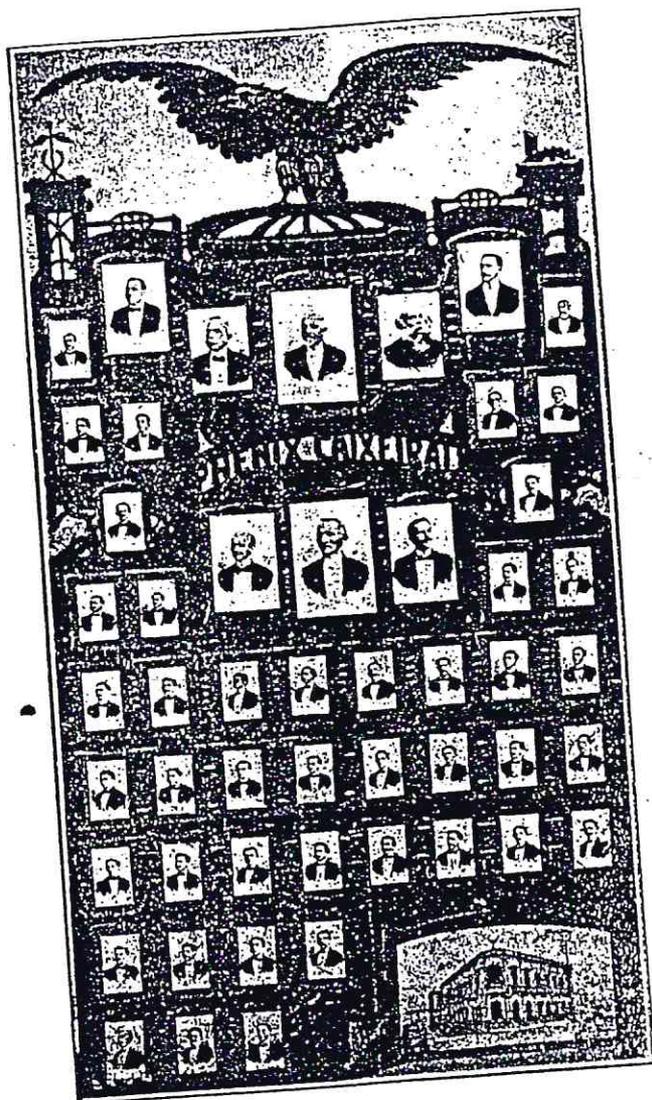
89 - Rua Barão do Rio Branco - 89

FORTALEZA - CEARÁ

IV

PHENIX

mensal sob os auspícios da "PHENIX CAIXEIRAL". Fundada por J. A. Lopes Filho
CEARA'—FORTALEZA—DEZEMBRO DE 1915

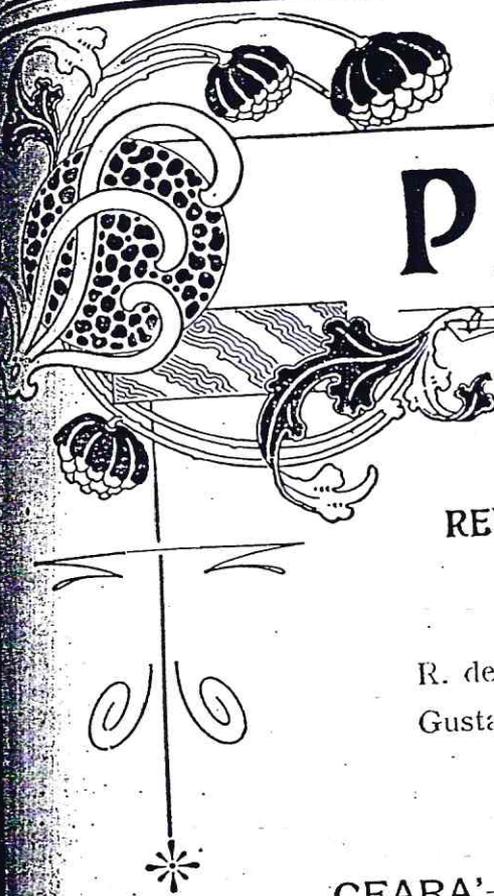


Directoria da benemerita sociedade PHENIX CAIXEIRAL
cujo mandato terminou a 31 de Dezembro actual.

MARÇO

ANNO V

N. XLI



PHENIX

REVISTA DE LETRAS E ARTES

COMISSÃO DIRECTORA

R. de Paula Vianna	Genuino de Castro
Gustavo Frota	Estevam Mosca

CEARA'—FORTALEZA

SUMMULA

SOBRE A GRANDE GUERRA
QUE PENSO DA POESIA

CARTAS

SATANAZ, EM PESSÔA, PROVOCA O
PANICO ENTRE OS SERTANEJOS

O CAMINHO DA GLORIA

LENDO O BELLO SONETO O CA-
MINHO DA GLORIA

NOTICIARIO

Cruz Filho
G. de Castro
Virgilio Gomes

Newton Craveiro
Ramos Netto

Gustavo Frota
Redacção

TYPOGRAPHIA MODERNA—CARNEIRO & C.—CEARÁ





HOMENAGENS E HOMENAGEM

CLUB DE JORNALISMO



OS CONCURSOS DO "IMPARCIAL"



A MORTE DAS ULCERAS

com um especifico importante, ora descoberto
pela Companhia Chimica Therapeutica RADIUM

QUANDO? Hoje e sempre

ONDE? Nas pharmacias e drogarias

QUEM? Sanat Placa.

QUE É ISTO? Pomada

QUE FAZ? Cura qualquer chaga ou ferida.

SÓ? Assombra com a cura aos que padecem desses males.

E tudo mediante a importancia de 3\$000 rs.

Agora é que a Europa curvou-se ante o Brazil!

A POMADA SANAT-PLACA cura radicalmente e com effi-
cacia—chagas, feridas, darthros
eczemas e erysipelas chronicas ou recentes e sejam ellas as
mais refractarias.

Analysada e licenciada pela Directoria Geral de Saude Pu-
blica. Medicos, pharmaceuticos e particulares attestam esponta-
neamente sua efficacia. A mais bella das propagandas está sendo
feita de uma forma invejavel pelas pessoas que a tem usado.

EVITAR AS GROSSEIRAS IMITAÇÕES

A' venda em todas as pharmacias e drogarias

Laboratorio: ESTAÇÃO SAMPAIO—E. de Ferro Central.

Deposito Geral: 114, RUA URUGUAYANA, 114—1. andar

COMPANHIA CHIMICA THERAPEUTICA RADIUM
RIO DE JANEIRO—BRAZIL

Depositarios no estrangeiro: PARIS—Gaston Triot, 61 Rue
de Provence.—LONDRES—Brother Winster & Co., 51 Percy
Street, W. S.—Milão: Giovanne & C., 45, Via Roma.



DR. OTAVIANO DE ABREU
GOULART

Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho

Rio de Janeiro.

Tenho recebido o vosso jornal *Elixir de Nogueira*, cuja remessa me penhoraes.

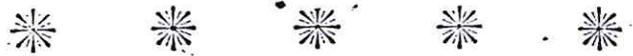
Ha muito que conheço o *Elixir de Nogueira*, do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira, de que elle é propagandista, vae por cerca de 10 annos, posso mesmo dizer que desde o começo de minha clinica civil e militar na cidade de Pelotas, aonde o vosso chefe e nosso amigo o expunha a procura publica para tratamento de molestias syphiliticas e rheumaticas.

Conhecendo-lhe as virtudes therapeuticas e a manipulação escrupulosa tenho prescripto em minha clinica, quer civil quer militar, obtendo sempre optimos resultados.

E por isso o recomendo as pessoas affectadas dessas molestias e aos collegas que não o tenham receitado.

Podeis fazer deste o uso que quizer.

Don Pedrito, 14 de Setembro de 1913.



Thymolino

Sabão liquido deliciosamente perfumado

Antiseptico de primeira ordem empregado com maravilhoso successo na cura de varias dermatoses queimaduras, brotoejas, manchas do rosto, erupções cutaneas, espinhas, etc., etc.

Indispensavel no toucador das damas elegantes.

Limpa admiravelmente a cabeça, destroe a caspa e dá ao cabello o brilho e o vigor da juventude.

Para barbear-se é o melhor, o mais economico e o mais hygienico dos sabões.

Como dentifricio basta uma ou duas gottas applicadas na escova previamente humedecida em agua.

Para os banhos geraes ou parciaes, e especialmente para os banhos de creanças esse producto não encontra outro similar que se lhe possa comparar.

VIDRO: 2\$000

A' venda em toda a parte

Em Fortaleza: Pharmacias M. Mamede, Normal, Pasteur, Pereira e loja Samaritana.

Para destruir as formigas, usar sempre os Formicidas Brasileiro e Guanabara, de Alves Magalhães & C.^a, os quaes se usam em grande

OS TALISMANS

Vos darão grandes poderes que favorecerão em tratamento, médicos, negocio e bem estar.

SAÚDE! FORTUNA! FELICIDADE!

A felicidade entra no nosso lar como um raio de sol n'um dia de inverno, aquecendo aos que tem frio.

A felicidade transpõe inesperadamente os humbrais da nossa casa e, como um sonho encantado, deixa na cabeceira do nosso leito uma fortuna.

Como se adquire a felicidade ?

Tendes algum desejo que, apesar de vossos esforços, não conseguistes ver realizado? Sois infeliz em vossa familia ou em vosso comércio? Precisaís descobrir alguma coisa que vos preocua? Fazer voltar para a vossa companhia alguma pessoa que se tenha separado? Curar promptamente algum vicio de bebida, jogo ou sensualismo? Alguma molestia do cérebro, nervosa, ou qualquer outra? Destruir algum maleficio? Recuperar algum objeto que vos tenham roubado ou que perdestes? Alcançar bom emprego, negócio ou prosperidade? Aumentar o poder da vossa vista ou da memória? Atrair abundância de dinheiro? Ganhar aos jogos? Ser amado pelas mulheres?

Comprai o TALISMAN HIPNO-MAGNETICO. Com ele podereis tambem facilitar casamentos dificeis, reconciliações, obtenção de empregos, resolver favoravelmente dificuldades da vida, etc.

Assim como os pequenos planetas que gravitam em torno dos grandes mundos, assegurando a estes pelo seu cortejo aquilo que consideramos honrarias, — assim aquele que usa os "Talismans" fará resultar automaticamente em seu proveito, mesmo ás vezes sem isso pretender, todas as vantagens da vida — os proventos, o bom êxito, a felicidade em tudo. Na vida de um casal a mulher sentirá que seu amor, suas preocupações desviam-se para aquele que usa os "Talismans"... Na vida social, o homem que usa os "Talismans" ainda que não tenha intenção de adquirir grande clientela, verá que os seus freguezes, sem motivo evidente, lhe dão a preferência sob o pretexto de melhores preços ou simples simpatias. Os que estiverem em condições de falência deixarão de pagar aos credores que mereçam talvez maior gratidão, para solverem integralmente os seus compromissos com os fornecedores que

empregam os "Talismans"... Na vida financeira os banqueiros ou corretores que usam os "Talismans" estarão sempre na lembrança de todo o mundo, para virem á sua mão os bons negócios. Os filhos procurarão sempre ser bons e carinhosos quando seus pais possuem os "Talismans". E' tambem assim que os empregados são mais delicados, que as boas relações nos procuram e que todos se empenham em nos dar provas de amizade, mesmo sem as merecermos ou correspondermos a essas distincções. Um banco vai falir, as apólices vão baixar: o homem que possui os "Talismans" tem sempre quem avise ou salve os seus interesses, mesmo sem que lhe devam favores. Eis o Amor! Eis o sucesso! Eis a felicidade! Eis a fortuna! Tudo vem mui naturalmente, como simples consequência de uma modificação na aura psíquica ou sem pensar em obter tais vantagens!

O homem e a mulher que usam os "Talismans" estão em melhor condição do que aqueles que seguem os preceitos dos manuais do bom-tom ou de saber-viver, além de nada empregarem de nocivo á moral, á religião, á lei e aos bons costumes, são eminentemente úteis pela influencia salutar que sobre o ambiente social exerce sua aura superior; não prevaricam nem cometem atos reprovaveis, porque reconhecem e sentem a desnecessidade desses atos!

Os TALISMANS seguirão em registrado pelo Correio, acompanhados de impresso ensinando qualquer pessoa a u al-os sem necessidade de outras despesas. Nada mais se gastá com a preparação que pode ser feita uma só vez e para sempre. Podeis enviar vosso dinheiro com toda confiança, pois nossa casa é conhecida, e tendo sido fundada no anno de 1905, é, portanto, já antiga.

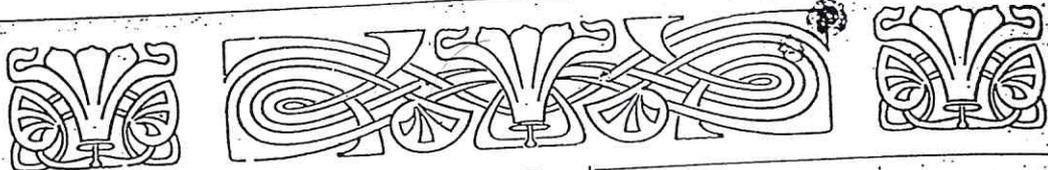
PREÇO 15\$000 réis

Pedir já, em carta registrada com valor ou em vale postal, ao:

INSTITUTO AMERICANO

CAIXA-POSTAL 1677
RIO DE JANEIRO

N. B.—Temos milhares de attestados



FERVEDOR RELAMPAGO

Água fervida em um (1) minuto na quantidade de um litro e meio!... Isto com duas (2) colheres de álcool apenas.

Parece incrível, mas, é a realidade. Quem duvidar que faça como S. Thomé. Duas importantes vantagens avultam neste aparelho: 1 a economia de tempo representa na rapidez de um minuto!..., 2—a economia de dinheiro representada no combustível. O esmalte não se altera ao calor próprio. Conserva a água quente por uma hora, ou resfria-a em (10) minutos. ECONOMIA, PREZEA E ASSEIO. Carta patente universal, nacional n. 6748. Cada aparelho acompanha uma bulla com instruções para o uso, e bem assim, um fogareiro, porém, o fervedor é adaptável a qualquer fogão ou fogo improvisado.

São inumeros os aparelhos já vendidos para os cafés, restaurantes e casas particulares do Rio de Janeiro.

Preço de um aparelho rs. 7\$000

Grandes descontos para revendedores. A' venda em todas as casas de ferragens e louças da Republica.

Mediante a importancia de rs. 8\$000, o abaixo mencionado remette-o pelo correio, a quem n'ó pedir.

Roga-se a clareza nos endereços.

Não se acceta em pagamentos sellos nem estampilhas

FABRICADO PELA

The Fire Iron Company Limited

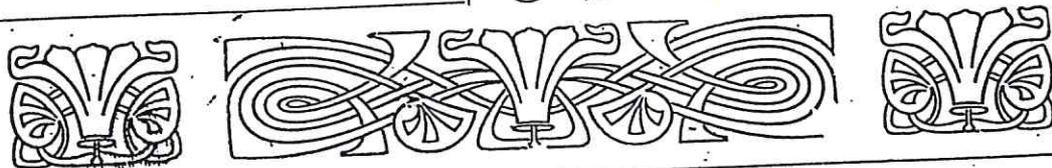
NEW-YORK (U. S. OF A.)

Unico e exclusivo representante para todo o Brasil

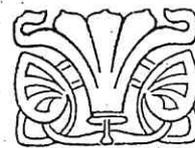
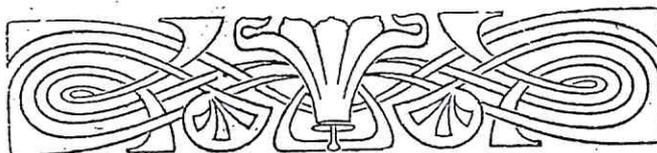
C. COLOMBO

Largo de S. Francisco de Paula, (1º andar)

RIO DE JANEIRO



"Revista Phenix"—Vende-se em todas as livrarias da capit
Exemplar a 400 rs.—Assignatura annual 5\$000.



J. LOPES & C.^{IA}

(CASA FUNDADA EM 1876)

Armazem de fazendas geraes e
miudezas em grosso

IMPORTAÇÃO DIRECTA

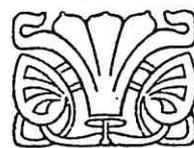
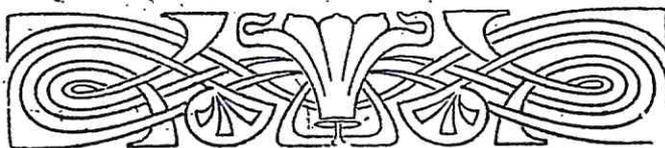
DE

Machinismos e materiaes para industria,
lavoura; etc.

ESCRITORIO—PRAÇA DO FERREIRA N. 50 (moderno)

TELEPHONE N. 121

CAIXA DO CORREIO, 60



A NORTE AMERICANA ¹⁸⁸

Sociedade Mutua por peculios de Nascimentos, Casamentos e Fallecimentos

FUNDADA EM 21 DE DEZEMBRO DE 1913

Seus Estatutos publicados no Jornal Official de 17 de Janeiro de 1914

Registrada na Junta Commercial sob N.º 580

CAPITAL INICIAL Rs. 50:000\$000

DEPOSITADOS NO BANCO DO CEARÁ

SERIES	JOIA	Mensalidades	QUOTAS	PECULIOS
1. ^a	50\$000	5\$000	10\$000	10:000\$000
2. ^a	30\$000	3\$000	5\$000	5:000\$000
3. ^a	20\$000	2\$000	3\$000	3:000\$000
Unica	20\$000	2\$000	5\$000	5:000\$000
Ideal	400\$000		40\$000	70:000\$000

SÉRIE IDEAL—Esta série é de velhos com idade de 30 a 82 annos, sem exame medico, segura duas pessoas, pagando uma só Joia e uma só Quota.

«**A NORTE AMERICANA**»—É a mais importante e preferida pela Elite Cearense, agora mesmo abriu um Concurso de Belleza offerecendo á moça mais bonita um premio de 5:000\$000, cujo premio será entregue perante os representantes da imprensa e auctoridades da localidade.

«**A NORTE AMERICANA**»—É a unica companhia fundada no Norte do Brazil que apenas com dois mezes de fundação, pagou 5 peculios e agora mesmo acaba de pagar 21 peculios no valor de Rs.

42:000\$000

Avante povo' inscrevei-vos quanto antes na "Norte Americana" que cumpre á risca o que promette.

SÉDE EM FORTALEZA

Escriptorio: Praça do Ferreira 53 e 55 (Sobrado)—Ceará - Fortaleza